

VOL.16 - Nº 33 - JUNHO DE 2005

ISSN 1676-0336

TERCEIRA IDADE

SESC SP

**O Lúdico como Instrumento Cultural
de Aproximação de Gerações**



entrevista
Anselmo Duarte



ATERCEIRAÍDADE

VOLUME 16 - Nº 33 - JUNHO 2005
Publicação técnica editada pelo SESC
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ISSN 1676-0336

SESC SP

A Terc. Id.	São Paulo	v.16	n.33	p. 1 - 116	junho/2005
-------------	-----------	------	------	------------	------------

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional do SESC/SP

Danilo Santos de Miranda

Superintendente Técnico-Social

Joel Naimayer Padula

Superintendente de Comunicação Social

Ivan Giannini

Gerente de Estudos e Programas da Terceira Idade

Ruí Martins de Godoy

Gerente de Artes Gráficas

Eron Silva

Comissão Editorial

José Carlos Ferrigno (Coordenação)

Claúdio Alarcon

Evelim Moraes

Fernando Fialho

Glaucianne das Mercês

Lília Ladislau

Maria Aparecida Ceciliano de Souza

Maria Lucia Del Grande

Maria Silvia de Souza Mazin

Marta Lordello Gonçalves

Newton Cunha

Regina Célia Sodré Ribeiro

Projeto Gráfico - Gerência de Artes Gráficas

Equipe: Cristina Miras, Daniel Silva, Daniel Viana, Erica Dias, Kelly Santos,
Lourdes Teixeira, Lucilene Alves, Marilu Donadelli, Roberta Alves, Sérgio Afonso.

Fotografias: Capa e página 33: Gal Oppido. 2ª capa, páginas 4, 7, 9, 10, 16, 23, 26, 44, 72, 73, 82, 85, 90, 96: Emidio Luisi. Páginas 12, 19, 22, 40, 41, 53, 55, 58, 61, 67, 76, 79, 81, 99: Lenise Pinheiro. Páginas 54, 87 e 92: Eron Silva. Páginas 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114 e 115: Nilton Silva

Artigos para publicação podem ser enviados para apreciação da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista A Terceira Idade - Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) - Av. Paulista, 119 – 9º andar - CEP 01311-903 – Fone: (011) 3179-3570 Fax: (011) 3179-3573 e-mail: ferrigno@paulista.sescsp.org.br

A Terceira Idade/Serviço Social do Comércio. ST-Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1 n. 1 (set. 1988)- São Paulo: SESC-GETI, 1988-

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos I. Serviço Social do Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:
Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP)
Sumários Correntes de Periódicos Online
SIBRA (SIBRADID - Sistema Brasileiro de Documentação e Informação
Desportiva - Escola de Educação Física - UFMG)

Esporte para Idosos – uma
abordagem inclusiva

Comissão de Estudos sobre Esporte para Idosos – SESC SP
Coordenação: Maria Aparecida Ceciliano de Souza

7



Responsabilidade Social e Envelhecimento

Olga Facciola Kertzman

22



A Influência da Qualidade do
Sono sobre a Memória de
Idosos Saudáveis

Denise Cuoghi de Carvalho & Fabiana Castillo Roda Carvalho

40



O Ambiente Asilar e a
Qualidade de vida do Idoso

Adriana Coutinho de Azevedo Guimarães & Joseani Paulini Neves & Sidney Ferreira Farias

54



O Ministério Público na Defesa dos
Direitos do Idoso

Roberta Terezinha Uvo & Maria de Lourdes Alves Lima Zanatta

72



O Lúdico como Instrumento Cultural
de Aproximação de Gerações

Alessandra Velloso de Aguiar

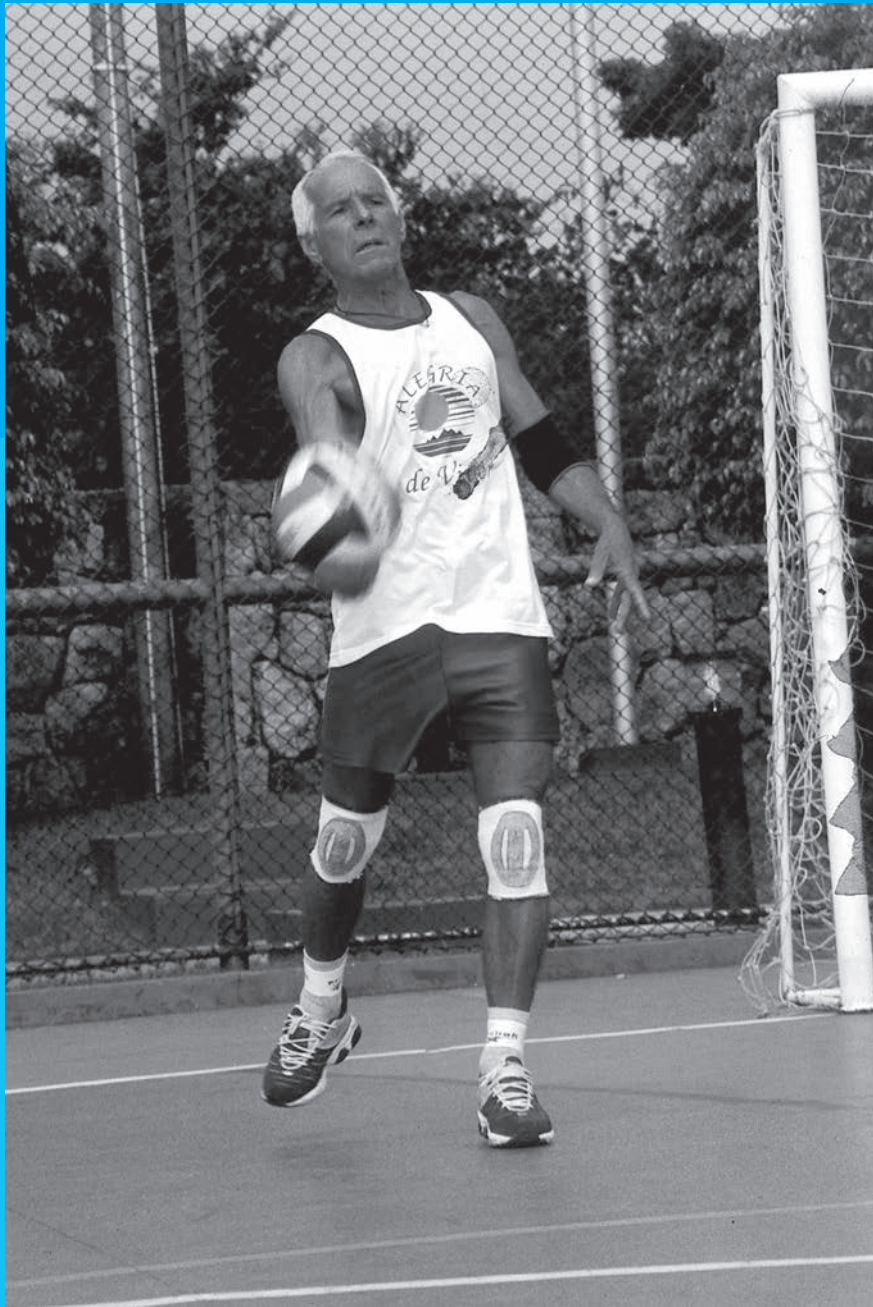
85



ENTREVISTA

Anselmo Duarte





Os Cuidados com o Corpo e com a Mente na Terceira Idade

Vivemos um momento da história em que as preocupações com a estética corporal são intensas e permeiam fortemente nosso imaginário e nosso cotidiano. Novas tecnologias que possibilitam alterações no formato do corpo, como a lipoescultura, fazem dos ancestrais sonhos de preservação da juventude, algo supostamente cada vez mais próximo. O impressionante desenvolvimento científico das últimas décadas nessa área colabora para eclosão de profecias atrevidas como a de que num futuro, ainda que distante, o ser humano ao repor tecidos e órgãos, alcançará a imortalidade física.

Mas, independentemente dessas instigantes divagações, é preciso constatar também o quanto a indústria do corpo saudável e belo, ao prometer sucesso e felicidade, prosperou com a criação de inúmeros produtos cuja comercialização movimentou somas espantosas em todo o mundo. Nesse contexto, a Terceira Idade representa um segmento de mercado altamente lucrativo e em franca expansão. As academias de ginástica têm entre seus frequentadores um contingente cada vez maior de pessoas idosas. Todavia, se, por um lado, todos nós, idosos ou não, podemos ser prêsas fáceis desse clima global de consumismo, por outro, não há dúvida quanto à necessidade de cuidarmos bem de nosso corpo, se quisermos qualidade de vida na fase da velhice.

Nessa perspectiva, em seus 42 anos de existência, o Trabalho Social com Idosos do SESC São Paulo, programa pioneiro no Brasil de atividades socioculturais voltadas à Terceira Idade, apresenta como um de seus principais objetivos a manutenção e a prevenção da saúde física dos mais velhos. Aliás, tal preocupação se estende a todas as faixas etárias atendidas pelo SESC. Os benefícios da atividade física para os idosos são notáveis. Diariamente nossos técnicos colhem

depoimentos espontâneos de pessoas de avançada idade que após algumas semanas de práticas físicas já trazem mais sacolas da feira ou dispensam o elevador para subir por escadas. Enfim, passam a ter nova disposição para as atividades da vida diária.

Para que a ação do SESC na área da atividade física seja cada vez mais eficaz, temos proporcionado constantes cursos e treinamentos aos nossos professores e os incentivado a refletir sobre sua prática na clara intenção de construir novos conhecimentos em prol da população que temos atendido. Um dos resultados desse esforço está concretizado na pesquisa de um grupo de técnicos da instituição sobre a prática de atividades esportivas na Terceira Idade. Dessa investigação, destacamos a importante conclusão de que o esporte também para os idosos proporciona, além do desenvolvimento físico, a sociabilidade ao promover o convívio e o trabalho em grupo. O esporte, portanto, se constitui em um importante fator de inclusão social na Terceira Idade.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC São Paulo

Esporte para Idosos: uma abordagem inclusiva



Resumo

Adotar e manter um estilo de vida saudável compreende, entre vários outros aspectos, a inclusão da prática regular de atividades físicas. Entre as muitas possibilidades de práticas corporais, o esporte se destaca como importante ferramenta de inclusão social, interação e manutenção das condições físicas, aspectos fundamentais na relação entre saúde e envelhecimento, proporcionando maior integração na sociedade e melhoria da qualidade de vida dos idosos. O esporte é um dos fenômenos socioculturais mais importantes e característicos da nossa época, porém, ainda é muito presente sua associação com a performance, a competição e a juventude, o que afasta muitas pessoas da sua prática, inclusive os idosos. Assim, ao propor a prática esportiva para idosos, é fundamental estabelecer um processo de sensibilização e aproximação gradativa ao esporte e suas possibilidades, evidenciando que a capacidade de aprendizagem e desenvolvimento continua ao longo da vida e que o idoso pode adquirir novas experiências, vivenciar práticas diversas, desenvolver capacidades físicas, melhorar a qualidade de movimento e, com isso, diminuir ou retardar perdas determinadas pelo processo de envelhecimento. Neste estudo, propomos a reflexão sobre conceito, objetivos, metodologia, estratégias e conteúdos para o desenvolvimento de programas de esporte para idosos, considerando os benefícios e as muitas alternativas dessa prática.

Palavras chaves: esporte, atividade física, idosos.

Abstract

Adopting and keeping a health life style comprises, among other aspects, the inclusion of regular physical activity. Sport, among many other physical practice possibilities, is remarkable as an important tool in social inclusion, interaction and maintenance of physical condition, fundamental aspects in the relationship between health and aging, allowing greater interaction with society and improving life quality for the elderly. As one of the most important socio-cultural phenomenon and characteristic of the present day, sport, however, is still closely linked and associated with performance, competition and young people, preventing many people from practice, including the elderly. In this manner, when proposing sporting practice for the elderly, it is fundamental to establish a process of increasing awareness and a gradual approach to sport and its possibilities, emphasizing that learning development and capacity continues throughout life, and that the elderly can gain new experiences, experiment varied practices, develop physical abilities, improve the movement quality, and as result, reduce or delay losses determined by the aging process. In this study, we propose some considerations about concept, objectives, methodology, strategies and contents for the development of sporting programs for the elderly, considering the benefits, and the numerous alternatives to this practice.

Keywords: sport; physical activity, elderly.

COMISSÃO DE ESTUDOS SOBRE ESPORTES PARA IDOSOS DO SESC SP
Coordenação:
MARIA APARECIDA CECILIANO DE SOUZA

Licenciada em Educação Física, com especialização em Lazer e Animação Sócio Cultural e Gerontologia. Assistente da Gerência de Desenvolvimento Físico Esportivo do SESC São Paulo.

Introdução

Este artigo é um resumo do estudo sobre “Esporte para Idosos” realizado de abril a dezembro/2004, por uma comissão de técnicos do SESC São Paulo, sob a coordenação das Gerências de Desenvolvimento Físico-Esportivo (GDPE) e de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI), com o intuito de fundamentar e redirecionar o trabalho prático na área de esportes para idosos, guiado pela definição de conceitos, objetivos e metodologia, além da formulação de propostas de ação.

O referido estudo faz parte da constante reflexão e discussão que permeia as ações da instituição e, portanto, não é conclusivo. Apresenta uma série de indicadores que poderão nortear a condução dos programas para idosos na área de esportes, tanto no SESC como em outras instituições, e que devem ser ampliados com os estudos, pesquisas, experiências e troca de informações entre os profissionais da área.

O Programa de Atividades Físicas para Idosos no SESC teve início em 1974 e a prática esportiva na década de 80, sendo desenvolvida, desde então, nas diversas unidades. Com a proposta de um trabalho integrativo, o SESC São Paulo adota uma visão de aprimoramento corporal que implica na melhoria da qualidade de vida em três níveis de expressão: físico, mental/psíquico e sociocultural, além de relacionar o trabalho corporal com as atividades cotidianas. A educação para o movimento, a descoberta da atividade adequada e prazerosa e a orientação para a prática correta da atividade física são alguns dos aspectos presentes nos programas de desenvolvimento físico-esportivo da instituição.

Atividade Física e Envelhecimento

A busca por melhores condições de vida é pautada na autonomia e na realização pessoal e, no caso dos idosos, a autonomia assume papel fundamental nas relações entre saúde e envelhecimento, mantendo sua integração na sociedade. Estar inserido socialmente e manter o nível de atividade desejada depende, principalmente, de níveis mínimos de aptidão funcional, o que determina a importância da atividade física na melhoria de qualidade de vida do idoso.

Além da saúde corporal e da redução do estresse, a atividade física tem uma outra característica importante: favorece a sociabilidade, ensinando o trabalho em equipe e facilitando o relacionamento das pessoas na busca de objetivos comuns. Quando bem organizada, constante e prazerosa promove benefícios à saúde e propicia maior longevidade, amenizando as alterações fisiológicas, funcionais, sócio-afetivas e psíquicas comuns ao envelhecimento.

Estudos comprovam que o desenvolvimento, inclusive motor, continua ao longo de todo o curso de vida do ser humano. No caso dos idosos, o conceito de desenvolvimento pode ser entendido como uma relação de perdas e ganhos, cujas mudanças ao longo do ciclo de vida determinam uma capacidade adaptativa, alterando os padrões de movimento. Embora existam perdas em diversos aspectos, a capacidade de aprendizagem e desenvolvimento não se esgota."



Como processo de adaptação e, conseqüentemente, de desenvolvimento e melhoria da qualidade de movimento, as capacidades físicas podem ser exercitadas e desenvolvidas através de uma prática regular, diminuindo ou retardando perdas determinadas pelo processo de envelhecimento.

Existem diversas possibilidades de atividades a serem desenvolvidas: ginástica, ginástica com aparelhos, natação, hidroginástica, danças, yoga, tai chi chuan, alongamento e outras técnicas corporais em geral. Entre as muitas possibilidades, o esporte se destaca como importante ferramenta de inclusão social, interação e manutenção das condições físicas.

Esporte para Idosos

A origem do esporte está vinculada ao jogo, presente desde os primórdios da humanidade. Alguns autores definem o esporte como o jogo institucionalizado, que se submete a regras e instituições específicas, amadoras ou profissionais, cuja principal característica é o desempenho físico, a competição.

Tendo como destaque os Jogos Gregos da Antiguidade e os Jogos Olímpicos da Era Moderna, o esporte, ao longo dos anos, se transformou em importante manifestação sociocultural, influenciando e interagindo em diferentes esferas sociais, tais como economia, educação, lazer, saúde, política, meios de comunicação, entre outras.



Atualmente o esporte possui três dimensões sociais: educação, participação e performance, e assume formas antes não consideradas, como os esportes intelectivos, de identidade cultural e expressão corporal. Com a difusão de programas de Esporte para Todos e campanhas de saúde, pessoas de todas as idades e diferentes níveis sociais passaram a incorporar a atividade física em seu cotidiano.

Ainda hoje, porém, existe um conceito muito presente que associa o esporte à performance, à competição e à juventude, o que afasta muitas pessoas da prática esportiva, especialmente os idosos.

No início do século XX e até os primeiros anos da década de 1970, a Educação Física Escolar utilizava métodos tradicionais de ensino e visava o condicionamento do gesto motor. O acesso ao esporte era restrito à elite e direcionado principalmente ao público masculino, que participava em esportes como o Remo, a Natação, o Futebol. Essas características, associadas à repressão sexual, afastavam as pessoas da relação com o próprio corpo e, conseqüentemente, da prática corporal. Com isso, percebe-se que uma grande parcela dos idosos de hoje não entrou em contato com a prática esportiva em sua juventude, por questões culturais e/ou de impossibilidade de acesso.

Ao propor um programa de esportes para idosos, é importante considerar que o idoso pode adquirir novas experiências, resgatar gestos motores e vivenciar atividades esportivas como forma de integração e aprendizagem de novos elementos culturais. Para tanto, é fundamental estabelecer um processo de sensibilização e aproximação gradativa ao esporte e suas possibilidades.

Independente do esporte-espetáculo, propagado pela mídia, existem milhões de pessoas que, desvinculadas da competição, buscam, na prática do seu esporte preferido, o convívio social, a descontração e o lazer. Isso demonstra que a atividade esportiva pode ser adequada a qualquer pessoa, independente de idade ou grau de habilidade.

Visando enfatizar a natureza educacional do esporte que, nesse sentido, deve se constituir em meio e não em fim, muitos estudos se voltam para a pedagogia do esporte e entre elas está a pedagogia do “jogo possível”. Segundo Roberto Paes (2002), essa proposta permite a adaptação de espaços, regras e materiais, possibilitando a participação de um maior número de pessoas, numa perspectiva inclusiva, oferece a oportunidade de compreender a lógica técnica e a tática do jogo coletivo e busca um equilíbrio entre a cooperação e a competição.

O esporte como forma de lazer, praticado no SESC São Paulo, fundamenta-se em valores como: inclusão social, desenvolvimento da cultura esportiva, alfabetização corporal, participação informal e criativa, entre outros, e se torna um instrumento eficaz para a melhoria da saúde, de inserção de valores educacionais, de cooperação e solidariedade entre pessoas e grupos de todas as idades.

Para o idoso que se permite vivenciar o esporte, essa prática se apresenta como um momento de encontro, diversão e aprendizado. Assim, o esporte pode cumprir seu papel social, psicológico e físico, pois oferece oportunidade para exercitar as capacidades físicas e habilidades motoras, proporcionando mais autonomia, bem como a possibilidade da expressão corporal, ampliação da comunicação e dos relacionamentos, criando novos círculos de amizades.

O esporte para idosos tem como finalidade promover o bem-estar e a saúde, a melhoria da condição física e a interação social, podendo ser praticado de forma competitiva ou como atividade recreativa e de lazer. Desenvolvido por meio de uma prática que permite o acesso a todos, apresenta atividades reorganizadas em seus elementos básicos como regras, equipamentos e metodologia, respeitando-se os limites, interesses e necessidades de cada um. Assim, podemos destacar os seguintes objetivos:

- Propiciar o trabalho em grupo, desenvolvendo o espírito comunitário de integração e cooperação;
- Fortalecer as parcerias e relações pessoais;
- Propiciar o desenvolvimento e aquisição de habilidades;
- Promover a educação e reeducação dos movimentos, melhorando a coordenação, ritmo, reflexos e equilíbrio;
- Destacar as potencialidades e não as limitações, melhorando a auto-estima e auto-imagem.
- Possibilitar a superação de desafios e o aprendizado da vitória e derrota;
- Estimular a disciplina, respeito e tolerância;
- Propiciar a participação de todos, independente de habilidade ou condição física;

“O conhecimento é algo que não está pronto, acabado, ele é, segundo diversas teorias de ensino, construído pela interação do indivíduo com o meio físico e social. Essa construção é um processo individual, pois cada um tem um repertório de experiências diferentes, formas próprias de interagir com o meio e de responder aos diversos estímulos.”



Metodologia

O idoso tem características próprias, como: a necessidade de troca afetiva, de movimento, de sociabilização, de independência, de melhorar seus hábitos diários, de quebrar a rotina e de obter bem-estar físico e mental. Portanto, para desenvolver uma proposta metodológica deve-se observar as finalidades da atividade, as características do idoso, suas necessidades, interesses e aspirações.

O desenvolvimento é relacionado com a idade, mas não depende dela. Aprender é um processo que se inicia a partir do momento em que nascemos e não finda. A cada fase da vida o aprendizado pode ser efetivado, pois aprender é modificar uma situação e adaptar-se frente ao novo.

“Se o movimento é primordial nas etapas iniciais da vida, durante o envelhecimento ele é imprescindível. Isto se deve à necessidade do idoso em adaptar-se ao corpo em envelhecimento, o que reflete de forma marcante no grau de autonomia/independência destes indivíduos” (SANTOS et al. , 2004).

Estudos recentes apontam que, ao experimentar novas propostas corporais, o idoso faz uma adequação do gesto, que faz parte do seu acervo motor, para responder a uma nova necessidade apresentada. Isso demonstra a importância de oferecer o maior número de experiências motoras, favorecendo a assimilação do movimento por meio da adaptação do gesto. A aprendizagem motora é um processo contínuo que propicia o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social.

Na prática esportiva o indivíduo pode conhecer suas limitações e desenvolver potencialidades, que antes ele não havia percebido. O envelhecimento é individual e desigual, isto é, cada indivíduo envelhece de uma forma própria, e cada parte de seu corpo envelhece em tempo diferente, possibilitando assim compensações que, por sua vez, facilitarão o processo ensino-aprendizagem.

Na literatura pesquisada não encontramos teorias pedagógicas específicas para o idoso, no entanto, algumas teorias podem ser aplicadas no trabalho de esportes.

O conhecimento é algo que não está pronto, acabado, ele é, segundo diversas teorias de ensino, construído pela interação do indivíduo com o meio físico e social. Essa construção é um processo individual, pois cada um tem um repertório de experiências diferentes, formas próprias de interagir com o meio e de responder aos diversos estímulos.

Segundo a teoria construtivista, elaborada por Piaget, o sujeito humano e o objeto são projetos a serem construídos e se constituem mutuamente na interação. Para que isso ocorra algumas condições devem ser respeitadas:

- *Experiência*: é o contato do organismo com a realidade ou a interação do sujeito com o objeto, determinante na construção do conhecimento.
- *Interação com o meio*: na relação com o meio físico e social, o ser humano cria e transforma seus modos de ação com o mundo.

- *Equilíbrio*: é o aumento do conhecimento provocado por desequilíbrios do organismo propiciado por situações conflitantes (atividades que geram ensino-aprendizagem), para a efetivação do aprendizado.

O caminho da construção passa pela exploração do meio e do material, pela descoberta das possibilidades que o objeto de conhecimento traz, pela combinação de coisas já conhecidas que desencadeiam a internalização de novos conceitos. O acúmulo de bagagem motora proporciona a seleção do que interessa ao indivíduo no momento de necessidade e influencia também no bom desempenho motor.

O adulto velho possui uma memória motora construída ao longo da vida que pode ser explorada por meio do resgate das habilidades motoras como andar, correr, saltar, saltitar, arremessar, rebater, quicar, entre outras, mesmo com pessoas que nunca vivenciaram a prática de esportes.

Com o estímulo à prática e à variação de movimentos, o que era apenas uma habilidade torna-se uma diversidade de experiências motoras, onde os movimentos vivenciados pelo próprio aluno geram uma relação corpo – objeto – espaço – tempo, que facilitará a adaptação gradual e o aprendizado dos movimentos específicos do esporte.

Os conceitos e objetivos inicialmente apresentados, indicam algumas diretrizes para a condução de propostas de prática esportiva com idosos, como:

- *Motivação*: as atividades não deverão estar além ou aquém das possibilidades e expectativas dos praticantes para que motivem a participação, procurando valorizar sempre as potencialidades e a descoberta de novas habilidades.
- *Integração*: fazer com que o idoso participe e sinta-se integrado ao grupo, priorizando sempre a participação em conjunto.
- *Adequação e acessibilidade*: promover atividades que estejam de acordo com as possibilidades de movimento de todo o grupo e de cada participante, pois os idosos não possuem as mesmas características de movimento, de ritmo ou intensidade de trabalho. A dificuldade do exercício não deve ser um impedimento para a participação.
- *Progressividade*: as atividades são desenvolvidas progressivamente, das mais simples para as mais complexas.
- *Adaptação*: manter características similares ao que é desenvolvido tradicionalmente em cada esporte, permitirá a participação em situações cotidianas de lazer. No entanto, no processo de aprendizagem é importante adequar estas características conforme as necessidades e habilidades do idoso, partindo do esporte mais adaptado ao menos adaptado.
- *Inclusão*: o tempo de jogo e o número de participantes poderão ser alterados para a participação de todos ou de uma maioria ao mesmo tempo, independentemente do grau de habilidade.

• *Intervenção não diretiva:* o professor é um facilitador, permitindo ao aluno construir seu próprio movimento, compatível com sua corporeidade e elaborado por meio da sua percepção corporal. O método não diretivo proporciona uma aprendizagem permanente, criativa e prazerosa.

• *Desenvolvimento integral:* as atividades devem contemplar as dimensões motora, cognitiva e afetiva, considerando o indivíduo como um todo e o contexto sociocultural em que está inserido.

• *Transferência para o cotidiano:* é importante que a prática esportiva favoreça a manutenção de capacidades físicas básicas necessárias para a realização de atividades da vida diária, promovendo autonomia.

Estratégias

As estratégias a serem adotadas com o grupo dependerão do perfil de público a ser atendido e da proposta de programação (aprendizagem, prática, recreação ou competição).

A programação esportiva para idosos deve contemplar as diferentes dimensões do esporte, enquanto integração, participação, recreação e também a competição. O aprendizado e a experimentação podem ser realizados por meio de cursos para iniciantes e praticantes, vivências e clínicas de diversas modalidades, recreação livre ou dirigida, além de festivais e eventos esportivos.

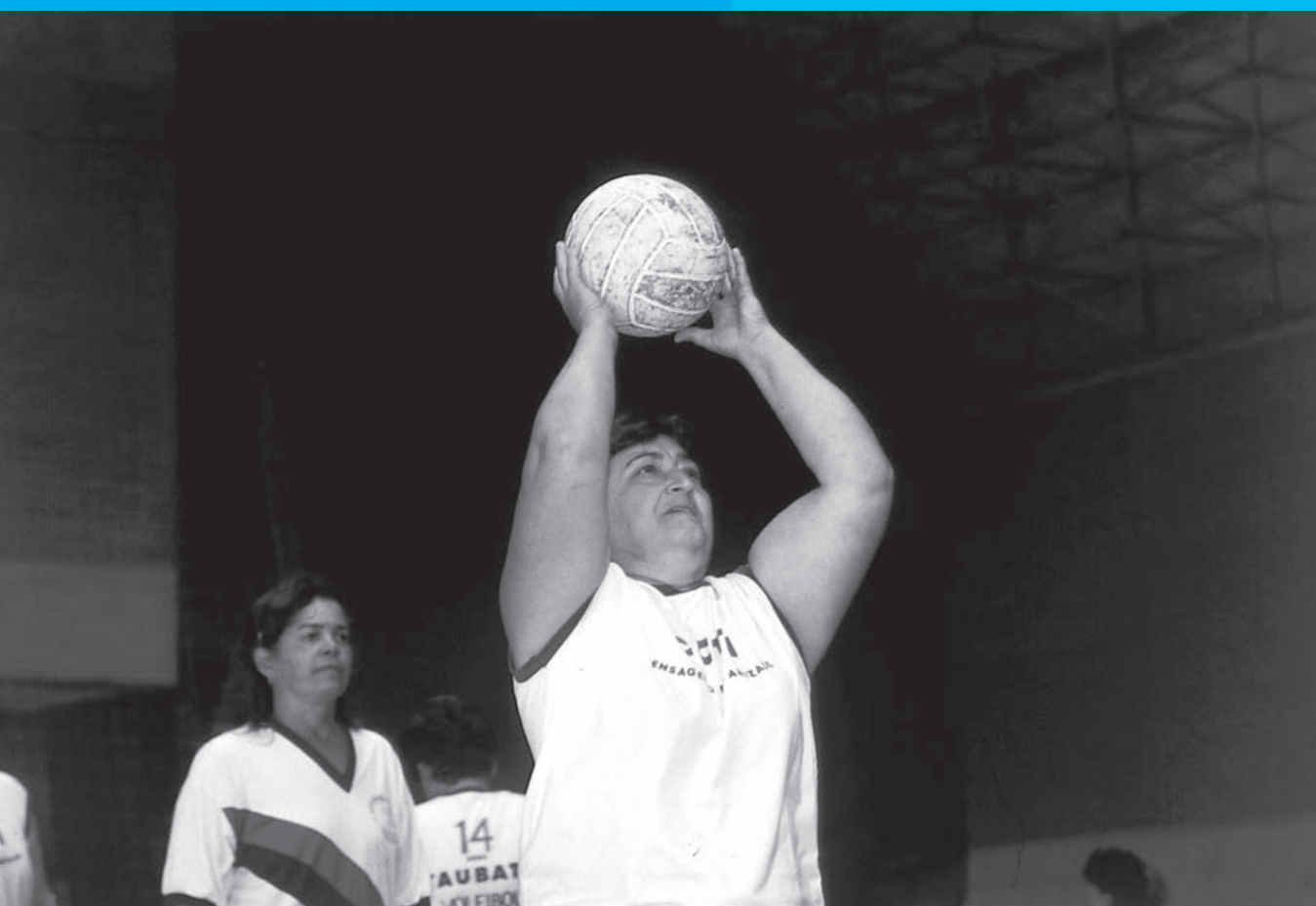
Na realização das atividades, pode-se usar tanto jogos lúdicos como esportes tradicionais, com a devida adequação em suas regras, formato, equipamentos, ritmo e intensidade, para facilitar seu desenvolvimento e, com isso, evitar riscos de quedas e lesões. Estes cuidados são direcionados, principalmente, aos jogos e esportes de quadra ou campo que, em suas formas originais, exigem um esforço físico intenso, capaz de causar riscos à saúde dos idosos.

É importante apresentar um maior número de modalidades, possibilitando ao idoso o acesso às diversas práticas esportivas, com estratégias diferenciadas, para que se mantenha a motivação e o interesse do grupo pela atividade.

Como processo educativo e democrático, é importante ter a participação do grupo com idéias e ações, elaborando em conjunto com os participantes a forma de desenvolvimento do jogo e as possibilidades de alterar as regras e os materiais, como por exemplo, aumentar o número de jogadores em cada equipe, utilizar duas ou mais bolas ao mesmo tempo, aumentar o número de passes ou variar o tipo de

“Na realização das atividades, pode-se usar tanto jogos lúdicos como esportes tradicionais, com a devida adequação em suas regras, formato, equipamentos, ritmo e intensidade, para facilitar seu desenvolvimento e, com isso, evitar riscos de quedas e lesões.”

“A combinação dos fundamentos técnicos e a interação com o grupo levam à prática do jogo. Aqui se aplica a reflexão sobre o aprendizado dos fundamentos para jogar ou a prática do jogo informal e lúdica que, automaticamente, levam ao aprendizado dos fundamentos. “



bola. É no processo de negociação de cada jogo que se constroem novos valores e uma prática social.

A combinação dos fundamentos técnicos e a interação com o grupo levam à prática do jogo. Aqui se aplica a reflexão sobre o aprendizado dos fundamentos para jogar ou a prática do jogo informal e lúdica que, automaticamente, levam ao aprendizado dos fundamentos. Como questiona Roberto Paes (2002): aprender para jogar ou jogar para aprender? Acredita-se que o equilíbrio entre as duas estratégias pode contribuir para um aprendizado natural do esporte, em que o fundamento técnico é secundário, mas necessário, e a vivência da prática de jogo é o grande objetivo.

É necessário verificar as dificuldades dos alunos quanto ao uso dos equipamentos e realizar as adequações quando for o caso. Algumas possibilidades podem ser citadas como tamanho, peso, cor e aderência do material.

Em algumas modalidades com maior contato físico como o basquete, o handebol, o futebol e o hóquei, podem ser utilizadas bolas mais leves e menores. Os equipamentos de plástico podem substituir os de madeira ou ferro possibilitando assim a prática de esportes como a bocha, a malha e o lançamento de disco em uma quadra com piso de madeira. Assim como os implementos, os espaços também podem sofrer adequações, como tamanho da quadra ou campo, tipo de piso, espaço na piscina, altura da rede, entre outros.

As adequações de formato, regras e equipamentos variam de acordo com o grupo a ser trabalhado.

Grupos Iniciais

Com este grupo de interesse podemos apresentar propostas de vivências e cursos de iniciação esportiva. Alguns procedimentos indicados:

- Apresentar diversas situações e estímulos que conduzirão o aluno ao domínio da modalidade;
- Iniciar o trabalho com uma estrutura simples e progressivamente chegar às mais complexas;
- Permitir que os idosos vivenciem uma variedade de atividades motoras;
- Proporcionar tempo suficiente para adaptação aos movimentos e equipamentos;
- Dar oportunidade para tomada de decisões em relação a melhor forma de execução dos movimentos e controle do corpo;
- Promover atividades simples, sem excesso de regras, em pequenos e grandes grupos, possibilitando a participação efetiva do aluno;
- Permitir a construção coletiva da dinâmica do jogo;
- Diversificar o trabalho utilizando jogos cooperativos e pré-desportivos.

Grupos de praticantes

Com este grupo de interesse podemos trabalhar com os clubes de esportes – pessoas que se reúnem para praticar – ou com a recreação livre e dirigida. Alguns procedimentos indicados:

- Estimular a diversidade da prática por meio de jogos pré-desportivos;
- Direcionar o desenvolvimento do trabalho para o esporte propriamente dito;
- Estimular atividades coletivas com o objetivo de estabelecer a convivência, a tolerância e o prazer de jogar;
- Incentivar comportamentos de respeito às diferenças e limitações;
- Estimular a cooperação;
- Proporcionar intercâmbios;
- Despertar no indivíduo a percepção de outras possibilidades para a autogestão.

Para ambos, é importante que se apresentem oportunidades de encontros por meio de festivais, torneios, promovendo intercâmbio e integração. Nesses eventos esportivos é fundamental valorizar o trabalho educativo, incentivar uma postura ética, promover a inclusão de um maior número de participantes e ressaltar os aspectos positivos da competição como integração, participação, superação de desafios e trabalho em equipe. Uma possibilidade de trabalho é a diversificação de públicos e a mescla de diferentes grupos na formação de equipes.

Conteúdos

São inúmeras as possibilidades de trabalho com os esportes. Praticamente todas as modalidades esportivas podem ser abordadas, com maior, menor, ou nenhum grau de adaptação, dependendo das características do grupo, dos objetivos propostos e das peculiaridades de cada modalidade.

O mais importante é a diversificação do trabalho, oferecendo oportunidade de conhecimento e experimentação de diferentes modalidades. Neste estudo foram levantadas diversas possibilidades de desenvolvimento de modalidades tradicionais e também diferenciadas, com algumas sugestões de variações de formato. Entre elas destacamos:

- Atletismo (revezamentos, caminhada com barreiras, lançamentos e marcha);
- Esportes de quadra e campo (voleibol, basquete, handebol, futebol, beisebol e peteca);
- Esportes aquáticos (biribol, basquete aquático, pólo aquático);
- Esportes de salão (bocha, boliche, malha e petanca);
- Esportes com raquetes (badminton, tamboréu, tênis de mesa e de campo).

Além das modalidades aqui sugeridas, existem muitas possibilidades de trabalho na área esportiva, seja em esportes tradicionais, esportes diferenciados e de

aventura. Muitos idosos se aventuram na prática de modalidades como trekking, corridas de aventura, arvorismo, rapel, escalada esportiva, arco e flecha, entre outras. Algumas modalidades menos conhecidas também podem ser vivenciadas, como o shuffleboard e o quimbol.

Caberá aos profissionais a seleção de conteúdos, a definição de formatos e a utilização de diferentes estratégias, de acordo com a realidade local, bem como a pesquisa de novas possibilidades.

Considerações Finais

A participação do idoso em todas as áreas é crescente, tanto em número como em significado, e é fundamental que se dê atenção a esse segmento populacional, apresentando inúmeras oportunidades de atendimento, seja na área cultural, social ou política.

Propostas de programas de atendimento a essa classe da população devem considerar suas características próprias e atentar para todas as suas necessidades. Assim, a prática esportiva com idosos, além da ênfase nas características de inclusão, participação solidária, tolerância ao diferente e respeito às individualidades, deve se pautar na democratização do acesso a essa prática, possibilitando um desenvolvimento integral e a valorização do esporte como expressão da cultura.

Para o bom desenvolvimento de um trabalho com idosos é fundamental a capacitação constante da equipe de profissionais envolvidos, no sentido de adquirir conhecimentos específicos sobre esse público, nos diversos aspectos (físicos, psíquicos, sociais e afetivos), para atualização e aprimoramento na condução dos programas.

Cabe ressaltar, ainda, que além de um trabalho específico com os diferentes grupos etários, necessário em função das características físicas, psicológicas e sociais de cada grupo, é muito importante a elaboração de propostas que permitam a aproximação das diferentes gerações, promovendo interação entre elas e estimulando o processo de co-educação.

* Comissão de Estudos sobre Esporte para Idosos – SESC SP

Jaime Cavalcante, Jesus Aroca, José Olympio Garcia Neto, Maria Aparecida Ceciliano de Souza, Maria Ivani R. B. Gama, Paulo Castilho Gonçalves, Regina Celia S. Ribeiro, Simone Cilli.



- BARROS, Turíbio Leite de. *A prática da atividade física segura*. São Paulo: SESC, 2001.
- BAUR, Robert; EGELER, Robert. *Ginástica, jogos e esportes para idosos*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1998.
- GALLAHUE, Davis L.; OZMUN, John C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte, 2001.
- GÉIS, Pilar Pont. *Atividade física e saúde na terceira idade*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GOLDFARB, Delia Catullo. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- HERZBERG, Eliana; FIORI, Wagner da Rocha; RAPPAPORT, Calara Regina. *Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento - conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1993.
- LE BOULCH. *Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: ArtMed, 1987.
- LOWEN, Alexander. *Alegria: a entrega ao corpo e à vida*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1995.
- . *Bioenergética*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1995.
- MAGILL, Richard. *Aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: Edgar Blucher, 2000.
- MARQUEZ FILHO, Ernesto. *Atividade física no processo de envelhecimento*. São Paulo: SESC, 2003.
- . *Desporto adaptado para idosos*. In: *Ginástica, dança e desporto para terceira idade*. Brasília: SESI/DN – INDESP, 1999.
- MATSUDO, Sandra. *Envelhecimento e atividade física*. Londrina: Midiograf, 2001.
- MAZO, Giovana Zarpellon. *Atividade física e os idosos: uma concepção gerontológica*. Porto Alegre: Sulina, [s.d.].
- NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001.
- . *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1999.
- OKUMA, Silene S. *O idoso e a atividade física: fundamentos e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1998.

- ORBAN, William A. R.; WARGON, Yvonne; THÉBERGE, Sonia. *Manual de ginástica e bem-estar para a terceira idade: para uma velhice feliz e saudável*. São Paulo: Marco Zero, 1993.
- PAES, Roberto. A pedagogia do jogo possível. CIRCUITO SESC/FITNESS BRASIL DE ATIVIDADE FÍSICA E QUALIDADE DE VIDA, 2002, São Paulo. In: *Oficina de práticas esportivas*. São Paulo: SESC, 2002.
- RÉVILLE, P. H. *Desporto para todos: as atividades físicas e a prevenção de doenças*. Lisboa: CDI, 1977.
- ROSA, Alexandre Machado (Org.) *Esporte e sociedade: ações socioculturais para a cidadania*. São Paulo: IMK Relações Públicas, 2004.
- SANTOS, Suely; DANTAS, Luiz; OLIVEIRA, Jorge Alberto de. Desenvolvimento motor na velhice. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.18, ago. 2004.
- SESC. DR. SP. *Escolhas sobre o corpo: valores e práticas físicas em tempo de mudança*. São Paulo: SESC, 2003.
- SESC. DR. SP. *O século da terceira idade*. São Paulo: SESC, 2003.
- SHEPHARD, Roy J. *Envelhecimento, atividade física e saúde*. São Paulo: Phorte, 2003.
- SILVA, Júlio Manuel G. O ensino dos jogos desportivos coletivos: perspectivas e tendências. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 19, 1998.
- SOUZA, Maria Aparecida Ceciliano de. Atividades físico-esportivas para a terceira idade. In: SEMINÁRIO A REFORMA DO ESTADO E O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, 2001, São Paulo.
- TUBINO, Manoel. *O que é esporte?* São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros Passos, 276).
- Vargas, Ângelo (Coord.) *Desporto e tramas sociais*. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- VERAS, Renato. *Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: UnATI, 1999.



Responsabilidade Social e Envelhecimento: o que as empresas têm a ver com isto?*



Resumo

Este artigo trata da questão das possibilidades e responsabilidades das empresas em relação ao envelhecimento populacional em geral e de seus funcionários. A Responsabilidade Social das Empresas surge como estratégia, uma forma de conduzir os negócios que leva em conta o desenvolvimento de toda a sociedade, equacionando de maneira mais equilibrada a tríade lucro-pessoas-planeta, garantindo assim uma sociedade que seja economicamente eficiente, socialmente justa, ambientalmente sustentável e politicamente democrática. O ser humano tem no trabalho um importante organizador de sua vida; às empresas, que são um dos atores do processo de trabalho, cabe pensar no presente e no futuro de seus trabalhadores, pensando também na saída destes do mercado de trabalho, humanizando esta trajetória e operando, assim, uma mudança na imagem de meras exploradoras do momento produtivo de seus empregados, servindo como agente da ressignificação do processo do trabalho. Através da estratégia “Responsabilidade Social”, será possível promover e utilizar os recursos da comunidade com o objetivo de permitir aos cidadãos “envelhescentes” melhores perspectivas e condições de vida, garantindo uma sociedade mais justa e equilibrada.

Palavras chaves: *responsabilidade social, envelhecimento, tempo livre, trabalho.*

Abstract

This article deals with corporate possibilities and responsibilities related to aging in general and of its employees. Corporate Social Responsibility appears as strategy, a way of doing business that takes into account the development of the whole society, considering the triad profit-people-planet from a more balanced point of view, ensuring an economically efficient society, socially fair, environmentally sustainable and democratic in political terms. Work is an important organizing element in life. Companies, one of the actors in the production process, should consider the present and future of their workforce, and about the time when they leave the labor market, making this trajectory more human, thus operating a change in their public image of mere exploiters of the productive moment of their work power, acting as agents of a new meaning of the work process. Through the “Social Responsibility Strategy”, it will be possible to promote and to take advantage of the resources of the community aiming at ensure ageing citizens better perspectives and life conditions, moving towards a more fair and equal society.

Keywords: *social responsibility, ageing, free time, work*

* Texto baseado em Monografia premiada no VI Concurso Talentos da Maturidade do Banco Real, em 2004.

OLGA FACCIOLLA KERTZMAN

Mestre em Ciências no curso de pós-graduação em Infecções e Saúde Pública. Especialista em Gerontologia Social pela Universidade de Barcelona. Psicóloga da Unidade de Referência da Saúde do Idoso da Prefeitura Municipal de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Envelhecer ... nosso inexorável destino!

Ainda que o imemorial desejo humano seja o de driblar a morte e prolongar a vida, não se quer envelhecer nem morrer. Coloca-se, então, a perspectiva de dar qualidade de vida aos anos vividos, em tornar a vida digna de se viver e não só pensar em dar mais anos à vida.

No século XX, na década de 70 na Europa e na década de 80 no Brasil, os idosos tornaram-se mais visíveis à sociedade e o envelhecimento passou a ter mais relevância nas preocupações públicas e privadas.

Sabendo-se que a maneira como são tratados os idosos é um dos indicadores de desenvolvimento e qualidade de vida de uma sociedade se faz necessário o envolvimento de todos, governo e sociedade civil, para garantir um futuro e um mundo melhor para todos.

No final do século XX desponta uma nova consciência no contexto social e cultural, no qual se inserem as empresas, que colocou em foco a comunidade, interna e externa. Passou-se a acreditar que as empresas devem, além de gerar empregos, pagar seus impostos e obedecer às leis, devem também ajudar a desenvolver sua comunidade e seus indivíduos em prol de uma sociedade melhor.

A Responsabilidade Social das Empresas surge como estratégia, uma forma de conduzir os negócios que leva em conta o desenvolvimento de toda a sociedade, equacionando de maneira mais equilibrada a tríade lucro - pessoas – planeta, garantindo assim uma sociedade que seja economicamente eficiente, socialmente justa, ambientalmente sustentável e politicamente democrática.

A justiça social é condição sine qua non da sustentabilidade. A pobreza e a injustiça social são signos eloqüentes do mal estar de nossa cultura. A ética da sustentabilidade, segundo Leff (2002), se nutre de um conjunto de preceitos, princípios e propostas que reorientam os comportamentos individuais e coletivos, assim como as ações públicas e privadas, na direção da sustentabilidade.

Esta ética implica na mudança do individualismo para o altruísmo fundado em relações de reciprocidade e cooperação. Funda-se na perspectiva da cultura da solidariedade, demandando um novo pacto social que respeite a diversidade, a alteridade, a inclusão societária.

É interessante fazer um paralelo com a idéia de Gonçalves (1989, p.73) que refere que a diversidade genética, no seio de um ecossistema, aumenta sua capacidade de resistência às perturbações. Prevalendo a homogeneidade, quando um indivíduo é atingido, todos os seus semelhantes rapidamente também o são. Neste sentido, no “ecossistema” societário cabemos todos, velhos, crianças, homens, mulheres, e é da diversidade que garantiremos a melhoria da qualidade bio-psico-social-espiritual da sociedade humana.

O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento populacional deu-se de forma desigual nos diversos continentes. Nos países desenvolvidos ele foi acompanhado da melhoria da situação econômica, ao contrário do que vem acontecendo na América Latina, onde vem ocorrendo concomitantemente às seguidas crises econômicas e à depauperação da população.

Segundo Perez (2000) a transição demográfica é um motor de mudanças não só na distribuição populacional entre as diferentes idades como também na dos papéis tradicionais designados a cada sexo. No Brasil vivemos com surpresa a constatação do envelhecimento populacional, antes visto como um país eternamente jovem, e também parece ser surpreendente a constatação de que este público idoso é ativo, potencialmente consumidor e tem peso político-eleitoral, mudando assim sua importância social.

O envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do início ao fim da vida, processo este composto de perdas e ganhos. A velhice, antes vista só como mais uma etapa do ciclo de vida, hoje é considerada como um processo contínuo, em construção. No geral, se costuma ver só o temor à velhice estando esta associada ao pesar, as perdas e a morte.

Em 1970, *A Velhice*, livro da escritora Simone de Beauvoir torna-se um marco na discussão sobre o tema denunciando a “conspiração do silêncio” sobre as questões do envelhecer. Nele a autora marca que a velhice não é um fato estático, é um processo e que a vida “é um sistema instável no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é o sinônimo da morte. Mudar é a lei da vida” (BEAUVOIR, 1970, p. 17). Fica assinalado que há dois sentidos diferentes para a velhice: é uma categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias, e é um destino singular.

Segundo Beauvoir o velho, como categoria social, nunca interveio no percurso do mundo e enquanto ele conservar sua eficácia, permanecerá integrado na sociedade sem se distinguir dela. Ao perder suas capacidades, aparece como o outro, tornando-se puro objeto, sem serventia, sem valor de troca, não passando de uma carga. (BEAUVOIR, 1970, p. 110)

Há consenso, na literatura, sobre o fato da sociedade industrial ter sido maléfica para os anciãos (BEAUVOIR, 1990; BOSI 1994; DEBERT, 1999). A industrialização implicou na migração do campo para a cidade e a nova economia, capitalista, acarretou na mudança da estrutura familiar, agora nucleada, com menos espaço físico e menos acolhedora e associou o velho com a improdutividade.

Até poucos anos atrás era visto como natural o isolamento e o encerramento em si dos velhos, e aqueles que saíam do script esperado eram visto com excêntricos e incômodos. Hoje vemos a revisão destes (pré) conceitos. A idade madura pode ser vivida como um tempo, senão ao nível biológico, mas seguramente do ponto de vista cultural, intelectual, social e espiritual como um momento de descobertas, aprendizagem e desfrute. Temos atualmente o conceito de aposentadoria



ativa, o aposentado visto como um potencial consumidor e alguns que são arrimo de família com seus rendimentos.

A sociedade moderna esvazia o tempo das experiências vividas pelo idoso empurrando-o para a margem, deixando-o em um papel passivo, como se não valesse mais a pena nenhum investimento para o futuro, como se não houvesse mais futuro.

Tem-se o desafio de conseguir rever estes mitos e preconceitos e conseguir viver a chamada terceira idade como uma das boas fases da vida. Alguns a chamam de a melhor idade, um tempo onde mais que nunca se deve ter vontade e coragem de viver e existir, de poder andar avante dia a dia com seu custos e benefícios. Tempos em que a competição não é mais o mote e quem sabe seja este o tempo da cooperação e da solidariedade. Momento de poder mudar aquilo que antes não foi possível, de poder viver mais livremente, livre do tempo estrito marcado pelo relógio e pelo calendário convencional, de poder arriscar outros papéis e vivências.

Vive-se em uma sociedade em que tempo é dinheiro, em que o que vale é o amanhã, muitas vezes desconsiderando o ontem, na qual tudo se renova e muda com muita velocidade. Tudo pode ser considerado obsoleto em muito pouco tempo, e temos que estar sempre atentos para não se considerar obsoleto também.

Não se pode saber quando começa a velhice, mas sabe-se que a aposentadoria é um momento muito marcante na vida das pessoas e que muitos se perdem de “seu trem” neste momento, sentindo-se obsoleto, sem conseguir resignificar sua vida, sem conseguir ver outros caminhos, outra ocupação para seu tempo, agora um tempo muito livre. O “trem“ pode sair dos trilhos, mas é necessário descobrir novos caminhos a percorrer:

da infância à idade avançada, somos como trens que deslizam sobre trilhos altamente regulares que nos levam a destinos previsíveis. Quando a terceira idade se aproxima, chegamos ao fim da linha e descobrimos que a administração da ferrovia não previu mais trilhos. Temos que saltar do trem e caminharmos para onde? Qual é o nosso próximo destino? (SCHACHTER-SHALOMI, Z. ; MILLER,R. S.,1996, p. 25)

Na modernidade as diferentes etapas etárias adquiriram valores diversos e a velhice “passou a ocupar um lugar marginalizado na existência humana, na medida em que a individualidade já teria realizado os seus potenciais evolutivos e perderia também o seu valor simbólico” (BIRMAN, 1995, p. 33)

Ecléa Bosi no livro *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, marca a função do idoso como portador e guardião da memória social e histórica. Resta-lhe a função de lembrar, “a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos”. (BOSI,1994, p. 90).

É o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. Assim o velho será sempre o outro. A experiência plena do envelhecimento é irrealizável em si própria. Quando um idoso se olha no espelho o que este lhe devolve é uma imagem ligada à deterioração, uma imagem com a qual ele não se identifica, há apenas estranheza e ele pensa: "este não sou eu"!

Na velhice o corpo começa a cansar mas a mente pode estar cada vez mais aguçada. O grande desafio da velhice é arriscar todos os quadros habituais de referência e abrir a mente para outros campos de possibilidades. Segundo Brochsztain (1998), ao portar em seu corpo os sinais de que somos finitos, o ancião toca a ferida narcísica de tendência humana onipotente de negar a existência da morte e talvez seja este um dos motivos do preconceito em relação aos idosos.

Pode-se ver que a associação direta do envelhecimento é com a perda, com a falta, onde parece que o que é perdido, o é para sempre, que nenhuma aquisição substitui as perdas. É possível pensar, então, que se trata de substituir as perdas, enfrentá-las, metabolizá-las e incorporá-las como parte do processo de desenvolvimento humano, no qual se vivencia perdas e novas aquisições em todas as fases. O diferencial é não cair na armadilha de pensar que na velhice não se pode mais adquirir nada, que tudo são perdas

Diz-se que envelhecemos como vivemos. Segundo Novaes (1997), envelhecer não é seguir um caminho já traçado mas, pelo contrário, construí-lo permanentemente. Envelhecer satisfatoriamente depende do delicado equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o que possibilitará lidar, com diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento. (NERI, 1995)

Esta parece ser a novidade na modernidade, não se tem mais o script pronto para os "envelhecetes", agora em maior número, em melhores condições de saúde, mental e física, mais reivindicativos e ativos, apontando assim para necessidade de se "reinventar a velhice" como ressaltou Guita Debert.

A APOSENTADORIA

O ser humano moderno tem dificuldades em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho. Vivemos hoje a crise da modernidade, na qual os imperativos capitalista e neoliberal levam à exclusão social e limitam perspectivas e potencialidades.

Sem o trabalho o ser humano era lançado diretamente ao lugar de inválido, inútil, um peso para a família e para a sociedade. Ser aposentado era tornar-se automaticamente velho e o futuro possível era esperar a chegada da morte. O tempo livre transformava-se em uma inatividade forçada, o indivíduo perdia seu papel social e era visto como sem potencial e criatividade, levando a um processo gradual de isolamento e solidão e muitas vezes à depressão.

Atualmente prega-se o envelhecimento bem-sucedido, a atenção à qualidade da vida vivida e valoriza-se a subjetividade.

“A universalização do direito à aposentadoria garantiu que a última etapa da vida correspondesse à inatividade remunerada” (Debert, 1999, p. 39), o que representará melhores condições do status e da sobrevivência para os idosos. Debert (ibidem, p. 39) considera que “com o prolongamento da esperança de vida, a cada um é dado o direito de vivenciar uma nova etapa relativamente longa, um tempo de lazer em que se elaboram novos valores coletivos.”

Camargo (1986, p. 58) julga que “a instituição da aposentadoria, aliada ao aumento da esperança de vida, criou um novo segmento etário de indivíduos, os aposentados”. Simões (1998), em seu estudo sobre o movimento dos aposentados, traz o relato de um de seus entrevistados que os situa como “a maior categoria do país”: os aposentados.

O tempo que antes era dedicado a si mesmo, família, lazer, que costumava ser reduzido, agora é um tempo ampliado na vida e é essencial que a pessoa se prepare antes para estes tempos que virão.

A criação do vocábulo “terceira idade”, que começou a ser utilizado na França na década de 70, do século XX, surgiu na intenção de relativizar o preconceito contra os velhos, estando associado ao envelhecimento ativo e independente deste “novo” aposentado, deste “novo” idoso (DEBERT, 1999; PEIXOTO, 1998; SINGER, 2001). Anteriormente a categoria “idoso” se contrapunha ao termo “velho”, que restou associado à decadência e decrepitude.

O TEMPO LIVRE

Com a chegada da industrialização surge uma nova divisão do tempo, o do trabalho, vendido ao patrão, e o livre e:

a partir do período renascentista, evidenciado pelo surgimento do relógio – o mais importante instrumento já utilizado para medir o tempo – inicia-se certa alteração no comportamento dos homens, pois, enquanto função social, o relógio vem favorecer a exploração do trabalho. (LORENZETTO, 1998, p.55).

Sobre o tempo livre associado com o lazer, Dumazedier, importante teórico do tema, o circunscreve como:

um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e

“...essa “nova” temporalidade, ou modo de usufruir o tempo livre, traz com ela um redimensionamento das experiências vividas na Terceira Idade. Porque nesta fase da vida, apesar das limitações do corpo e dos movimentos, vive-se um tempo que, sendo livre, é apropriado pelo idoso, e pode ser utilizado para uma reconstrução da vida e conquista de prazer e liberdade, a despeito de todos os obstáculos.”

entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (Dumazedier, 1973 apud LORENZETO, 1998)

Em sua investigação com senhoras freqüentadores de um grupo de convivência da terceira idade sobre a apropriação do tempo livre Lorenzetto conclui que :

essa “nova” temporalidade, ou modo de usufruir o tempo livre, traz com ela um redimensionamento das experiências vividas na Terceira Idade. Porque nesta fase da vida, apesar das limitações do corpo e dos movimentos, vive-se um tempo que, sendo livre, é apropriado pelo idoso, e pode ser utilizado para uma reconstrução da vida e conquista de prazer e liberdade, a despeito de todos os obstáculos. (LORENZETTO,1998, p. 109)

De Masi introduziu a idéia do “ócio criativo” que seria a junção do trabalho, estudo e do jogo.

A principal característica da atividade criativa é que ela praticamente não se distingue do jogo e do aprendizado, ficando cada vez mais difícil separar estas três dimensões que antes, em nossa vida, tinham sido separadas de uma maneira clara e artificial. (DE MASI, 2000, pag. 16).

E acrescenta que:

a avaliação social do divertimento, tradicionalmente condenado pelos educadores e pela religião, deve mudar, já que hoje não representam mais a antecâmara pecaminosa da degradação moral, mas o gozo pleno da nossa existência, a fase tranqüila na qual somos mais descontraídos, mais criativos e mais tolerantes. (DE MASI, 2000, p.322)

Lazzareschi (2002, p.183) acrescenta que “o lazer na velhice poderá resgatar o sentido da vida, a dignidade humana, a auto-estima e, em conseqüência, propiciar a alegria de viver”.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS EMPRESAS

A Responsabilidade Social é uma temática em ascensão no meio empresarial, podendo ser considerada como uma estratégia capaz de articular categorias como cidadania e mercado, desenvolvimento e justiça social, através da qual se reproblematisa questões tais como capital versus trabalho, capital humano versus capital financeiro.

Foi a partir da Constituição brasileira de 1988, que se universalizaram direitos, que até então estavam restritos a certas camadas da população, havendo um aumento das demandas sociais dirigidas ao Estado. (STEPHANOU, 2003)

Segundo Stephanou (2003, p.15), “a valorização do controle democrático da ação pública fez com que a participação da Sociedade Civil se tornasse um elemento indispensável no planejamento, implementação e controle das ações sociais promovidas pelo Estado” crescendo assim a participação “da iniciativa privada, as organizações não-governamentais, organismos internacionais, movimentos sociais e outros grupos organizados”, apontando que “o novo formato das relações entre Estado e Sociedade Civil, quando bem construído, pode garantir um maior compromisso nas ações com interesse público”.

A responsabilidade social está intimamente ligada à imagem que as empresas querem ter perante o mercado:

tempos atrás, bastava às empresas oferecer bons produtos e serviços e tratar de forma ética seus fornecedores e parceiros para obter uma boa imagem perante o mercado. Com o tempo as exigências foram aumentando e passou a ser necessário possuir uma política de recursos humanos e dar atenção adequada aos funcionários. A cada nova exigência do mercado, a fim de se manter admiradas e respeitadas, as empresas passaram a ter que criar estruturas internas e formalizar ações que atendessem a essas exigências. A palavra de ordem atual passou a ser comunidade. (...) não simplesmente respeitando-a, mas atuando de forma ativa para ajudá-la. (SEBRAE)

A Responsabilidade Social está a serviço da construção de uma sociedade sustentável e justa e diferencia-se da filantropia. Segundo o Instituto Ethos :

os projetos de responsabilidade social são aqueles nos quais a empresa espera por resultados, por transformação social. Para que isso seja possível, procura interagir com a comunidade, colaboradores, acionistas, governo, fornecedores - em síntese, é uma forma de gestão empresarial voltada ao social. Já as ações de filantropia são investimentos em que a entidade ou pessoa beneficiada irá suprir uma carência imediata, sem perspectiva de melhoria futura.

Vileirine reafirma a diferença entre doação e Responsabilidade Social e marca que esta não diminui a responsabilidade do Estado na formulação de políticas sociais e na garantia de direitos.e acrescenta que:

a responsabilidade social converte-se numa ferramenta adicional de financiamento de projetos que visam à redução das desigualdades sociais dos milhões de brasileiros que vivem na miséria. Ao mesmo tempo em que possibilitam para estes cidadãos a clareza da necessidade da sua participação nas estâncias democráticas, as quais lhe permitirão exigir dos órgãos governamentais os direitos conquistados.”

No âmbito da sociedade civil,

os projetos sociais são capazes de produzir experiências inovadoras, contribuindo para o enraizamento e/ou a renovação de políticas sociais. Com isso promovem o fortalecimento dos grupos sociais envolvidos e a democratização da sociedade. (STEPHANOU, 2003, p.17)

Os Projetos Sociais são ferramentas, “são uma forma de organizar ações para transformar uma determinada realidade social ou institucional (...) não existem a partir de si mesmos. Em geral, são construídos a partir de organizações que têm intervenções sociais de maior amplitude do que os próprios projetos.” (ibidem, p. 25)

No manual “Primeiros Passos em RSE” produzida pelo Instituto Ethos constam as considerações necessárias às empresas quanto às questões concernentes à Responsabilidade Social. Recomenda-se a consideração aos direitos humanos, relativos aos funcionários e a sociedade:

a Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece os direitos de todas as pessoas, independente de sexo, raça, idade, nacionalidade, religião ou nível econômico. Muitos destes direitos se relacionam à ação por parte de governos, mas muitos deles podem ser relevantes para a área empresarial. Como por exemplo os relativos a: trabalho infantil, trabalho forçado, liberdade de associação, preconceitos discriminatórios, saúde e segurança.

Tendo como foco a comunidade incentiva-se as parcerias e o empréstimo das instalações para atividades, encontros, oficinas:

considere a possibilidade de ceder espaço interno de sua empresa para encontros de organizações e grupos sem fins lucrativos, de maneira tal que a segurança e as operações da empresa não fiquem comprometidas. Ceda espaço para alfabetização, aulas particulares, encontros, ou outros programas. Procure por oportunidades de fazer o uso do espaço e instalações de sua empresa em benefício de programas comunitários.

É consenso que se incentive o trabalho voluntário (Instituto Ethos, Sebrae):

considere a criação de uma lista de oportunidades de trabalhos voluntários. Liste várias organizações que procuram por voluntários, especificando qual o tipo de trabalho a ser realizado e o tipo de habilidade necessária. Solicite aos funcionários sugestões sobre outras organizações e encoraje o envolvimento com o trabalho das mesmas. Contate o centro de voluntários local para maiores informações sobre organizações sem fins lucrativos que necessitam de trabalho voluntário. (...) Disponibilize tempo para voluntários (...) Considere uma política de autorizar a dispensa de funcionários para a realização de trabalho. (Instituto Ethos)

No site “Portal do Voluntário” esta questão é também assinalada:

as empresas consideram cada vez mais que as atividades voluntárias são de importância estratégica para contribuir para o alcance das suas metas de negócios. Ter funcionários que se voluntariam é considerado uma das formas mais rentáveis e de maior impacto no envolvimento na comunidade.

Na pesquisa “Responsabilidade Social Empresarial: panorama e perspectivas na indústria paulista” (2003) feita pela FIESP/CIESP, no item “Ações sociais em



benefícios da comunidade e voluntariado”, vê-se que o foco de investimentos prioritários é a infância de 0 a 06 anos de idade:

a área de atuação mais comum entre as indústrias de todos os portes é a educação infantil (incluído aí o apoio a creches existentes na comunidade), apontada por praticamente metade das empresas pesquisadas que desenvolvem ações de caráter social. Este fato indica que as indústrias estariam priorizando a faixa etária de 0 a 6 anos em suas ações sociais direcionadas à área da educação.

Considerando a Responsabilidade Social, exercida pelas empresas que tenham como preocupação o envelhecimento humano se tem como resultante a inclusão social e a consideração com o exercício pleno da cidadania:

cidadania é acima de tudo o direito à convivência, que significa respeito mútuo, segurança, solidariedade, amizade, proteção, autonomia, liberdade e, enfim, o direito de exercer a democracia na sua essência”. E, “ser cidadão significa ter acesso pleno a todos os direitos individuais e políticos, sociais e econômicos que assegurem uma vida digna ao ser humano, à comunidade e à sociedade. Há, portanto, uma estreita ligação entre cidadania e direitos humanos. (Guia Cidadania e Comunidade, 1997)

Ser socialmente responsável é incorporar valores éticos ao processo de decisões nos negócios, assegurando uma economia sustentável através do gerenciamento de seus impactos econômicos, sociais e ambientais.

ENVELHECIMENTO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: o que as empresas têm a ver com isto?

Considerando as ponderações apresentadas podemos concluir que as empresas têm tudo a ver com isto, ou seja, que têm um importante papel a desempenhar na sociedade frente ao envelhecimento. Através da estratégia “Responsabilidade Social”, poderão promover e utilizar os recursos da comunidade com o objetivo de permitir aos cidadãos “envelhecetes” melhores perspectivas e condições de vida, garantindo uma sociedade mais justa e equilibrada.

Ser responsável socialmente implica em engajar-se nas ações que tenham a perspectiva do investimento social, investindo, assim na transformação social, o que poderá ser feito através do fomento de iniciativas já existentes, através do Terceiro Setor, Serviços Públicos e particulares _ tais como associações, asilos, e na criação de novos projetos e empreendimentos, baseados nas necessidades da comunidade.

Este engajamento é consonante com a Política Nacional do Idoso, de 1994, hoje corroborada pelo Estatuto do Idoso, aprovado em 2003, como temos no extrato abaixo:

Art. 1º - A Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Art. 3º - A Política Nacional do Idoso rege-se-á pelos seguintes princípios:

I - a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem estar e o direito a vida;

Art. 4º - Constituem diretrizes da Política Nacional do Idoso:

I - viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração à demais gerações;

II - participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos.

Solidariedade, ética e respeito serão as palavras-chave desta configuração.

Néri (2002, p.25) propõe a educação permanente de pessoas de todas as idades como estratégia para

superar não só os estereótipos sobre o idoso e a velhice, como também as práticas discriminatórias em relação aos que envelhecem”. Estereótipos tais como se considerar que “a velhice é uma experiência psicológica, social e culturalmente homogênea; que os mais velhos são uniformemente frágeis, dependentes, improdutivos e que, coletivamente, representam um ônus para as sociedades.

O aumento da longevidade traz consigo a ampliação do tempo de pagamento dos trabalhadores inativos e o acréscimo e prolongamento de doenças crônicas, o que passou a ser uma ameaça para a Previdência Social e o Sistema de Saúde, e fez com que a velhice fosse apontada como um “problema social”.

A Organização Mundial de Saúde define saúde como um completo bem-estar biológico, psicológico e social e não apenas a ausência de afecções ou doenças, sendo assim, iniciativas que promovam saúde integral, bem-estar e qualidade de vida estarão contribuindo para transformar a velhice numa questão social e não necessariamente um problema a ser resolvido, podendo ser uma boa fase da vida a ser desfrutada.

As empresas poderão promover a melhoria das condições da cidade, manutenção de calçadas, praças, espaços sociais e também, como é preconizado, emprestar suas instalações para diversos usos comunitários. Além disso pode-se construir novos espaços, como clubes de aposentados, como se vê em Barcelona – Espanha, por exemplo, onde grandes bancos constroem prédios especialmente dedicados aos aposentados, que oferecem vários tipos de atividades culturais e educacionais e funcionam como espaço de convivência.

Tem-se no Brasil empresas que promovem espaços comunitários de convivência intergeracional e atualização, tais como telecentros e centros culturais, mas ainda são poucos os espaços promovidos pela iniciativa privada voltados para os idosos, tais como Centros de Convivência, Centros- Dia, projetos de reciclagem.

A garantia de boas condições trabalhistas e o vislumbre de um bom futuro, pós-aposentadoria, garantirão trabalhadores melhores e mais satisfeitos. A aposentadoria poderá, então, ser vista como um prêmio e não como um castigo ou “morte social”, diretamente associado à perda da função social, isolamento e depauperação.

O ser humano tem no trabalho um importante organizador de sua vida e, atualmente, um contingente significativo dos trabalhadores já está envolvido com seus familiares idosos. Considerando que a sociedade ainda não tem uma organização de suporte para auxiliar as pessoas nesta atenção acaba sendo uma sobrecarga que afeta o desempenho dos envolvidos nesta situação. Às empresas, que são um dos atores do processo de trabalho, cabe pensar no presente e no futuro de seus trabalhadores, pensando também na saída destes do mercado de trabalho, humanizando esta trajetória e operando assim uma mudança na imagem de meras exploradoras do momento produtivo de seus empregados, servindo como agente da ressignificação do processo do trabalho.

O incentivo a programas de preparação para a aposentadoria conjuntamente com espaços de reflexão sobre o envelhecimento, oferecidos pelas empresas, poderão ser preventivos, uma vez que é consenso que se vive melhor o envelhecimento quem se preparou para esta fase da vida, “cabe aos PPAS [Programa de Preparação para a Aposentadoria] a tarefa de neutralizar esses sentidos da aposentadoria para torná-la uma realidade menos repulsiva” (STUCCHI, 1998, p. 45). Uma preocupação que também deve ser levada em consideração é a idéia de que o trabalhador com mais de 45 anos é, muitas vezes, considerado “velho”.

O incentivo ao trabalho voluntário, tanto dos trabalhadores na ativa como dos já aposentados é uma boa estratégia para garantia da inclusão social. Dal Rio (2002, p. 71), em sua pesquisa com idosos que fazem trabalho voluntário, con-

cluiu que o trabalho voluntário “contribui para que se desqualifiquem quaisquer estereótipos e preconceitos subjacentes às condições de aposentado e velho, ajudando a desenhar uma das possíveis formas de viver o pós-trabalho e a velhice, dando-lhes significado.”

O isolamento pode ser um indicador de possíveis patologias sociais, em especial a depressão. Sociabilidade e prazer de viver são já considerados fatores que garantem saúde e bem viver, e pessoas felizes e saudáveis aprimoram sua capacidade funcional, garantindo assim a independência e autonomia e conseqüentemente darão menos despesas aos familiares e cofres públicos.

Como foi já ressaltado, a Responsabilidade Social das Empresas, não exime o estado de suas responsabilidades. Devemos apostar na velhice ativa e o melhor vivida possível mas não se deve esquecer as enormes desigualdades existentes no Brasil que têm como conseqüência uma grande parcela de desfavorecidos e excluídos, e muitos idosos estão nesta situação devendo ser contemplados com programas que garantam suas necessidades básicas, tais como alimentação e atenção integral, oferecidas por programas que garantam esta proteção, tais como os chamados “refeição sobre rodas”, assistentes voluntários e outros.

Como foi constatado por pesquisas, o foco majoritário das iniciativas promovidas pelas empresas são as crianças de 0-6 anos, ainda uma grande parcela desassistida da população brasileira, mas parece que ainda prevalece a marca da imagem de um Brasil eternamente jovem, “um país do futuro”, onde o jovem se contrapõe ao velho e juventude e beleza se confundem com saúde. É previsto que em 2025 o Brasil terá em torno de 33 milhões de anciões e será o 6º país em número de idosos, e hoje temos já mais de 30.000 centenários, ou seja, é uma realidade que já se impõe.

A velhice é um “território feminino” devido à maior longevidade do sexo feminino. A solidão nos anos tardios da existência é uma vivência feminina, em grande parte, devido ao fato das mulheres terem maior expectativa de vida, a viuvez, ao fato dos homens permanecerem menos tempo sozinhos quando viúvos e se casarem com mulheres mais jovens. (BERQUÓ, 1999)

Constata-se nos grupos oferecidos à Terceira Idade a presença majoritária de mulheres o que aponta para a necessidade da consideração das questões de gênero envolvidas nesta discussão que envolve os projetos para esta parcela da população. Hoje a aposentadoria não é somente uma questão “masculina” e este debate abarca a reflexão sobre a apropriação dos espaços públicos e privados.

Com o objetivo de se repensar questões como os diferentes valores dados às diferentes fases da vida, velhice versus juventude, o horror ao envelhecimento, recomenda-se o uso de espaços de convivência intergeracional. Por exemplo, assim como várias empresas oferecem creches para os filhos de seus funcionários, pode-se incluir idosos da comunidade nestes espaços, como cuidadores, contadores de histórias e em outras atividades, bem como promover atividades físicas e culturais envolvendo todas as faixas etárias.

Visando um Brasil e um mundo melhor, vale a utopia, pois como enunciou Milton Santos (2000, p. 2), a busca da utopia é ancestral e companheira do homem, “porque o que distingue o homem dos outros animais não é esse dedão, é exatamente o fato de que ele é portador de utopia”

Critelli aponta que a solidariedade “pertence aos homens, e somente a eles, como condição fundante de expressão de sua humanidade. A solidariedade, segundo a autora, “é uma das formas através da qual a coexistência ou a pluralidade, como condição humana, se realiza. É através dela que descobrimos que o agir humano _ só é agir e só é humano -, quando é um agir com os outros. Nenhuma ação humana acontece solitariamente.” (CRITELLI,2000, p.119)

Desenvolvimento para uma sociedade sustentável é então o respeito ao meio ambiente, à multiplicidade, à tolerância às diferenças, a ética nas relações com os diferentes, o cuidado com as necessidades particulares dos diferentes grupos, proporcionando assim que jovens, idosos, trabalhadores, aposentados, ricos, pobres, nativos, migrantes, possam se favorecer e enriquecer com as múltiplas relações surgidas destes movimentos de antagonismos e complementaridades.

A ética, a solidariedade, o respeito à vida e ao cidadão não deverão ser o objetivo final, mas sim os norteadores da existência dos seres humanos.

Referências Bibliográficas

BARROS, Myrian M. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERQUÓ, E. S. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999.

BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. et. al. *Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará: UNATI / UERJ, 1995.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BROCHSZTAIN, C. O susto ao espelho: um estudo psicológico do envelhecimento. *Revista Kairós*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 93-102, ago. 1998.

CAMARGO, L.O. L. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CRITELLI, D. Da solidariedade: uma abordagem filosófica-existencial. *Revista Kairós*, São Paulo, ano 3, n.3, p.117-123, ago. 2000.

BULGARELLI, R. *A diversidade e a experiência de fazer juntos*. Disponível em : <http://www.bancoreal.com.br_responsabilidadesocial>.

- _____. *Valorização, promoção e gestão da diversidade*. Disponível em: <http://www.bancoreal.com.br_responsabilidadesocial>.
- _____. *A diversidade e a empresa moderna*. Disponível em: <<http://www.bancoreal.com.br-responsabilidadesocial>>.
- DAL RIO, C. *Trabalho voluntário como promoção da integração social do idoso*. *A Terceira idade*, São Paulo, vol 13, n. 4, abr. 2002.
- DE MASI, D. *O ócio criativo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DEBERT, Guita. G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- _____. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *Textos Didáticos*, v.1, n.13, p. 1-134, mar. 1994.
- _____. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.12, n. 34, 1997.
- FERRIGNO, J.C. O estigma da velhice. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 13, n. 4, abr. 2002.
- GOLDFARB, Delia C. Corpo, tempo, e envelhecimento aporte para uma clínica do envelhecimento. *Revista Kairós*, São Paulo, ano 1, n.1, p. 103-110, 1998.
- GONÇALVES, Carlos W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989.
- GUIA Cidadania e Comunidade. CIC- Centro de Integração da Cidadania, CONDEPE- Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana e SENAC-SP- Centro de Educação Comunitária Para o Trabalho. São Paulo, 1997.
- LAZZARESCHI, N. Lazer: a recuperação do sentido da vida na velhice. *Revista Kairós*, São Paulo, v.5, n.1, p. 181-200, jun. 2002.
- LEFF, E. *Manifesto por la vida*. Disponível em: <<http://www.rolac.unep.mx>>. Acesso em 08 jun. 2005.
- LORENZETTO, M.G. *As senhoras do tempo*. São Paulo: Textonovo, 1998.
- MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. São Paulo: Aleph, 1999.
- MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento*. Rio de Janeiro: Hucitec, 1999.
- MORAGAS, Ricardo M. *Gerontología social*. Barcelona: Herder, 1998.
- NERI, Anita L. *Psicologia do envelhecimento*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- _____. Envelhecer no trabalho: possibilidades individuais, organizacionais e sociais. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 7-27, abr. 2002.
- NOVAES, Maria H. *Psicologia da terceira idade*. Rio de Janeiro: Nau, 1997.
- PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEREZ, J. La feminización de la vejez. *Revista Catalana de Sociologia*, Barcelona, 2000.

SANTOS, M. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. In: SEMINÁRIO NACIONAL SAÚDE E AMBIENTE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO, I, 2000. *Conferência magna...* São Paulo: USP, 2000.

SCHACHTER-SHALOMI, Z; MILLER, R. S. *Mais velhos mais sábios: uma visão nova e profunda da arte de envelhecer*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

SIMÕES, J.A. A maior categoria do país: o aposentado como ator político In: BARROS, Myrian M. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

SINGER, D. Psicoanálisis y gerontología. *Revista Kairós: gerontologia*, São Paulo, caderno temático 2, p. 91-129, ago. 2002.

STEPHANOU, L.;MÜLLER, L.H.;CARVALHO, I.C.M. *Guia para elaboração de projetos sociais*. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia; São Leopoldo: Sinodal.

STUCCHI, D., *O curso de vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria*. In: BARROS, Myrian M. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

VILEIRINE, R. *Responsabilidade social*. Disponível em: <<http://www.metaong.info/node.php?id=458>>. Acesso em : 28 jul. 2004.

Sites:

<http://www.sebrae.com.br/br/parasuaempresa/responsabilidadesocial.asp>

http://www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/primeiros_passos/introducao/introducao.shtml

<http://ids-saude.uol.com.br/saudecidadania>

<http://www.fiesp.com.br/pesquisarse/sete2c.htm>

http://www.portaldovoluntario.org.br/empresarial/resp_social.asp

<http://www.bancoreal.com.br/>

http://www.bancoreal.com.br/responsabilidade_social/referencias/pdf/Direitos_Humanos_Reinaldo_Bulgarelli.pdf



Influência da Qualidade de Sono Sobre a Memória de Idosos Saudáveis



Resumo

O sono é um dominador poderoso. Temos controle limitado sobre a decisão, podemos adiar o sono por algum tempo, mas finalmente ele nos subjuga. Com o avançar da idade ocorrem mudanças no padrão de sono, podendo afetar qualidade de vida dos idosos, seus contatos sociais e lazer. Estudos da década de 1950 mostraram que é possível dividir o fenômeno sono em fase REM (Rapid Movement Eyes) na qual ocorrem movimentos oculares, e fase NREM (No Rapid Movement Eyes) sem esses movimentos. A fase NREM é fisiologicamente controlada pelo sistema autônomo parassimpático, dividida em quatro estágios, ocorrendo alterações graduais do nível de consciência. Estudos testando a qualidade do sono em idosos, observaram que noites de sono bem dormidas diminuem a sonolência diurna, melhorando aspectos do desempenho cognitivo como a atenção, concentração, planejamento durante as atividades básicas (higiene, alimentação, vestuário) e instrumentais (fazer compras, resolver questões financeiras). Testes neuropsicológicos medindo o desempenho cognitivo, memória visual e verbal, atenção, concentração e função executiva da memória, obtiveram um bom desempenho com os idosos que apresentavam boa qualidade do sono, dormiam bem e controlavam a insônia. O sono é essencial para a reposição das energias, para a manutenção da temperatura corporal e retenção da memória do que aprendemos durante o dia. Na prática significa dizer que ter bom sono é essencial para a memória e aprendizado. Nos idosos, as queixas sobre o sono e memória tornam-se frequentes; bem como a sonolência diurna, o déficit de atenção e concentração, a memória; necessitam de bom desempenho e funcionamento estas funções vitais para melhor qualidade de vida dos idosos. As relações entre o sono e a memória são pouco estudadas, porém de suma importância para que os idosos tenham bom desempenho em suas atividades diárias e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida.

Palavras chave: sono, memória, idosos.

Abstract

Sleep has a strong influence over us. We have limited control over the decision, we can put off sleep for some time, but eventually it will dominate us. With ageing, changes, which can affect life quality, social contacts and leisure of elderly people, occur in the pattern of sleep. Studies from 1950's have demonstrated that it is possible to break up the sleep phenomenon into REM (Rapid Eye Movement) sleep, in which eye motions occur, and NREM (No Rapid Eye Movement) sleep, without these movements. NREM is physiologically controlled by the parasympathic autonomous system, divided into four stages, with gradual modifications of consciousness level. Studies testing the quality of sleep in elderly people have observed that good sleep nights diminished daylight somnolence, improving aspects of cognition performance, such as attention, concentration, planning during the basic tasks (bathing, eating, dressing) and instrumental ones (shopping, managing finances). Elderly presenting good sleep quality, who slept well and controlled insomnia. Considering the neuropsychological tests measuring cognitive performance, visual and verbal memory, attention, concentration and executive function of memory, the elderly people who presented good quality of sleep, slept well and controlled the insomnia achieved good performance in neuropsychology tests measuring cognitive performance, visual and verbal memory, attention, concentration and executive memory function. Sleep is essential for energy replacement, body temperature maintenance and memory retention of what is learned during the day. It really means that having good sleep is essential for the memory and learning. In elderly people, complaints about sleep and memory become frequent; as well as the diurnal somnolence, attention and concentration deficit, and the decreased memory; these vital functions need good performance and functioning for elderly people's better life quality. The relationship between sleep and memory has been little studied, but it is very important for elderly people to have good performance in the daily activities, and consequently, better life quality.

Keywords: sleep, memory, elderly.

DENISE CUOGHI DE CARVALHO

Fisioterapeuta,
mestranda em
Gerontologia pela
Universidade Estadual
de Campinas –
UNICAMP

FABIANA CASTILLO RODA CARVALHO

Terapeuta Ocupacional,
mestranda em
Gerontologia pela
Universidade Estadual
de Campinas –
UNICAMP

Algumas pessoas argumentam que um comportamento tão universal como o sono deve ter uma função crítica: se assim não fosse, algumas espécies teriam perdido a necessidade de dormir. Qualquer que seja a função, há boas razões para se crer que o sono é “projetado” exclusivamente para o encéfalo. Passar 8 horas sossegadas na cama sem dormir deve permitir ao seu corpo recuperar-se do esforço físico, mas provavelmente a pessoa não estará em sua melhor forma mental no dia seguinte (LUNDY-EKMAN, 2000).

Nenhuma teoria da função do sono é completamente aceita, mas as idéias mais razoáveis recaem em duas categorias: teoria de restauração e teoria de adaptação. A primeira teoria diz que se dormimos é para repousar, para nos recuperar e para preparar para uma nova vigília. A segunda teoria é menos óbvia: dormimos para nos livrar de problemas, para nos esconder de aspectos prejudiciais do meio ambiente quando estamos mais vulneráveis, ou para conservar energia.

Dormir é alguma coisa mais do que simples repouso. Privação prolongada do sono pode levar a sérios problemas físicos e comportamentais. Até hoje, ninguém identificou algum processo fisiológico, uma substância essencial que seja produzida ou uma toxina que seja destruída enquanto se dorme. O sono nos prepara para estarmos novamente em vigília de forma efetiva. O sono renova-nos da mesma maneira que o ato de comer e beber o fazem, pela substituição de substâncias essenciais. É possível que regiões cerebrais, tais como o córtex cerebral, possam alcançar alguma forma de “repouso” essencial durante o sono não NREM (No Rapid Movement Eyes), (BEARS et al, 2002).

Na velhice ocorrem mudanças relacionadas ao corpo, ao comportamento, a mente e nos contatos sociais. Com o envelhecimento, os idosos estão mais susceptíveis a doenças crônicas, ao declínio cognitivo, a problemas físicos e de saúde. Nesta faixa etária, para podermos entender estas modificações, é importante observar como este idoso preparou-se para o envelhecimento e suas reais condições de saúde e se este idoso manteve a presença de hábitos, contatos sociais e de lazer. Dentre as queixas de ordem física, cognitiva, perdas sociais e familiares merece destaque um aspecto relevante a sua saúde que é a qualidade do sono. Com a idade ocorrem mudanças no padrão de sono do idoso, podendo afetar sua qualidade de vida. A qualidade do sono do idoso pode influenciar no seu funcionamento cognitivo e assim na sua vida.

SONO

De todas as funções viscerais normais, o valor fundamental do sono ainda é o menos esclarecido. São evidentes os seus poderes restauradores, assim como o fato de que níveis altos de privação do sono alteram as funções cognitivas e sistêmicas. Contudo, as bases celulares-moleculares dessas experiências elementares ainda não são conhecidas, assim como os sinais que induzem sensações de sonolência ou as alterações bioquímicas teciduais que acompanham um sono restaurador (PLUM, 1997).

O sono é um dominador poderoso. A cada noite, abandonamos nossos trabalhos, lazer e família e entramos no retiro do sono. Temos controle limitado sobre a decisão, pois podemos adiar o sono por algum tempo, mas eventualmente ele nos subjuga (Bears, et al, op. cit.).

Kleitman, Aseriusky e Dement (1950) descreveram duas fases básicas de divisão do fenômeno sono: REM (Rapid Moviment Eyes), onde ocorrem movimentos oculares, e a NREM (No Rapid Moviment Eyes) sem esses movimentos. O sono REM (Rapid Moviment Eyes) é o sono em que se sonha. O corpo (exceto para os músculos dos olhos, da respiração e do coração) fica imobilizado. O consumo de oxigênio pelo encéfalo é mais elevado do que quando estamos acordados e concentrados em problemas matemáticos difíceis.

Durante toda à noite é gasto 25% do tempo no sono REM. O resto do tempo - 75% - gasta -se em um estado chamado de sono NREM. O sono NREM parece estar projetado para o repouso. A tensão muscular está reduzida em todo o corpo e o movimento é mínimo, a temperatura e o consumo de energia do corpo estão reduzidos. O encéfalo também parece repousar. Sua taxa de uso de energia e as taxas de disparo de neurônios estão no nível mais baixo de todo o dia. A fase NREM é fisiologicamente controlada pelo sistema autônomo parassimpático e está dividida em 4 estágios nos quais ocorrem alterações graduais dos níveis de consciência (Bears et al, 2002).

Ao adormecer, o indivíduo passa consecutivamente pelos estágios I (sono muito leve), II, III e IV (sono profundo) do sono NREM e ao final, alcança a fase REM. Esse ciclo se repete, em geral, 5 vezes durante o sono noturno, e cada ciclo dura aproximadamente 90 minutos.

Diversos estudos que testaram a qualidade do sono em idosos, observaram que noites de sono bem dormidas, diminuem a sonolência durante o dia e melhoram o desempenho cognitivo (atenção, concentração, planejamento e outras); como também nas atividades básicas de vida diária (higiene, alimentação, vestuário) e nas atividades instrumentais de vida diária (fazer compras, resolver questões financeiras) no dia seguinte. Bastien et al. (2003) testaram a qualidade do sono objetivo, subjetivo, e o desempenho cognitivo de 60 idosos com 55 anos ou mais. Os idosos selecionados relataram ter boas noites de sono, outros sofriam de insônia, como aqueles que usavam ou não medicação para dormir. Esses indivíduos foram divididos em 3 grupos: 20 indivíduos que sofriam de insônia e usavam benzodiazepínicos para dormir, 20 indivíduos que sofriam de insônia e não usavam medicação para dormir e no terceiro grupo 20 indivíduos que tinham boas noites de sono. Esses indivíduos foram avaliados pela monitoração do exame de Polissonografia (PSG) tendo como variáveis a latência do sono, a frequência de despertares durante à noite, a eficiência do sono, o tempo total de sono e a proporção de tempo gasto em cada ciclo de sono. Neste estudo foram utilizados testes para medir qualidade subjetiva do sono e insônia, e testes neuropsicológicos para medir memória visual e verbal, atenção, concentração e função executiva. Os resultados obtidos neste estudo é que um bom desempenho cognitivo nos testes neuropsicológicos está associado à boa qualidade de sono, e ao controle da insônia com medicamentos.



SONO E ENVELHECIMENTO

As transformações devidas à idade que se dão no sono eram consideradas de pequena importância no envelhecimento humano. Atualmente, há estudos profundos sobre o tema. Sabe-se que com o envelhecimento há uma insatisfação com a qualidade do sono. No adulto saudável os períodos de sono duram em média de 7 a 8 horas, com despertares noturnos; já o idoso dorme cerca de 6 horas, o período de latência é maior e o sono é mais superficial. No idoso saudável, ocorrem alterações na quantidade de horas noturnas de sono, com redução do tempo total na cama, embora existam períodos de sono diurno.

Para Reynolds et al., o sono noturno no idoso é frágil e superficial, caracterizado por inúmeros despertares (3 a 15 segundos) e por uma perda dos níveis mais profundos do sono NREM (estágio 3 e 4). Além disso, evidencia-se em idosos uma fragmentação do sono noturno e a ocorrência de cochilos diurnos (Câmara e Câmara, 2002).

As alterações do sono no idoso podem ser ocasionadas por distúrbios específicos devido a problemas médicos, interações farmacológicas, sociais e psicológicos. Entretanto, há vários distúrbios do sono que podem ser provocados por fatores ligados indiretamente ao envelhecimento, embora não sejam exclusivos deste. Podemos citar alguns exemplos de distúrbios comuns no envelhecimento que podem afetar o sono: síndrome da apnéia do sono; síndrome das pernas inquietas; síndrome dos movimentos periódicos das pernas; distúrbios associados à presença de doenças e disfunções orgânicas; insônia fisiológica; distúrbios psiquiátricos e fatores ambientais.

Pode-se argumentar que as queixas relacionadas ao sono entre os idosos não são devidos ao envelhecimento em si, mas às diversas afecções associadas à idade que contribuem direta ou indiretamente para as perturbações do sono; embora, constituam primariamente distúrbios do mesmo. As modificações do sono apontadas com maior frequência referem-se a dificuldade de conciliar e principalmente, manter o sono noturno, isto é uma vez deitado, o indivíduo demora a adormecer e acorda muito frequentemente durante a noite.

Estudos realizados com métodos objetivos (Polissonografia) para avaliar o sono e métodos subjetivos (Questionário), indicam algumas diferenças entre homens e mulheres embora em direções diferentes. As mulheres quando questionadas, queixam-se de perturbações do sono com maior frequência. No entanto, os homens queixam-se menos, mas apresentam de acordo com a Polissonografia, um sono de pior qualidade, mais interrompido e com menor quantidade de estágios profundos do sono.

Reimão et al. usando a teoria de Feinberg et al. apresentaram uma explicação da hipótese “sono-cognição” mediante relação existente entre variáveis do sono e aspectos particulares da cognição. Propõem que os “tempos de sono” REM e NREM estariam diretamente relacionados aos processos cerebrais da cognição. Outra hipótese dos autores é de que as mudanças nos padrões de sono nos idosos estariam ligadas à estrutura basal das alterações na capacidade de aprender, de resolver problemas, da linguagem e das habilidades motoras complexas (Camara; Camara, 2002).

Kingshott et al. (2000) e Thomas et al. (2000) realizaram uma pesquisa monitorando os sujeitos durante 24 horas de privação do sono através da Polissonografia. Os resultados obtidos nesse estudo mostrou um declínio global nas atividades cerebrais com alta redução da atenção levando a dificuldades na memória e um rebaixamento significativo no metabolismo cerebral (regiões do tálamo, córtex pré-frontal e parietal posterior). Estes estudos reforçam o quanto é importante que os idosos tenham uma boa qualidade de sono durante todas as noites.

Em recente conferência sobre o tratamento dos distúrbios do sono dos idosos, realizada nos Estados Unidos, foram apresentadas recomendações importantes quanto à investigação sobre a qualidade do sono no idoso. Foi proposto um roteiro de entrevista e avaliação composto por :

Avaliação inicial constando os seguintes itens: a satisfação do idoso com a qualidade do seu sono; a presença de sonolência ou fadiga durante o dia; e queixas relatadas pelo companheiro de leito ou outras pessoas que observam o seu sono, visando estabelecer hipóteses para diagnóstico.

Diário de Sono - solicitando o preenchimento durante uma ou preferencialmente duas semanas; fornecendo dados sobre: horários de dormir e despertar; latência estimada para o início do sono; motivo e duração das interrupções do sono, estimativas da qualidade do sono e sensação de bem-estar ao despertar, presença de sonolência durante o dia; número e duração de sestas ou “cochilos”. Estas informações devem contribuir para delinear um quadro “quantitativo e qualitativo do sono”.

Exame Físico e história das queixa relacionadas à saúde: possibilidade de distúrbios orgânicos ou psíquicos sendo os responsáveis pela etiologia das perturbações do sono.

Eventos potencialmente perturbadores: perda do cônjuge, aposentadoria, institucionalização ou outros que impliquem em mudanças de hábitos.

Qualidade da vigília: conhecer as condições de lazer, a prática de exercícios físicos, a interação social, a alimentação.

Ambiente físico em que o idoso dorme: temperatura, iluminação, sons, características do leito, segurança do local. Determinar se o idoso possui rotina estabelecida que preceda o ato de deitar-se para dormir, qual a regularidade destes hábitos e sua possível influência na qualidade do sono (NETTO, 1996).

MEMÓRIA

A memória é um “processo de retenção de informação no qual nossas experiências são arquivadas e recuperadas quando as chamamos” (CARDOSO, 1997). A memória não corresponde a um sistema unitário (BADDELEY, 1998), mas se apoia em um conjunto de unidades relativamente autônomos, porém cooperativamente com outros sistemas cerebrais.

Assim, animais, incluindo o homem, são capazes de modificar seu comportamento em função de experiências anteriores, o homem é capaz de considerar o

passado, situar-se no presente e fazer previsões sobre o futuro. Através do conjunto de habilidade mediadas por diferentes módulos do Sistema Nervoso que funcionam de forma independente, porém cooperativa, e que é designada memória (para revisão, Xavier, 1996).

As pesquisas sobre memória têm sido dominadas por um enfoque baseado na analogia entre o pensamento humano e o funcionamento do computador. É o modelo de processamento de informação, no qual a informação entra no sistema, é codificado e armazenado, e pode ser recuperada mediante o uso de rotinas específicas (NERI,2000).

Quando se faz a analogia do computador com o sistema de memória biológica, estes realizam as funções de transmissão para o sistema, retenção da informação e acesso a informação quando necessária. Segundo esses sistemas de memória existem 3 sistemas de armazenamento da memória - sensorial, de curta duração e de longa duração - que são responsáveis pela retenção ou pelo esquecimento (NERI,2000).

A memória sensorial é responsável pelo armazenamento inicial e breve dos estímulos externos. Uma vez processadas, as informações resultantes são transferidas para a memória de curta duração, sob a forma de imagens, palavras ou números. (NERI, 2000).

A memória de curta duração ou de curto prazo: é responsável pela retenção temporária das informações. É o breve armazenamento dos estímulos que foram reconhecidos. (LUNDY-EKMAN, 2000). A memória de curto prazo é aquela cujos itens são eventos recentes e que ainda estão na consciência (BERTOLUCCI, 2000-).

A memória de curta duração ou de curto prazo pode ser dividida em 2 sub-sistemas: memória primária é a retenção de pequenas quantidades de informação por curtíssimo períodos de tempo.

Para a informação ser usada precisa ser processada na memória operacional, sob a forma de conceitos e famílias de conceitos a serem lembrados (NERI,2000). Memória operacional envolve não apenas o armazenamento, mas também a manipulação de informações. Um exemplo de atividade que ela está presente é a realização de cálculos e apresentação de palavras que devem ser colocadas em ordem alfabéticas (BERTOLUCCI,2000; NERI,2000).

Memória de longa duração ou longo prazo: A memória de longo prazo tem um aspecto de codificação, isto é, um modo de classificar o evento para que se proceda o arquivamento; e um aspecto de recuperação, que permite a evocação do evento codificado (BERTOLUCCI, 2000).

A memória de longa duração compreende 2 sub-sistemas - memória declarativa ou explícita e memória não declarativa, processual ou implícita.

Memória declarativa ou explícita: é a memória para fatos e eventos, por exemplo, lembrança de datas, fatos históricos, números de telefone, etc. Reúne tudo o

“Memória operacional envolve não apenas o armazenamento, mas também a manipulação de informações. Um exemplo de atividade que ela está presente é a realização de cálculos e apresentação de palavras que devem ser colocadas em ordem alfabéticas.”

que podemos evocar por meio de palavras (daí o termo declarativa). Ela é subcaracterizada em:

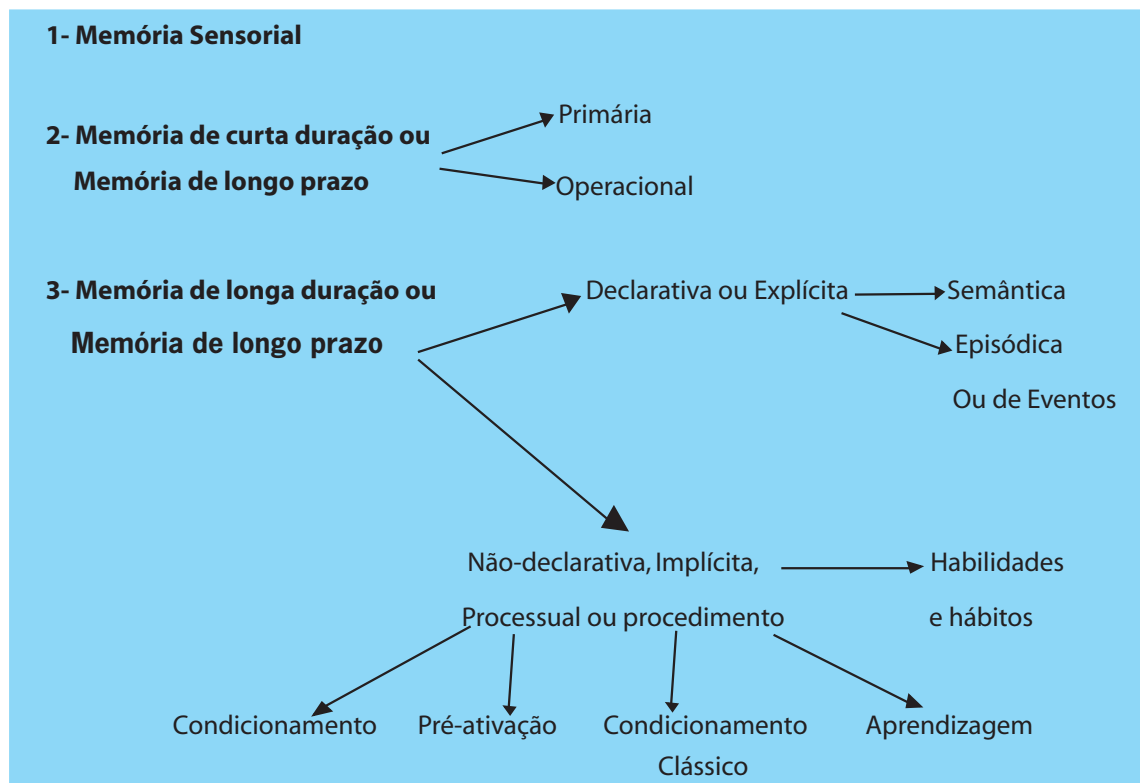
- *episódica ou autobiográfica*: quando envolve eventos datados, isto é relacionados ao tempo. Usamos a memória episódica, por exemplo, quando lembramos do ataque terrorista em 11 de setembro, as histórias de vida e da infância

- *semântica*: Abrange a memória do significado das palavras (do latim "significado"). É a co-participação partilhada do significado de uma palavra que possibilita às pessoas manterem conversas com significado. Usamos este tipo de memória ao aprender que Einstein criou a teoria da relatividade, ou que a capital da Itália é Roma (CARDOSO, 2004).

A memória não declarativa, implícita ou processual: designa a lembrança de habilidade e de hábitos. Envolve o armazenamento, encadeamento e codificação de informação de forma independente da consciência, intencionalidade e da linguagem. É necessário a prática para o armazenamento da memória de procedimento. Uma vez adquirida a habilidade ou hábito, não é necessária a atenção enquanto a tarefa está sendo executada. Exemplo: habilidade de dirigir um automóvel, a digitação, se tornam automáticas com a prática.

Nomenclaturas mais Utilizadas

O quadro abaixo é a simplificação das sub-divisões que compõe o sistema de memória descrito detalhadamente acima.



ALTERAÇÕES DO SONO NA MEMÓRIA

A experiência mostra que o ser humano dorme porque tem necessidades biológicas. Estudos foram feitos em ratinhos que, submetidos à falta de repouso, morreram por falência dos órgãos; segundo Yonekura (2004), pode acontecer com pessoas que não dormem. “O sono é essencial para a reposição das energias, para a manutenção da temperatura do corpo e retenção da memória de tudo o que aprendemos durante o dia”.

Na prática, significa dizer que ter bom sono é essencial para a memória e o aprendizado (YONEKURA, 2004).

Diversas pesquisas comprovam que ficar sem dormir pode ser tão perigoso quanto consumir bebidas alcoólicas, a má nutrição e o sedentarismo. As consequências de uma noite de sono mal dormida são a diminuição da concentração, o aumento na circulação de proteínas que controlam o sono e provocam a sensação de cansaço, o que pode levar a um cochilo involuntário, a diminuição da transmissão de sinais que o cérebro envia para os músculos e modificações no humor. Além disso para registrarmos as informações na memória, a atenção é a habilidade cognitiva fundamental, ou seja, precisamos estar atentos para codificar, armazenar e resgatar as informações quando forem necessárias.

Nader (2004) destaca o poder do sono no fortalecimento e restauração da memória na função de tarefas intelectuais, Nader pediu a 24 estudantes voluntários que reconhecessem palavras simples e foneticamente similares reproduzidas por um sintetizador vocal de baixa qualidade. A mesma palavra foi reproduzida apenas uma vez. As pessoas que serviram de sujeitos foram submetidas a uma sessão matinal e, ao final, foram capazes de aumentar sua taxa de reconhecimento em 21% em comparação com o início do teste. Aqueles submetidos ao teste pela segunda vez 12 horas depois - mas que não dormiram - viram seu desempenho despencar para 10%. Mas aqueles que dormiram entre os dois testes tiveram um desempenho tão bom quanto no início. "O sono pode resgatar lembranças que se deterioraram espontaneamente e lembranças envolvendo generalizações podem ser recuperadas".

Kushida (2000) mostrou que dormir profundamente depois de aprender um contexto novo ajuda a manter a informação na memória. No primeiro estudo deste tipo feito com seres humanos, pesquisadores treinaram grupos de voluntários em uma complicada tarefa de computador, enquanto mediam sua atividade cerebral. Os participantes foram observados enquanto faziam o teste, enquanto dormiam naquela noite e, no dia seguinte, de volta à frente do computador. Quando testados no segundo dia, os “dorminhocos” tiveram reações muito mais rápidas

“As consequências de uma noite de sono mal dormida são a diminuição da concentração, o aumento na circulação de proteínas que controlam o sono e provocam a sensação de cansaço, o que pode levar a um cochilo involuntário, a diminuição da transmissão de sinais que o cérebro envia para os músculos e modificações no humor.”

do que no dia anterior; e mais importante, foi demonstrado que enquanto os participantes do teste estavam dormindo, as partes do cérebro que haviam sido ativadas pelo teste pareciam estar revendo as informações durante o sono REM.

Cohen-Zion et al. (2001) mostraram que distúrbios do sono são comuns em idosos e que podem estar associadas a declínio funcional, à sonolência durante o dia e a baixo desempenho cognitivo. Neste estudo os idosos com 65 anos ou mais que apresentavam queixas de distúrbios do sono foram acompanhados durante dois anos. A medida de avaliação cognitiva foi o Mini-Mental State Examination (MMSE) e o auto-relato sobre as condições de sono. O estudo apontou que o declínio nas funções cognitivas estaria associado com o aumento da sonolência durante o dia, conseqüentemente, a noite de sono mal dormida que podem ser justificadas por distúrbios do sono (apnéia do sono ou mesmo muitos despertares noturnos).

O estudo de Mazzoni et al. (1999) com 30 idosos de 61-75 anos de idade, apresentou uma lista de pares de palavras não associadas para os idosos recordarem logo após despertarem pela manhã. Os resultados foram significativos para a relação sono – memória, quanto aos bons parâmetros da duração do ciclo do sono REM/NREM, quanto à proporção do tempo gasto em cada ciclo e o tempo total de sono. Isto é, se houver uma qualidade do tempo gasto em cada ciclo de sono REM e NREM e a qualidade do tempo total de sono de idosos, poderá facilitar a síntese de proteínas e aumentará a consolidação da memória. Como resultado de uma boa organização do tempo de sono é possível que ocorra um melhor desempenho na armazenagem de fatos e episódios que acontecem durante o dia (memória episódica) e um maior número de recordações.

Ohayon, et al. (2002), sugerem que existe uma relação entre excessiva sonolência durante dia e déficit cognitivo. Esses pesquisadores recrutaram 1026 idosos que são representativos da população de Paris, França, no qual tinham 60 anos ou mais. Comparando os idosos que não dormiam com aqueles com excessiva sonolência durante o dia verificaram um aumento de risco para um declínio cognitivo. A sonolência durante o dia, isto é má qualidade de sono, é um fator de risco para idosos, pois pode estar associada a um declínio nas funções cognitivas.

CONCLUSÃO

A sonolência excessiva diurna em idosos pode ser indício de que algo não vai bem com seu estado físico e/ou psicológico. Entretanto, também pode estar associada a distúrbios do sono, como apnéia ou insônia, com o tempo gasto, a qualidade do sono e com a quantidade de despertares durante a noite, no qual o idosos acaba tendo um sono fragmentado (“sono picado”). A sonolência diminui a atenção e o interesse podendo comprometer o desempenho cognitivo e funcional. Outra conseqüência também está relacionada com o aprendizado, mais especificamente com a memória. O sono é um processo fisiológico fundamental para a memória. É durante o sono que processamos as informações do dia-a-dia e as

transformamos em memória. Existe um estágio específico do sono que está relacionado com a memória. Este estágio é chamado de sono REM.

Os diversos estudos apontaram que a qualidade de sono dos idosos é um fator importante para a restauração da memória. Os pesquisadores dizem que o sono pode resgatar lembranças, no processo biológico profundo de armazenamento e consolidação no complexo circuito cerebral. Margoliash et al. diz que normalmente uma pessoa soma tantas lembranças durante cada dia que alguns detalhes se perdem nessa confusão, mas que o cérebro as classifica e reorganiza durante o sono. Ou recordações podem realmente se perder durante o dia, mas serem reconstituídas pelo cérebro durante sono. A função do sono ainda não é clara, mas sabe-se que a privação dele abala a saúde, causa perda de memória, aumenta os gastos energéticos, os batimentos cardíacos e pode causar até a morte, como ocorreu em camundongos depois de 10 a 20 dias sem dormir (IZQUIERDO, 2004).

Quanto ao velho conselho de que nada melhor do que uma boa noite de sono, os cientistas concluem que uma soneca tranqüila restaura lembranças que foram perdidas durante um dia agitado.

Referências Bibliográficas

BADDELEY, A. *Human memory: theory and practice*. Boston, Mass. : Allyn and Bacon, 1998.

BASTIEN C.H. et al. Cognitive performance and sleep quality in the elderly suffering from chronic insomnia: relationship between objective and subjective measures. *Journal of Psychosomatic Research*, v.54, p. 39-49, 2003.

BEARS, M.F. et al. *Neurociência: desvendando o sistema nervoso*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERTOLUCCI, P.H.F. Instrumentos para o rastreio da demência. In: FORLENZA, O.V.; CARAMELLI, P. *Neuropsiquiatria geriátrica*. São Paulo: Atheneu, 2000. p. 65-73.

CÂMARA, D.V.; CÂMARA, W. Distúrbios do sono no idoso. In: *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

CARDOSO, S.H. *Memória humana*. Disponível em : <<http://www.epub.org.br/cm/n01/memo.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2002.

CARDOSO, S.H. *Memória: o que é e como melhora-lá*. Disponível em: <<http://www.epub.org.br/cm/n01/memo/memoria.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2004.

COHEN-ZION, B.A. et al. Changes in cognitive function associated with sleep disordered breathing in older people. *American Geriatrics Society*, v.49, 2001.

IZQUIERDO. *Memória*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria>>. Acesso em: 10 mar. 2004.

- KINGSHOTT, R.N., et al. The effect of sleep fragmentation on cognitive processing using computerized topographic brain mapping. *Journal Sleep Res*, v.9, p.353-357, 2000.
- KRYGER M. et al. Sleep, health, and aging: bridging the gap between science and clinical practice. *Geriatrics*, v. 59, jan. 2004.
- KUSHIDA, C. Estudo comprova relação entre sono e memória. Disponível em: <<http://www.healthmag.com>>. Acesso em: dez. 2000.
- LUNDY-EKMAN, L. *Neurociência: fundamentos para a reabilitação*. Rio de Janeiro: Guanabara: 2000. p. 254-280.
- MARGOLIASH. Sono restaura e amplia a memória. Disponível em: <<http://ctjovem.mct.gov.br>>. Acesso em: 12 out. 2003.
- MAZZONI, G. et al. Word recall correlates with sleep cycles in elderly subjects. *Journal Sleep Res*, v.8, p.185-188, 1999.
- NADER, K. Estudo comprova relação sono e memória. Disponível em: <<http://www.noticias.terra.com.br/ciencia/interna>>. Acesso em: jun. 2004.
- NERI, A. L. *A memória e as memórias na velhice: um enfoque psicológico*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000, p. 1-11.
- NETTO, M.P. O sono do idoso. In: CEOLIN, F.M. *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996.
- OHAYON, M.M. et al. Daytime sleepiness and cognitive impairment in the elderly population. *Archives Internal Medicine*, v.162, p.201-208, 28 jan. 2002.
- PLUM, F. Distúrbios do sono e da ativação. In: Cecil et al. *Tratado de medicina interna*. 20 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997. v.2, p. 2189-2191.
- THOMAS, M. et al. Neural basis of alertness and cognitive performance impairments during sleepiness. 1º Effects of 24 h of sleep deprivation on waking human regional brain activity. *Journal Sleep Res*, v.9, n.4, p. 335-352, dec. 2000.
- XAVIER, G.F. Memória: correlatos anátomo-funcionais. In: NITRINI, R.; CARAMELLI, P.; MANSUR, L. *Neuropsicologia: das bases anatômicas à reabilitação*. São Paulo: Clínica Neurológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1996.
- YONEKURA, J.S. O sono que não chega. Disponível em: <http://www.gazetadepiracicaba.com.br/mostra_noticias.asp>. Acesso em: 30 jun. 2004.





O Ambiente Asilar e a Qualidade de Vida do Idoso



Resumo

A cada dia surge uma nova instituição asilar de origem filantrópica ou particular na grande Florianópolis, para atender há população idosa. Para que esta instituição legalmente exista, ela deve estar funcionando de acordo com as normas previstas pelo Estado de Santa Catarina (1999)- Fórum Permanente da Região Sul – Política Nacional do Idoso – Conselho Estadual do Idoso – SC, o qual redigiu um documento - Caracterização e Padrões Mínimos de Funcionamento das Instituições de Atenção ao Idoso. De acordo com o que foi mencionado acima, este estudo teve como objetivo verificar o perfil dos asilos da grande Florianópolis de acordo com as normas e prática baseados no documento. O presente estudo foi do tipo descritivo, cuja população abrangeu todas as instituições de idosos de cunho filantrópico da grande Florianópolis. Para a obtenção dos resultados foram utilizados os instrumentos: (1) roteiro de entrevista para o levantamento dos dados referentes às instituições; (2) roteiro de entrevista para analisar o ambiente e funcionamento dos asilos; (3) roteiro de entrevista de acordo com o documento intitulada Caracterização e Padrões Mínimos de Funcionamento das Instituições de Atenção ao Idoso. Após aplicação dos instrumentos, os dados foram tratados através da estatística descritiva, fundamentando-se com a bibliografia pesquisada. Mediante análise dos resultados, pode-se constatar que grande parte das instituições asilares da grande Florianópolis precisa tomar conhecimento e aplicar os padrões mínimos descritos no documento. Verificou-se que apenas uma instituição poderia estar funcionando. Conclui-se que a maioria das instituições asilares parece desconhecer os padrões mínimos para o seu funcionamento, evitando um ambiente voltado para um envelhecimento com qualidade de vida.

Palavras chaves: asilos, ambiente, idosos, qualidade de vida

Abstract

Every day a new nursing home is established in the Greater Florianópolis region to take care of its elderly population. To legally exist, they must comply with the rules established by the state of Santa Catarina (1999) - Permanent Forum of the South Region, National Elderly Policy and the State Elderly Council/SC, which resulted in the document "Characteristics and Minimum Standards for Nursing Homes Operation". According to what was mentioned, the objective of this study was to draw a profile of these institutions in the Greater Florianópolis region, according to the rules and practices based upon the document mentioned above. The present study is descriptive, including all philanthropic institutions for elderly in the Greater Florianópolis region. In order to achieve the results, the instruments used were: (1) list of topics for interviews to gather information related to the institutions; (2) list of topics for interviews to analyse the environment and functioning of the institutions; (3) list of topics for interviews based on the document "Characteristics and Minimum Standards for Nursing Homes Operation". After these instruments were applied, the data was evaluated under descriptive statistics, having as its basis the bibliography researched. The conclusions are that the majority of the institutions need to be acquainted with and to fulfil the requirements stated in the document. It was verified that only one institution met the standards. The conclusion is that the majority of elderly institutions seem to overlook the minimal functioning standards, thus deviating from an environment for aging with life quality.

Keywords: nursing home, environment, elderly, life quality

ADRIANA COUTINHO DE AZEVEDO GUIMARÃES

Mestre do Departamento de Ginástica, Recreação e Rítmica do Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos da Universidade do Estado de Santa Catarina.

JOSEANI PAULINI NEVES SIMAS

Mestre do Departamento de Ginástica, Recreação e Rítmica do Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos da Universidade do Estado de Santa Catarina.

SIDNEY FERREIRA FARIAS

Doutor do Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

A sociedade colaborou no processo de isolamento dos idosos. Muitas vezes calada e omissa, a sociedade formou idosos que, abandonados, sofrem as consequências psicológicas desse isolamento. Assim fizeram com que milhares de pessoas com mais idade assumissem a condição de idosos e asilados. Isso pode ser chamado por Beauvoir apud Salgado (1980), como uma conspiração do silêncio, o encaminhamento comum, o asilamento.

Com referência aos asilos da grande Florianópolis Benedetti e Schimtz (1998) observaram dez instituições de origem filantrópica e doze de origem particular. Essas instituições abrigam um total de 537 idosos, sendo 393 nas instituições filantrópicas e 144 nas particulares. Houve um grande aumento no número de instituições a partir de 1987, principalmente de origem particular. É importante sabermos o porquê desse aumento, principalmente das instituições de origem particular, ou seja, não só os idosos carentes estão precisando de moradia mas os de classe sócio-econômica média e alta também e isto pode estar acontecendo porque a própria família os rejeitam por falta de paciência, tempo ou até mesmo porque optam pelo abandono do idoso e buscam estas instituições para abrigá-los.

Segundo Brito e Ramos (1996), os asilos constituem a modalidade mais antiga e universal de atenção ao idoso fora de sua família. Têm por inconveniente, muitas vezes, conduzir esses indivíduos ao isolamento e a inatividade física em decorrência dos altos custos dos serviços de apoio. Esta deveria ser a última alternativa a ser considerada nos serviços sociais a serem oferecidos aos idosos.

Os asilos tendem a existir como meio de sobrevivência para os que não têm mais vida ativa e produtiva e necessitam de cuidados especiais e total assistência. Outro motivo para o asilamento parece ser a imagem criada pela sociedade de que o asilo é lugar de idoso pobre, já que os idosos com boa situação financeira são encaminhados a casas de saúde (geriatria) para repouso. Muitas vezes há uso de outras designações, como lar dos idosos, centro vivencial, sociedade asilar, mas na realidade são asilos.

Apesar de muitos autores considerarem tais instituições como locais inapropriados para idosos, devemos levar em conta que se as mesmas não existissem a maioria desses idosos estariam morando na rua ou sendo mal atendidos pelos familiares, portanto, antes de julgar é necessário analisar e tentar buscar determinados auxílios para ajudar as instituições asilares e principalmente os idosos nelas atendidos.

Hoje em dia é grande a procura por casas de repouso, asilos, casas geriátricas, instituições asilares, não importa o nome que se dê para chamar as casas que cuidam de idosos. Os seres humanos estão vivendo mais e com isso surgem alguns problemas de ordem social, financeira e principalmente o que se fazer com os idosos. Assim surgem as instituições asilares tentam solucionar esses problemas.

Os asilos, na sua grande maioria, são instituições religiosas e filantrópicas, com a função social de abrigar os idosos com problemas de moradia, sem família e carentes de recursos econômicos para sua subsistência. Mas com o crescimento da

população e a dificuldade em conciliar familiares e moradia, os idosos mais rejeitados são levados para os asilos. Os asilos geralmente são um caminho sem volta, porque tanto a família como a comunidade esquecem dos seus velhos internados. Estes, por sua vez, acabam perdendo a sua identidade e cidadania. Isto ocorre em consequência das condutas e comportamentos regidos pelas normas das instituições a que estão ligados. Muitos falecem por desgosto (SCHMITZ, 1997).

As instituições asilares apresentam aspectos próprios e determinam condutas e comportamentos pelas normas vigentes e institucionais. Na maioria das instituições asilares, todos os aspectos da vida são realizados num mesmo ambiente e sob uma única autoridade, e a rotina diária é praticamente igual para todos, ignorando-se diferenças individuais bem como a história de vida de cada um (JORDÃO NETTO, 1986).

As instituições asilares possuem o compromisso de suprir as necessidades básicas dos seus idosos, conferindo uma melhor qualidade de vida, que acaba sendo esquecida nos asilos devido às situações particulares dos mesmos. A maioria das instituições nem sempre pode oferecer determinadas atividades por falta de mão-de-obra especializada ou por questões financeiras, pois a grande parcela se mantém através de doações feitas pela sociedade; em algumas faltam atividades até mesmo pela restrição de espaço físico apropriado aos idosos, os quais podem ficar muito tempo ociosos, podendo levar à angústia e à depressão, entre outras doenças.

Em termos burocráticos e regulamentares para se manter uma instituição funcionando esta deve atender à caracterização e padrões mínimos de funcionamento das instituições de atenção ao idoso, segundo Santa Catarina (Estado), (1999). É desta caracterização que irá partir o presente estudo, que tem por finalidade averiguar a pertinência e existência dessas normas nos asilos da grande Florianópolis, bem como: (a) caracterizar os asilos da Grande Florianópolis; (b) investigar o funcionamento dos asilos através do documento intitulado caracterização e padrões mínimos de funcionamento das instituições de atenção ao idoso e (c) verificar a prática de atividade física sistemática e da vida diária nos asilos.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo descritivo-exploratório abrangeu todos os idosos das instituições da grande Florianópolis (Tijucas, Angelina, Canelinha, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, São João Batista, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Paulo Lopes, Santo Amaro da Imperatriz, São José, Águas Mornas, Alfredo Wagner, Anitápolis, Rancho Queimado e São Bonifácio) e as próprias instituições de cunho filantrópico.

Utilizou-se no estudo os seguintes instrumentos:

- (a) Roteiro de entrevista para o levantamento dos dados referentes às instituições;
- (b) Roteiro de entrevista para analisar o ambiente e funcionamento dos asilos;
- (c) Roteiro de entrevista de acordo com o documento intitulada caracterização e padrões mínimos de funcionamento das instituições de atenção ao idoso.

“Nas instituições ocorrem o desenvolvimento de algumas atividades coincidentes ou seja: ginástica, bingo, doutrina, passeios, trabalhos manuais, trabalhos educacionais, missa, trabalho na horta e recreação.”



Os dados coletados foram tratados mediante a estatística descritiva (distribuições de freqüências simples e percentual, média e desvio padrão).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Objetivando analisar o ambiente asilar da grande Florianópolis, os resultados estão organizados em tópicos, segundo os objetivos específicos do trabalho.

1. AMBIENTE ASILAR

Inicialmente, caracterizou-se as instituições asilares da grande Florianópolis, mas é necessário ter em mente que a idéia são de residências, ou deveriam ser. As instituições asilares deveriam lembrar de certa forma as casas, os lares, as residências, em seu tamanho, aconchego, conforto e acima de tudo o amor.

De acordo com Farias (1992), a habitação parece exercer uma influência significativa na formação do ser humano. Diante do exposto, procurou-se caracterizar os asilos da grande Florianópolis quanto a sua configuração, cujos dados estão expostos no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Caracterização dos Asilos da grande Florianópolis quanto à configuração

Fundado	Mantido	Idosos	Funcionários
Sociedade	80% salário idosos/doações/ maternidade	60	12
Centro espírita	80% salário idosos/ doações	49	40
Centro espírita	80% salário idosos/ doações	36	17
Centro espírita	80% salário idosos/ doações	38	19
Religião católica	10% governo/ doações	27	10
Irmãs espanholas	80%salário/ doações	50	18
Vicentinos	80% salário/ doações	27	14
Centro espírita	Doações/ promoções	5	10

Analisando o quadro 1, pode-se observar que sete asilos foram fundados por instituições religiosas e são mantidos por doações e parte do salário dos idosos. Estes ao entrarem nas instituições asilares deixam 80% do seu salário sob a responsabilidade da direção da instituição. É a instituição que recebe o salário e repassa o que sobra para o idoso. Observa-se ainda, que apenas uma instituição se mantém só com doações e promoções.

Nas instituições ocorrem o desenvolvimento de algumas atividades coincidentes ou seja: ginástica, bingo, doutrina, passeios, trabalhos manuais, trabalhos educacionais, missa, trabalho na horta e recreação.

Entre as atividades desenvolvidas, nota-se, conforme Bunn (1997), a carência e a necessidade de atividades mais voltadas ao idoso mais alegres, descontraídas e motivantes, possibilitando o desenvolvimento da autonomia dos movimentos.

Essas atividades poderiam ser divididas em mentais, físicas e manuais, tentando auxiliar nas perdas significativas que acometem o processo de envelhecimento, se o idoso for estimulado, ele pode permanecer com mais autonomia, para isso é necessário estar incentivando sempre, com atividades que sejam do agrado do idoso.

PADRÕES MÍNIMOS DE FUNCIONAMENTO

Após caracterizar os asilos da grande Florianópolis, procurou-se investigar o funcionamento dos asilos através do documento intitulado caracterização e padrões mínimos de funcionamento das instituições de atenção ao idoso Segundo Santa Catarina (Estado), (1999), cujos resultados seguem explicitados a seguir.

Primeiramente, buscou-se investigar a adequação dos aspectos burocráticos das instituições asilares, cujos os resultados constam na figura 1.

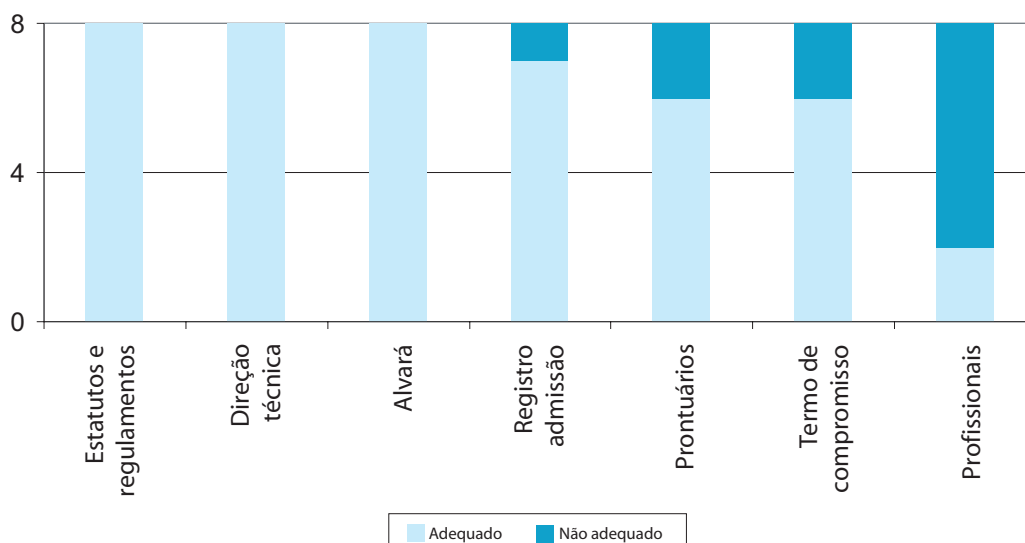


Figura 1 – Aspectos burocráticos das instituições asilares

Analisando a figura 1, verificou-se que todas as instituições deveriam estar com os aspectos burocráticos adequados para estarem funcionando. Infelizmente isto não acontece, apenas três itens estão adequados ao que prevê o documento.



Em continuidade verificou-se a estrutura das instituições asilares da grande Florianópolis, cujos resultados seguem na figura 2, a seguir.

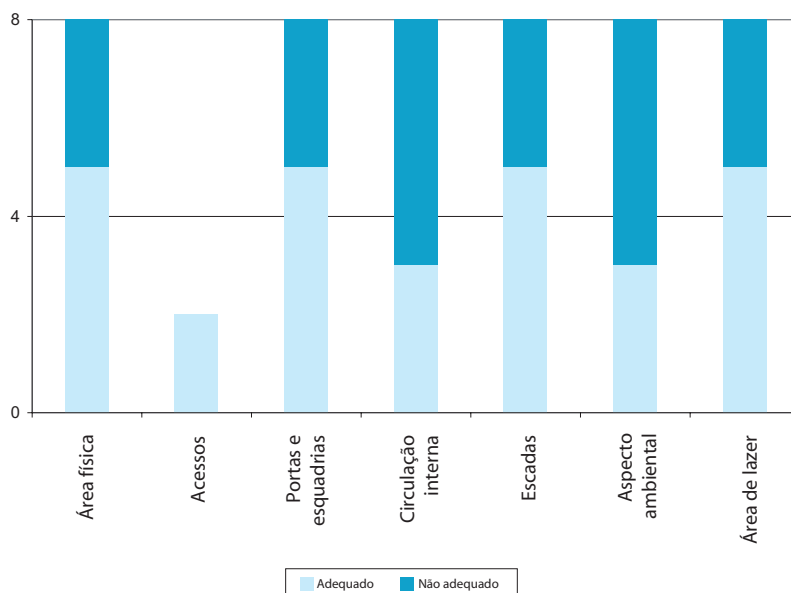


Figura 2 – Estrutura das instituições asilares

Com base na figura 3, verifica-se a estrutura das instituições asilares, em que todas as instituições deveriam estar com a estrutura adequada ao idoso, mas infelizmente não foi observado isto.

Em seqüência, investigou-se os aspectos relativos a higiene das instituições asilares da grande Florianópolis. Os resultados seguem na figura 3, a seguir.

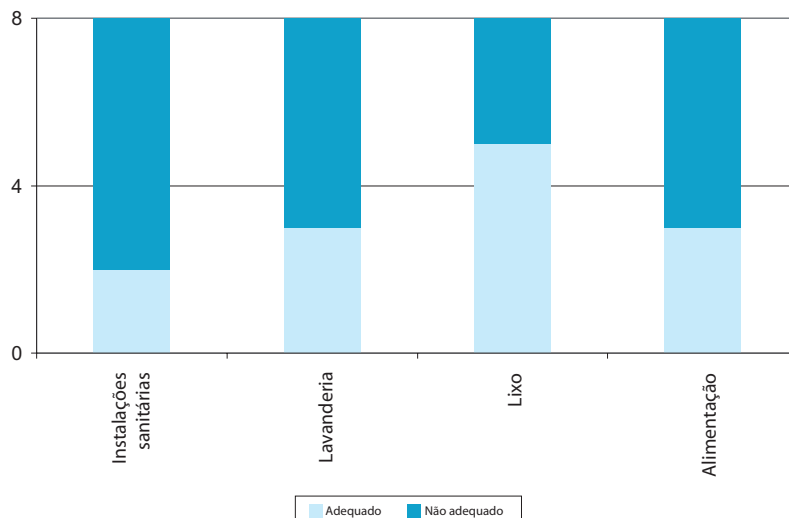


Figura 3 – Higiene das instituições asilares da grande Florianópolis

Analisando a figura 3, verificou-se com relação à higiene, que as instituições asilares parecem não estar com as instalações sanitárias, lavanderia, coleta de lixo e alimentação de acordo com as normas.

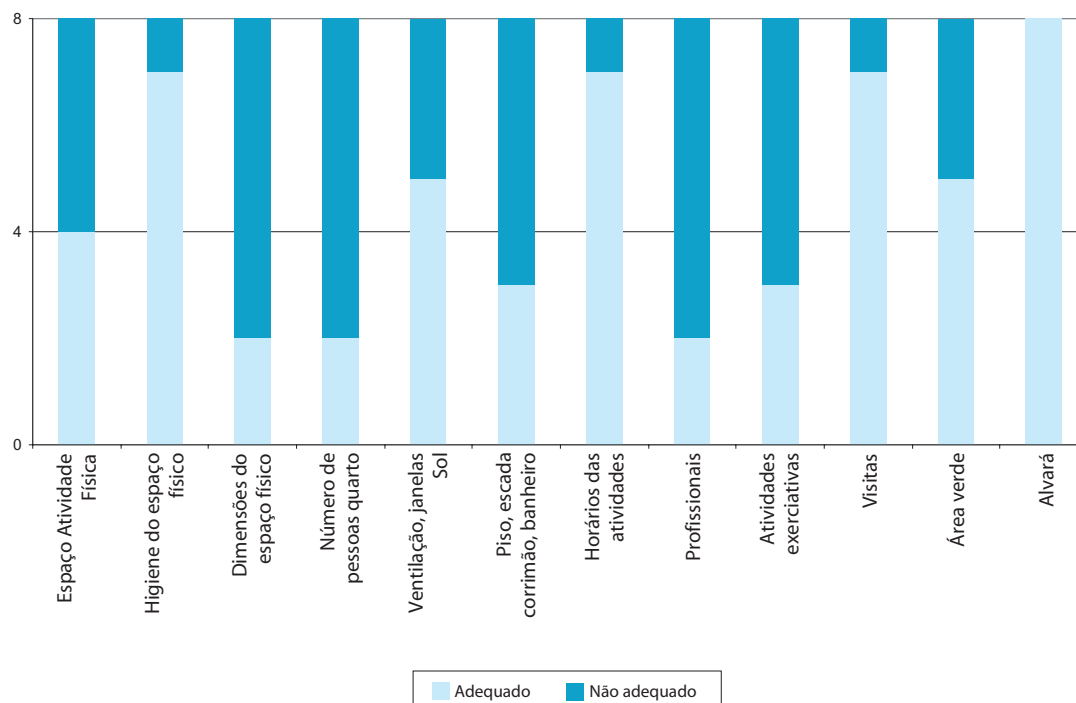


Figura 4 – Caracterização dos asilos da grande Florianópolis de acordo com a observação

Por fim, verificou-se na figura 4, que quatro instituições asilares não possuem espaço para atividade física. Um espaço para atividade física é um espaço propício para isto, uma sala grande, ampla ou uma área junto à natureza para desenvolver várias atividades, são indispensáveis para os idosos.

Estudos comprovam a importância da atividade física no ambiente asilar, neste sentido não se pode deixar de achar que todas as instituições deveriam possuir um espaço reservado para a prática de atividade física com profissionais qualificados que possam desenvolver um programa de exercícios eficazes para esses idosos asilados, que parecem inclusive asilados da vida. (SIMÕES, 1994; LOPES; SIEDLER, 1997)

Quanto à higiene do espaço físico, apenas uma instituição não está adequada; as demais estão trabalhando para que as instituições permaneçam sempre bem limpas. Deve-se lembrar que a limpeza se inicia por volta das 6h30min. antes dos banhos e permanece ao longo do dia, principalmente durante a alimentação, devido as dificuldades dos idosos de se alimentarem sozinhos, havendo a necessidade de uma manutenção durante o dia todo. Por isso há profissionais para realizar esta tarefa somente.

Em relação ao espaço físico, seis instituições não estão adequadas. Os quartos parecem estar com muitos leitos, há poucos banheiros, as acomodações de uma maneira geral não são equivalentes ao número de idosos na instituição talvez pela super lotação que apresentam-se determinadas instituições. É necessária uma reformulação neste quadro para que os idosos que residem nestas instituições venham a ter mais conforto. O número de pessoas no quarto também contraria a Teoria de Lauwe e parece não estar adequado em seis instituições.

Como foi dito antes, há uma super-lotação nas instituições. Cada leito deverá corresponder a área de 5,5 m², não devendo ser alojados mais de três leitos por quarto. De acordo com Lauwe (1975) “definiu-se primeiramente o limite patológico em relação ao metro quadrado/pessoa, encontrando nas análises uma média de 10 metros quadrados/pessoa, e o limite crítico, entre os 10 e 14 metros quadrados” (p. 23).

Segundo Farias (1992, p. 4), percebe-se que o número de pessoas por metro quadrado é um fator determinante da qualidade de vida e da possibilidade de interação social mais ampla e normal. Esses espaços podem propiciar o desenvolvimento da qualidade ou da deterioração da vida.

Em continuidade pode-se observar que a ventilação, janelas e iluminação não estão adequadas em três instituições e o piso, escada, corrimão e auxílio no banheiro, estão incorretos em cinco instituições.

Todos estes itens são importantes e necessários a instituição. A pesquisadora ressalta que em algumas instituições em que foi perguntado se havia corrimão e auxílio no banheiro, o responsável respondeu que havia, e ao fazer a observação a pesquisadora constatou que não. Devido ao ocorrido, há necessidade da entrevista e da observação, pois se verificou que algumas respostas não conferiam com a realidade da instituição.

Com relação ao horário das atividades, apenas uma instituição não estava com os horários adequados. Os idosos passavam um grande tempo sem se alimen-

tar devido ao espaçamento dos horários. É necessário que haja lanches entre as refeições principais ainda mais em se tratando de pessoas idosas que se alimentam pouquinho em cada refeição; os demais horários estavam adequados.

Com respeito aos profissionais das instituições asilares, o número de profissionais, está deficiente em seis instituições.

Com relação às visitas, apenas uma instituição não está adequada, pois não permite que o idoso receba a visita sem hora marcada. As demais instituições estipulam um horário para as visitas todos os dias das 9 as 10h e 30min e das 15 às 16h e 30min.

Quanto a área verde, 3 instituições não estão adequadas, pois não possuem nem um pátio muito menos área verde. De acordo com a caracterização todas as instituições deveriam possuir área externa que possibilitasse o cultivo de hortaliças, flores e folhagens, ervas medicinais etc. Para preencher o tempo saindo da ociosidade e podendo ser útil até no fornecimento e embelezamento da instituição sem contar a possibilidade de estar junto à natureza presenciando o nascer de plantas e até vivenciando o lar de alguns animais que ali residem.

De acordo com Farias apud OURIQUES (2000, p.22), um estudo aprofundado da influência do ambiente vivido e vivente, seja ele natural ou artificial, sobre a saúde e o estado de bem-estar do ser humano, deve priorizar alguns aspectos ligados ao estado bio-psico-socio-fisiológico do homem, tentando entender seu modo de vida.

ATIVIDADE FÍSICA

Finalmente, buscou-se verificar a prática de atividade física sistemática nos asilos da grande Florianópolis, cujos resultados constam no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Caracterização dos Asilos da grande Florianópolis quanto à prática de atividade física sistemática

Fundado	Atividades	Idosos	Funcionários
Sociedade	Ginástica e bingo	60	12
Centro espírita	Doutrina, ginástica e bingo	49	40
Centro espírita	Bingo e passeios	36	17
Centro espírita	Trabalhos manuais, doutrina e ginástica	38	19
Religião católica	Trabalhos manuais, educacionais, passeios e missa	27	10
Irmãs espanholas	Missa, ginástica, bingo e horta	50	18
Vicentinos	Missa e recreação	27	14
Centro espírita	Atividades recreativas	5	10

Analisando o quadro 2, nota-se a falta de atividade física exercitativa em quatro instituições asilares. Alguns exercícios como a caminhada e a ginástica podem vir a influenciar diretamente no grau de independência para realização das

atividades do dia-a-dia como tomar banho, escovar os dentes, lavar o cabelo, comer e assim por diante.

Deve-se levar em conta nas instituições que o importante é ajustar a intensidade e a quantidade de exercícios proporcionando ao indivíduo bem-estar, não esquecendo da frequência das atividades colocando como um hábito no dia-a-dia do idoso asilado.

A prática regular da atividade física adequada à idade pode vir a beneficiar, de alguma forma, toda e qualquer estrutura do corpo estando sadias ou com alguma patologia. A influência positiva da atividade física sobre a qualidade de vida é algo imprescindível (BROWNE 1997; BUCHNER 1997; KARVONEN 1996 ; VUORI 1995).

Estudiosos como Venjatraman e Fernandes (1997), salientaram a importância da atividade física sobre o sistema imunológico, como os demais sistemas do corpo, sofrem um enfraquecimento, aumentando o risco de infecções.

Estes mesmos autores estudaram homens e mulheres centenárias e verificaram que o sistema imunológico pode preservar a capacidade através de um regime regular de atividade física aeróbica, resultando em uma melhor qualidade de vida. Seus argumentos foram que exercícios moderados podem ajudar a reverter os efeitos adversos da idade, ajudando no aumento da produção de hormônios e beneficiando o poder das células de combate do corpo. O maior cuidado está em encontrar a dose certa de exercícios.

Segundo Plante e Rodin (1990), a relação dos benefícios do exercício com o aspecto biológico se dá pelo aumento da temperatura corporal, resultando num efeito tranqüilizante a curto prazo, pela regulação e adaptação do estresse, pelo aumento da atividade adrenal, pela redução do potencial nervoso do músculo em repouso ocasionando liberação de tensão, facilitando a neurotransmissão da noradrenalina, da serotonina e da dopamina melhorando o estado de ânimo do indivíduo.

Ainda Plante e Rodin (1990), tentando explicar os efeitos do exercício físico para a saúde psicológica, afirmam que uma melhor condição física proporciona uma sensação de competência, controle e auto-suficiência. O exercício em forma de meditação, desencadeia um estado de consciência alterado e mais relaxado. Além desses benefícios, proporciona distração, diversão, extravasamento de pensamentos, emoções e condutas desagradáveis, permitindo também melhor bem-estar psicológico pela melhora dos sintomas depressivos e ansiolíticos.

A prática regular de atividade física pode vir a interferir na longevidade, quando modifica os processos de doenças (HAYFLICK, 1996). De acordo com Paz (1990), a atividade física, entre tantas outras terapias formuladas para preservar a saúde do ser humano, é a mais natural, higiênica e menos custosa. É vantajosa pelo fato de poder ser utilizada em qualquer faixa etária, desde que haja o respeito à individualidade.

A difusão do exercício físico para pessoas idosas tem-se tornado uma estratégia simples, barata e eficaz tanto para diminuir os custos relacionados à saúde quanto para melhorar a qualidade de vida (GOBBI, 1996).

Porém, a atividade física precisa ser significativa e ser fonte de prazer para atender todas as necessidades do ser humano, na sua globalidade e não simples-

mente movimentos repetidos sem significado algum. Sobre esse aspecto, Gaiarsa (1997), afirma que quando se fala em esporte ou ginástica, a atitude básica que se tem frente ao próprio corpo é de ordenar movimentos forçados na intensidade, no ritmo e na duração, de tal forma que se escraviza o corpo a realizar movimentos sem pensar no real sentido desse ato.

Todo exercício é bom, contanto que, ao longo dele, a pessoa permaneça atenta a si mesma percebendo se seu modo de fazer força está adequado, se o movimento sai fácil, se ele está bem equilibrado, ritmado e descansado.

Para a pessoa idosa o ideal seria a prática de atividade física de intensidade leve a moderada, feita diariamente de forma continuada ou intermitente, desde que acumule pelo menos 30 minutos de execução. As atividades podem ser desde uma simples caminhada até uma aula de hidroginástica.

Deve-se lembrar que a atividade física de intensidade leve é aquela que requer esforço mínimo para ser realizada, podendo ser realizada continuamente por longos períodos de tempo (DUL; WEERDMUSTER, 1995). Já atividade de intensidade moderada é aquela que eleva (moderadamente) a frequência cardíaca, mas não implica em esforço físico exaustivo (Medicine and Science in Sports and Exercises, 1997). Estudos longitudinais provaram a forte associação entre os benefícios da atividade física moderada para a aptidão física (BLAIR et al., 1989; KOHL et al., 1992).

É possível se alcançar níveis bastante satisfatórios de desempenho físico, destaca Feijó (1999), com a prática de exercícios atraentes, diversificados e com intensidade moderada. Estes podem gerar auto-confiança, satisfação, bem-estar fisiológico e interação social. Cada vez mais se observa a participação das pessoas idosas em caminhadas, corridas, passeios de bicicleta, natação, dança, todas são formas adequadas para pessoas de idade avançada desfrutarem dos efeitos positivos da saúde (SILVA, 1997).

Vários autores ainda ressaltam a importância da medida certa nos exercícios, alimentação, repouso, alívio das tensões e esforços da vida cotidiana para equilibrar o sistema físico e psicológico.

De acordo com Blair (1995), a relação entre exercício ou atividade física e aptidão física está relacionada ao grau de resposta. Quanto mais atividade física melhor para a saúde. Deve-se considerar a liberdade de escolha sobre a quantidade de atividade física, no sentido de se conseguir maior adesão com relação à mesma. Alguma atividade física pode ser melhor do que nenhuma, principalmente quando se fala em indivíduos sedentários que se beneficiam mais do exercício para a saúde, conforme pesquisas atuais.

Alguns autores associam a aptidão e mortalidade em indivíduos com 50 anos (Bokovoy e Blair, 1994) ou em outros indivíduos anteriormente sedentários frente à atividade física moderada (BLAIR, 1993).

Parece que homens e mulheres que praticam atividade física moderada possuem mais benefícios de saúde se comparado aos indivíduos menos ativos. Os benefícios observados estão relacionados à pressão sangüínea, mudança na composição corporal, colesterol e hábitos positivos de estilo de vida (BLAIR, 1995).

“Para a pessoa idosa o ideal seria a prática de atividade física de intensidade leve a moderada, feita diariamente de forma continuada ou intermitente, desde que acumule pelo menos 30 minutos de execução. As atividades podem ser desde uma simples caminhada até uma aula de hidroginástica.”



No tocante as atividades da vida diárias, observa-se nas instituições asilares que as funcionárias auxiliam na maioria das tarefas, mas sabe-se que qualidade de vida está relacionada com a autonomia do idoso, pois leva à construção da autoconfiança deixando a ociosidade de lado e despertando o sentimento de “ser útil”.

Observou-se que as atividades diárias deveriam ser incentivadas por parte da instituição para que os idosos tentassem tomar banho sozinho ou com a menor ajuda possível, lavar a louça, fazer a cama, varrer pequenas áreas e assim por diante; acredita-se que a grande maioria desses idosos fazia essas atividades em casa e ao chegar na instituição deixam de fazer por acomodação. Eles observam que as funcionárias fazem tudo e os outros idosos nada fazem e por comodismo ou aceitação acabam fazendo o mesmo, vindo a perder sua autonomia e dependendo de terceiros para tudo.

Devido a isto, a necessidade de investir nos profissionais que trabalham nas instituições reciclando-os permanentemente, diminuindo a rotatividade dos mesmos, melhorando os salários, investindo mesmo no profissional, para que ele se sinta bem e trabalhe com vontade conseqüentemente se estará investindo também no idoso e na melhor qualidade de vida deste.

Interessante salientar que, na hora em que todos fazem o que quer há uma grande passividade e tristeza na instituição; tudo fica muito quieto e silencioso e se observa o sedentarismo. A prática regular da atividade física adequada à idade pode vir a beneficiar, de alguma forma, toda e qualquer estrutura do corpo estando sadias ou com alguma patologia. A influência positiva da atividade física sobre a qualidade de vida é algo imprescindível (BROWNE 1997; BUCHNER 1997; KARVONEN 1996; VUORI 1995).

Mas não se pode construir e manter uma qualidade de vida dentro de uma instituição asilar sem a ajuda de todos que ali residem e trabalham. Acredita-se que uma instituição asilar deva funcionar com o auxílio de todos com o intuito de proporcionar o bem-estar e satisfação de uma maneira geral, isso só acontecerá com o empenho de toda a família asilar.

CONCLUSÕES

Diante do exposto e de acordo com as limitações do estudo pode-se concluir que grande parte das instituições asilares da grande Florianópolis precisa tomar conhecimento do documento intitulado caracterização e padrões mínimos de funcionamento das instituições de atenção ao idoso para verificação dos itens que estão ou não adequados conforme esse documento. Com base no documento apenas uma instituição poderia estar funcionando, pois a mesma é a única que contempla os itens previstos no documento em questão.

A prática de atividade física formal nas instituições asilares da grande Florianópolis parece não ser uma prioridade das instituições, pois se verificou que a metade não possui uma atividade exercitativa com duração, intensidade e frequência pré-determinada. Em nenhum momento foi citado o profissional de educação física como recurso humano obrigatório e importante nas instituições asilares.

Referências Bibliográficas

- BARBANTI, V.J *Aptidão física: um convite a saúde*. São Paulo: Manole. 1990.
- BENEDETTI, T.B.B; SCHIMTZ, L.M. História das instituições que abrigam idosos (Grande Florianópolis). In: SEMANA DA PESQUISA DA UFSC, VI, 1998, Santa Catarina. *Anais...* Santa Catarina: UFSC, 1998. p. 502.
- BERQUÓ, E. *Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ENVELHECIMENTO POPULACIONAL, 1996, Brasília. (Conferência).
- BLAIR, S.N. et al. Physical fitness and aal-cause mortality: A prospective study of health men and women and unhealthy men. *Journal of the American Medical Association*, n.262, p. 2395-2401, 1989.
- BLAIR, S.N. et al. *Capacidad física y tasa de mortalidad para todas causas em general*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ACTUALIZACIÓN EN CIENCIAS APLICADAS AL DESPORTE, 3, 1994, Rosário, p. 439-449. (Resúmenes)
- BLAIR, S.N. Exercise prescription for health. *American Academy of Kinesiology and Physical Education, Quest*, n.47, p.338-353, 1995.
- BLAIR, S.N. Physical activity, physical fitness and health. *Research Quaterly for Exercise and Sport*, n. 64, p. 365-376, 1993.
- BOUCHARD, C.; SHEPARD, R. Physical activity, fitness and health: a model and key concepts. In: C. Bouchard et al. (Ed.). *Exercise, fitness and health*. Champaign: Human Kinetics, 1990.
- BRASIL, Ministério da Previdência e Assistência Social. *Plano Integrado de ação governamental para o desenvolvimento da política nacional do idoso*. Brasília: Secretaria de Assistência Social, 1997.
- BRITO, F.C; RAMOS, L.R. Serviços de atenção à saúde do idoso. In: PAPALÉO NETTO, M. *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996.
- BROWNE, D. Exercise by prescription. *Journal Research Society Health*, v.117, n.1, p. 52-55, 1997.
- BUCHNER, D.M. Physical activity and quality of life in older adults. *JAMA*, v. 277, n.1, p. 64-66, 1997.
- BUNN, J.K.T.C. *O idoso na academia: uma possibilidade*. 1997. Monografia (Especialização em Gerontologia) - CEFID / UDESC, Florianópolis, 1997. (não publicada).
- CONSIDERA, A. T. O idoso e a institucionalização. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ATIVIDADES FÍSICAS PARA A TERCEIRA IDADE, I, 1996, Rio de Janeiro. v.2.
- DIET, nutrition and prevention of chronic diseases. WHO – World Health Organization. *Technical Report Series*, Geneva, n. 797, 1990.
- DUL, J.; WEERDMUSTER, B. *Ergonomia prática*. São Paulo: Edgar Blücher, 1995.

- FARIAS, S.F. *Escola, lugar pré-desportivo estudo sobre o espaço físico: vivências naturais, na infância, e as contribuições das atividades pré-desportivas na escola*. 1992. Trabalho inédito apresentado para concurso titular da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.
- FEIJÓ, S. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Broadway// Alley/ 6471/ Atividade3.html>>. Acesso em 1999.
- FORCIEA, M.A; MOUREY, R.L. *Segredos em geriatria: respostas necessárias ao dia-a-dia em rounds, na clínica, em exames orais e escritos*. Tradução Jussara N.T. Burnier. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.
- FOX, K.R. The physical self and processes in self-esteem development. In: _____. *The physical self – from motivation to well-being*. EUA: Human Kinetics, 1997. p. 111-139.
- GAIARSA, A. *Como enfrentar a velhice*. 3 ed. São Paulo: Ícone, 1997.
- GOBBI, S. Atividade física para pessoas idosas e recomendações da organização mundial da saúde de 1996. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, Londrina, n.2, p. 41-49.
- HAYFLICK, L. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- HÔTE, J.M. *Brasil, uma política para a velhice já*. Tradução Antonio Luiz de Oliveira Ceshin. Rio de Janeiro: DINIGRAF, 1998.
- IBGE. *Censo*, São Paulo, n. 23, p. 1-363, 1991. (Santa Catarina e Rio de Janeiro).
- IBGE. *Contagem da população*. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.
- JORDÃO NETTO, A. *As instituições para idosos e sociedade*. In: CONGRESSO IBERO LATINO AMERICANO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, I, 1986, São Paulo. (Conferência)
- KARVONEN, M.J. Exercício físico e promoção da saúde. *Enciclopédia Salvat da Saúde*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1981.
- KARVONEN, M.J. Physical activity for a healthy life. *Research Quarterly Exercise Sport*, v.67, n.2, p. 213-215, 1996.
- LAUWE, C. et al. *Famille et habitation*. Paris: Centre National de La Recherche Scientifique, 1975.
- LOLA, M. J. F. ; Fernandes, M G. M. Respostas psicossociais de um grupo de idosos frente ao convívio asilar. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v.22, n.2, p.87, mar./abr. 1998.
- LOPES, M.A.; SIEDLER, M.J. Atividade física: agente de transformação dos idosos. *Texto & Contexto – A Enfermagem e o Envelhecer Humano*. Florianópolis, v.6, n. 2, maio/ago. 1997.
- MEDICINE and Science in Sports and Exercise Godin Leisure-Time Exercise Questionnaire. A collection of physical activity questionnaires for health-related research. *Official Journal of The American College of Sports Medicine*, v.29, n.6, p. 36-38, jun. 1997. Supplement.

- NAHAS, M. V. *O conceito de vida ativa: a atividade física como fator de qualidade de vida*. NuPAF/UFSC, 1995.
- NERI, A.L. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1993.
- NERI, A.L. JORNADA DE GERONTOLOGIA E GERIATRIA DA SBGG- SEÇÃO DE SC, I, 1997, Santa Catarina. (Conferência).
- NIEMAN, D.C. Como controlar as tensões da vida moderna. *Vida e Saúde*, 1993. p. 4-9.
- NIEMAN, D. C. *Exercício e saúde*. São Paulo: Manole, 1999.
- NOVAES, E.V. Qualidade de vida – atividade física, saúde e doença. In: CONGRESSO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA AIESEP, 1997, Rio de Janeiro. *Memórias...* Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1997.
- OURIQUES, P.M. *Hábitos de atividade física e histórico de vida associados à densidade mineral óssea de pessoas com idade acima de 80 anos.*, UFSC. Florianópolis, 2000. Dissertação não publicada.
- PAZ, R.L. *Educação física e recreação para terceira idade*. Porto Alegre: Sagra, 1990.
- PLANTE, T.G; RODIN, J. Physical fitness and enhanced psychological health. *Current psychology: Research and Reviews*, n. 9, p. 3-24. 1990.
- SALGADO, M.A. *Velhice, uma nova questão social*. São Paulo: SESC, 1980. (Biblioteca Científica - Série Terceira Idade, 1).
- SANTA CATARINA (Estado). Fórum Permanente da região Sul – Política Nacional do Idoso – Conselho Estadual do Idoso. *Caracterização e padrões mínimos de funcionamento das instituições de atenção ao idoso*. Santa Catarina, 1999. (a ser publicado).
- SCHMITZ, L. T. *Instituições de idosos: a história que não se conta*. 1997. Monografia (Especialização em Gerontologia) - UDESC, Florianópolis, 1997. (não publicada).
- SHARKEY, B.J. *Condicionamento físico e saúde*. Tradução Marcia dos Santos Dornelles e Ricardo Demétrio de Souza Petersen. 4ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SILVA, O.J. *Exercício em situações especiais*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- SILVA, M. A. D. *O exercício: preparação fisiológica, avaliação médica, aspectos especiais e preventivos*. São Paulo: Atheneu, 1999.
- SIMÕES, R.. *Corporeidade e terceira idade*. Piracicaba: Unimep, 1994.
- VENJATRAMAN, J.T; FERNANDES, G. Exercise, immunity and aging. *Aging Milano*, v.9, n.1-2, p. 42-56, 1997.
- VERAS, R.P. *País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UERJ, 1994.
- VUORI, I. Exercise and physical health: musculoskeletal health and functional capabilities. *Research Quarterly Exercise Sport*, v. 66, n.4, p. 276-285, 1995.



O Ministério Público na Defesa dos Direitos do Idoso



Resumo

Este artigo apresenta a atuação do Ministério Público na proteção dos direitos do idoso, dando ênfase aos direitos consagrados na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988; na Política Nacional do Idoso, de 1994; e no Estatuto do Idoso, de 2003. Além das atribuições previstas ao Ministério Público nesta área, através da Constituição da República Federativa do Brasil, Lei Orgânica Nacional do Ministério Público, analisa-se alguns instrumentos utilizados pelo Ministério Público na proteção dos direitos do idoso como: a Medida de Proteção, que poderá ser determinada pelo Promotor de Justiça ao verificar ameaças ou violações ao direito do idoso; a Ação Civil Pública, que será ajuizada quando o assunto versar sobre interesses difusos ou coletivos dos idosos; a Transação de Alimentos, que será celebrada e referendada pelo Promotor de Justiça, passando o termo de compromisso a ter efeito de título executivo extrajudicial; e a fiscalização das entidades governamentais e não-governamentais que abrigam idosos em caráter asilar. Em tempo, destaca-se que o Ministério Público desempenha um papel cada vez mais relevante na plena concretização dos direitos do idoso. Foi através da CRFB/88, que essa Instituição, bem como o direito do idoso, ganharam mais espaço e força no ordenamento jurídico brasileiro.

Palavras chaves: *ministério público, idoso e proteção jurídica.*

Abstract

This article presents the action of the Public Prosecution for the protection of the rights of the elderly. It focuses on the rights consecrated in the 1988 Constitution of the Federal Republic of Brazil; the National Policy on the Elderly, of 1994; and the 2003 Statute of the Elderly. In addition to the attributions of the Public Prosecution in this area, through the Constitution of the Federal Republic of Brazil, the National Organic Law of the Public Prosecution, it analyzes some instruments used by the Public Prosecution for the protection of the rights of the elderly, such as: The Medida de Proteção (Protection Measure), which may be determined by the Public Prosecutor in cases of threats or violations of the rights of the elderly; the Public Civil Action, which will be filed in matters relating to diffuse or collective interests of the elderly; the Transação de Alimentos (Food Transaction), which will be agreed and approved by the Public Prosecutor, with the term of commitment coming into effect as extra-judicial document to commence an execution process; and the inspection of governmental and non-governmental bodies which are responsible for running residential homes for the elderly. In time, it is highlighted that the Public Prosecution will perform an increasingly important role in the full concretization of the rights of the elderly. It was through the 1988 Constitution that this institution, as well as the rights of the elderly, gained more space and power in the Brazilian legal system.

Keywords: *public prosecutor's office, elderly and legal protection*

Roberta Terezinha Uvo

Acadêmica do curso de Direito da UNIVALI, bolsista do Programa Unicidade e Comunidade, e Oficial de Diligência do Ministério Público do Estado de Santa Catarina.

Maria de Lourdes Alves Lima Zanatta

Mestre em Relações Internacionais Econômicas e Sociais pela UFSC/ Uminho (Portugal) e Mestranda em Ciências Jurídicas (UNIVALI). Professora dos cursos de Direito da UNIVALI e da Universidade da Terceira Idade (Univida).

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo destacar a atuação do Ministério Público na defesa dos direitos do idoso¹. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o número de idosos poderá chegar a 32 milhões em 2025, gerando, assim, uma importante mudança no perfil da população, fato este que reforça a necessidade de ampliar os seus direitos e as formas para melhor protegê-los.

Com transcorrer do tempo o ser humano passa a apresentar limitações físicas não dispondo mais do mesmo animo e disposição para enfrentar o cotidiano necessitando assim de cuidados especiais. Esta circunstância especial de vida torna o idoso uma pessoa frágil que necessita de uma atenção especial da família, da sociedade e do Estado para assegurar os seus direitos.

O tema mostra-se relevante no contexto jurídico atual tendo vista o advento do Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741/03), que prevê novos direitos e instrumentos de proteção. Será abordada a proteção jurídica do idoso no ordenamento brasileiro, a atuação do Ministério Público, assim como os instrumentos utilizados para a proteção do idoso, como medida de proteção, ação civil pública e a transação de alimentos.

A PROTEÇÃO JURÍDICA DO IDOSO NO ORDENAMENTO BRASILEIRO

A evolução dos fatos sociais deve corresponder à evolução dos direitos, pois à medida que a Sociedade progride aumenta a complexidade do regramento da convivência humana, fato este que requer também a evolução no reconhecimento dos direitos.

Neste contexto, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988 (CRFB/88), inovou e evoluiu os direitos dos brasileiros, resultando na evolução da sociedade, fato este que ocorreu através de conquistas da sociedade civil organizada.

Ihering², destaca que o Direito constitui conquistas, ao longo da história da civilização, decorrentes da luta dos povos e classes:

Todo o direito do mundo foi assim conquistado, todo ordenamento jurídico que se lhe contrapôs teve de ser eliminado e todo direito, assim como o direito de um povo ou de um indivíduo, teve de ser conquistado com luta.

As conquistas mais importantes, nos tempos atuais, referem-se aos direitos sociais, muitos deles alcançados, inclusive, por intermédio ou contra o próprio Estado, sendo este o principal responsável pela sua efetivação.

No campo dos direitos sociais, os mais importantes dizem respeito a pessoas mais fragilizadas, situações de risco, que exigem uma atuação mais atenta por parte dos Poderes Públicos, como é o caso dos idosos, os quais estão, naturalmente, mais expostos aos riscos sociais.

¹ Considera-se idoso, para efeitos da Lei n. 10.741/03, pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

² IHERING, Rudolf Von. A luta pelo direito. Trad. J. Cretella Jr. e Agnes Cretella. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1998. p. 27.

Para tanto, a inclusão dos direitos do idoso na CRFB/88, não foi diferente, ou seja, esta foi marcada por muita luta, como explica Melo³:

Para que a Assembléia Nacional Constituinte incluísse na Lei Maior uma garantia dos direitos dos idosos, no Brasil, precisou muita luta, organização, vigilância e pressão para que a mesma não ficasse omissa referente a tão expressiva parcela de brasileiros. (Hadadd)

Ressalta-se que a CRFB/88 foi a primeira Constituição a versar sobre a proteção jurídica do idoso, referindo-se a este no Título VIII, relativo à Ordem Social e no Capítulo VII, que trata da Família, da Criança e do Adolescente.

Quanto à inclusão da proteção jurídica do idoso na CRFB/88, escreve Séguin⁴, que esta representou uma evolução, à medida que “lançou luz sobre o tema e forçou o legislador infraconstitucional a manifestar-se”. Trata-se, com efeito, de um importante estímulo para o regramento dos direitos daquelas pessoas que mais dependem de proteção para viver com dignidade.

O artigo 230, da CRFB/88, impõe a família, a sociedade e ao Estado o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito a vida.

Pela análise deste artigo, depreende-se que a responsabilidade pelo amparo e proteção das pessoas não é exclusiva do Estado, é também da família e da sociedade como um todo, ou seja, todos têm o dever de amparar e proteger os idosos. Esta conclusão também se extrai dos princípios fundamentais arrolados no artigo 3º, da CRFB/88, em especial, do princípio da solidariedade, segundo o qual as pessoas devem conviver em sociedade ajudando umas às outras.

Já, o artigo 203, determina ao Estado a prestação da assistência social, no caso em que nem a família, nem a sociedade a faça, observe-se:

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I. A proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;

(...)

V. a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de promover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

A assistência social é uma das principais missões do Estado, nos dias de hoje, especialmente, considerando o aumento progressivo das desigualdades sociais e da proliferação dos mais variados riscos sociais, como: idade avançada, doença e desemprego; que comprometem a existência de uma vida digna e feliz.

³MELO, Orfelina Vieira. O Idoso Cidadão. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1994. p. 25.

⁴SEGUIN, Elida. Proteção Legal ao Idoso. In: SEGUIN, Elida (Org.). O Direito do Idoso. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999. p. 9.



Quanto ao artigo acima citado, explica Machado⁵, que a CRFB/88 trouxe para a atualidade um momento novo e um tema da maior importância para a sociedade, que é o trato e atenção para a assistência social.

Finalmente, o artigo 229, da CRFB/88, determina que é dever dos filhos maiores ajudar e amparar os pais na velhice. Neste diapasão, salienta Ceneviva⁶, que:

A exigibilidade desse direito depende, porém, em grande parte, dos valores pessoais envolvidos em cada caso, podendo ver invocados os preceitos constitucionais e estatutários se os filhos os descumprirem, ante a efetiva necessidade de amparo de seus pais.

A família é o principal recanto de proteção que deve assegurar os meios adequados para a sobrevivência, tanto no início como no final da vida.

A Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei n.º 8842/94 e regulamentada pelo Decreto n.º 1948/96, tem como objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, nos termos de seu artigo 1º. Observa-se que a Política Nacional do Idoso, em concordância com as diretrizes fixadas pela CRFB/88, tratou igualmente da preocupação em proteger os direitos dos idosos. Sendo essa lei a primeira legislação específica no tange à questão do idoso no Brasil, assegurando os seus direitos, a criação de condições dignas para prover sua autonomia e a sua integração na sociedade.

No presente momento, o Estatuto do Idoso, criado pela Lei n.º 10.741, de 01 de outubro de 2003⁷, estabelece prioridade absoluta as normas protetivas ao idoso, elecando novos direitos e estabelecendo mecanismos específicos de proteção.

Trata-se, com efeito, de um importante instrumento normativo para a tutela dos direitos dos idosos. O advento do Estatuto não é apenas uma conquista no plano normativo formal, é também um marco para a consciência idosa do país; a partir da sua edição, os idosos passarão a exigir mais o respeito e a proteção aos seus direitos e os demais membros da sociedade estarão mais sensibilizados com a importância de amparar e proteger essas pessoas.

Os principais direitos do idoso encontram-se no artigo 3º do Estatuto, o qual preceitua que:

Art. 3º. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitário.

⁵MACHADO, Maria Nazaré dos Santos. A questão social do idoso na Amazônia. In: MARKS, Márcia Izabel Godoy e ROCHA, Maria Aparecida Marques da (Coord.). II Encontro Nacional de Serviço Social e Seguridade. Porto Alegre: [s.n.], 2000. p. 74.

⁶CENEVIVA, Walter. Estatuto do idoso, constituição e código civil: a terceira idade nas alternativas da lei. In: A Terceira Idade. Vol. 15. N.º 30. São Paulo. Maio/2004. p. 12.

⁷ Esta lei entrou em vigor noventa dias após a data de sua publicação, exceto o artigo 36, o qual trata sobre a caracterização de dependência econômica, que passou a vigorar no dia primeiro de janeiro deste ano.

Neste norte, explica Paulo Alves Franco⁸, que: “A Lei fala em obrigação e não em faculdade que têm a família e as entidades públicas em assegurar esses direitos ao idoso. Se a família não tiver condições para socorrê-lo o poder público o substituirá dentro da sua possibilidade”.

A razão da repetição da CRFB/88, da Política Nacional do Idoso, da Lei Orgânica de Assistência Social (Lei n.º 8.742/93), da Política Estadual do Idoso (Lei n.º 11.436/00) e as Leis Orgânicas Municipais, é dar ênfase aos artigos que visam assegurar os direitos dos idosos.

Finalmente, os cento e dezoitos artigos do Estatuto foram criados para por em prática as garantias dos direitos assegurados pela CFRB/88 e pelas políticas públicas de atenção ao idoso.

O MINISTÉRIO PÚBLICO

O Ministério Público é conceituado no artigo 127, caput, da CRFB/88, como: “[...] instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis.”. A partir desse conceito, percebe-se a importância e o papel a ser desempenhado pelo Órgão do Ministério Público, nesse contexto diz Mazzilli⁹, que:

O Ministério Público tem a destinação permanente de defender a ordem jurídica, o próprio regime democrático e ainda os interesses sociais e individuais indisponíveis, inclusive e principalmente perante o Poder Judiciário, junto ao qual tem a missão de promover a ação penal e ação civil pública.

As funções conferidas ao Ministério Público para a defesa dos direitos e garantias constitucionais do idoso, por meio de medidas administrativas e judiciais, estão elencadas no artigo 129 da CRFB/88, na Lei Orgânica Nacional do Ministério Público (Lei n.º 8.625/1993), assim como na Lei Orgânica do Ministério Público de Santa Catarina (Lei Complementar Estadual n.º 197/2000).

Consta no Plano Geral de Atuação do Ministério Público de Santa Catarina de 2004-2005 (Ato n.º 074/MP/SC) como uma das atuações prioritárias na área da Cidadania a proteção dos direitos do idoso¹⁰. Diz Hugo Nigro Mazzilli¹¹ que: “Da mesma forma que um dia ocorreu com a defesa do meio ambiente, do consumidor, da pessoa portadora de deficiência, da criança e do adolescente, chega agora a vez do Ministério Público voltar sua atenção para a tutela jurídica das pessoas idosas”.

⁸ FRANCO, Paulo Alves. Estatuto do Idoso Anotado. São Paulo: LED, 2004. 169 p.

⁹ MAZZILLI, Hugo Nigro. Regime Jurídico do Ministério Público: análise da Lei Orgânica Nacional do Ministério Público, aprovada pela Lei n. 8.625, de 12 de fevereiro de 1993. p. 72

¹⁰ O item 7.3 que trata da tutela do idoso, assim dispõe: “Dar continuidade às ações já desencadeadas, visando a zelar pela correta aplicação das normas relativas ao idoso, evitando a ocorrência de abusos e lesões a seus direitos e contribuindo com o seu bem-estar, especialmente por meio de vistorias em entidades asilares e de ações articuladas com outros organismos e instituições.”

¹¹ MAZZILLI, Hugo Nigro. A Pessoa Idosa e o Ministério Público. Disponível em: <<http://www.femperj.org.br/artigos/prev/prev02.htm>>. Acesso em: 12 julho 2004.



Encontram-se expressas no Estatuto do Idoso as atribuições conferidas ao órgão do Ministério Público, como a legitimidade para requer e determinar medidas de proteção, a fiscalização das entidades governamentais e não-governamentais de atendimento ao idoso, entre outras elencadas no artigo 74 do mesmo estatuto, conforme dispõe:

Art. 74. Compete ao Ministério Público:

- I – instaurar o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção dos direitos e interesses difusos ou coletivos, individuais indisponíveis e individuais homogêneos do idoso;
- II – promover e acompanhar as ações de alimentos, de interdição total ou parcial, de designação de curador especial, em circunstâncias que justifiquem a medida e officiar em todos os feitos em que se discutam os direitos de idosos em condições de risco;
- III – atuar como substituto processual do idoso em situação de risco, conforme o disposto no art. 43 desta Lei;
- IV – promover a revogação de instrumento procuratório do idoso, nas hipóteses previstas no art. 43 desta Lei, quando necessário ou o interesse público justificar;

V – instaurar procedimento administrativo e, para instruí-lo:

- a) expedir notificações, colher depoimentos ou esclarecimentos e, em caso de não comparecimento injustificado da pessoa notificada, requisitar condução coercitiva, inclusive pela Polícia Civil ou Militar;
- b) requisitar informações, exames, perícias e documentos de autoridades municipais, estaduais e federais, da administração direta e indireta, bem como promover inspeções e diligências investigatórias;
- c) requisitar informações e documentos particulares de instituições privadas;

VI – instaurar sindicâncias, requisitar diligências investigatórias e a instauração de inquérito policial, para a apuração de ilícitos ou infrações às normas de proteção ao idoso;

VII – zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados ao idoso, promovendo as medidas judiciais e extrajudiciais cabíveis;

VIII – inspecionar as entidades públicas e particulares de atendimento e os programas de que trata esta Lei, adotando de pronto as medidas administrativas ou judiciais necessárias à remoção de irregularidades porventura verificadas;

IX – requisitar força policial, bem como a colaboração dos serviços de saúde, educacionais e de assistência social, públicos, para o desempenho de suas atribuições;

X – referendar transações envolvendo interesses e direitos dos idosos previstos nesta Lei.

§ 1º A legitimação do Ministério Público para as ações cíveis previstas neste artigo não impede a de terceiros, nas mesmas hipóteses, segundo dispuser a lei.

§ 2º As atribuições constantes deste artigo não excluem outras, desde que compatíveis com a finalidade e atribuições do Ministério Público.

§ 3º O representante do Ministério Público, no exercício de suas funções, terá livre acesso a toda entidade de atendimento ao idoso.

Já nos processos, em procedimentos que não forem parte, o Ministério Público atuará obrigatoriamente na defesa dos direitos e interesses da lei, ao contrário, deverá ser decretada a nulidade do feito¹². Ainda, havendo desistência ou abandono de ação civil pública por associação legitimada, o Ministério Público, deverá assumir a titularidade ativa. Para tanto, verifica-se que um dos papéis mais importantes do Ministério Público é defender e proteger os direitos do idoso, seja judicial ou extrajudicialmente.

¹² Segundo o Enunciado n.º 1, do Ato n.º 89/2005/PGJ do Estado de Santa Catarina: "A intervenção do Ministério Público em feitos envolvendo o direito de idosos somente é obrigatória, sob pena de nulidade, quando estiverem em litígio direitos de idosos em condição de risco (art. 74, II, do Estatuto do Idoso), em especial no que diz respeito às matérias expressamente tratadas no artigo 3º do Estatuto do Idoso."



OS INSTRUMENTOS DE ATUAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO NA DEFESA DOS DIREITOS DO IDOSO

O Promotor de Justiça em sua atuação na defesa dos direitos do idoso, poderá valer-se de instrumentos na esfera administrativa e judicial, nos casos que envolvem lesão aos interesses difusos, coletivos ou individuais homogêneos. Dentre estes instrumentos estão: a Medida de Proteção, a Ação Civil Pública, a Transação de Alimento e a Fiscalização das Entidades que abrigam idosos, conforme será analisado a seguir.

Medida de Proteção

A teor do artigo 45 do Estatuto do Idoso o representante do Ministério Público ao verificar ameaças ou violações ao direito do idoso poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas: o encaminhamento à família ou curador, mediante termo de responsabilidade; orientar, apoiar e acompanhar temporariamente; expedir requisições para tratamento de saúde; incluir em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a usuários dependentes de drogas, ao próprio idoso ou à pessoa de sua convivência que lhe cause perturbação; abrigar em entidade ou abrigar temporariamente. Logo, este instrumento de proteção facilita o acesso à justiça na medida em que os direitos podem ser garantidos de forma pronta e ágil sem a necessidade e os entraves burocráticos do processo judicial.



Ação Civil Pública

A Lei n.º 7.347/85, trata sobre a Ação Civil Pública, a qual também é encontrada no artigo 129 da CRFB/88. Esta ação visa proteger, dentre outros, os interesses difusos, coletivos, individuais indisponíveis ou homogêneos.

Após a criação da Lei de Ação Civil Pública houve a valorização do Ministério Público quanto a atuação nos interesses difusos e coletivos. Neste contexto, escrevem Hélio Abreu Filho e Franciny B. Abreu de Figueiredo e Silva¹³ que “a Ação Civil Pública consagrou uma instituição, o Ministério Público, valorizando seu papel de autor em prol dos interesses difusos e coletivos. O Ministério Público saiu do exclusivismo das funções de autor no campo criminal e da tarefa de fiscal da lei no terreno cível, para nesta esfera passar a exercer mister de magnitude social.”.

O Ministério Público deverá estar presente como autor ou interveniente, em qualquer ação civil pública quando o assunto versar sobre interesses difusos ou coletivos dos idosos, a teor dos artigos 127, caput, e 129, II e III da CRFB/88, no inciso III do artigo 82 do Código de Processo Civil, e no artigo 1º, IV, da Lei de Ação Civil Pública (Lei n.º 7.347/85).

O Ministério Público deverá estar presente como autor ou interveniente, em qualquer ação civil pública quando o assunto versar sobre interesses difusos ou coletivos dos idosos, a teor dos artigos 127, caput, e 129, II e III da CRFB/88, no inciso III do artigo 82 do Código de Processo Civil, e no artigo 1º, IV, da Lei de Ação Civil Pública (Lei n.º 7.347/85).

De acordo com o Estatuto do Idoso possui legitimidade ativa para propor a Ação Civil Pública, quanto o assunto versar sobre a defesa do interesse do idoso, dentre outros, o Ministério Público.

Transação de Alimentos

Os alimentos serão prestados ao idoso, na forma dos artigos 1.694 a 1.710 do Código Civil e do artigo 1.120, V do Código de Processo Civil. O Promotor de Justiça poderá celebrar as transações relativas a alimentos, ocasião em que elaborará um termo de compromisso que será assinados por ele e pelas partes, que passará a ter efeito de título executivo extrajudicial. Não tendo condições econômicas, o idoso ou seus familiares, de promover o seu sustento, será imposto ao Poder Público esse ônus, no âmbito da assistência social, a teor do que dispõe o artigo 14 do Estatuto do Idoso.

Fiscalização das Entidades

O Estatuto do Idoso criou um capítulo específico quanto a Fiscalização das Entidades de Atendimento, determinando que as entidades governamentais e não-governamentais de atendimento as pessoas idosas serão fiscalizadas pelos Conselhos do Idoso, Ministério Público, Vigilância Sanitária e dentre outros.

¹³ ABREU FILHO, Hélio; SILVA, Franciny B. Abreu de Figueiredo e. Mecanismos de Exigibilidade. In: ABREU FILHO, Hélio (Org.). Estatuto do Idoso Comentários. Florianópolis: [s.n.], 2004. p. 19-37.

A entidade que causar infração, colocando em risco os direitos assegurados pelo Estatuto, será o fato comunicado ao Ministério Público para tomar as providências cabíveis, assim como este órgão poderá promover, sem a necessidade de processo judicial, a suspensão das atividades ou dissolução da entidade, com a proibição de atendimento aos idosos a bem do interesse público.

Contudo, antes da publicação do Estatuto do Idoso, já vinha atuando o Ministério Público do Estado de Santa Catarina, através do Programa de Vistoria a Entidades Asilares¹⁴:

Com o intuito de facilitar o cumprimento desta atribuição legal, a Coordenadoria de Defesa dos Direitos Humanos, da Cidadania e das Fundações criou um cadastro de entidades asilares situadas no Estado de Santa Catarina, bem como, elaborou este programa de vistoria a ditos estabelecimentos, objetivando que o Ministério Público, agindo articuladamente com outros organismos e instituições, tais como Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária, Secretarias de Estado e Municipais, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Conselhos Estadual e Municipais do Idoso e os Conselhos Estadual e Municipais de Assistência Social, possa contribuir com o bem estar dos idosos do nosso Estado.

Pelo exposto, verifica-se que a fiscalização dos estabelecimentos que abrigam os idosos em regime asilar, é uma das mais importantes atribuições do Ministério Público, haja vista a condição especial de vida dos idosos, os quais, além das mais variadas privações próprias da idade ainda encontram-se, geralmente, desamparados de seus familiares e impedidos de exercer plenamente os direitos referentes à cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proteção jurídica dos direitos do idoso no Brasil, inicialmente encontra-se consagrada na CRFB/88, bem como na Política Nacional do Idoso (Lei n.º 8842/94), na Lei Orgânica de Assistência Social (Lei n.º 8.742/93), na Política Estadual do Idoso (Lei n.º 11.436/00), nas Leis Orgânicas Municipais e, atualmente, no Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741/03), que estabelece prioridade absoluta aos direitos do idoso, dispondo de instrumentos de proteção a estes direitos.

A função do Ministério Público na proteção dos direitos do idoso é imposta, primeiramente, pela CFRB, devendo para tanto, o Ministério Público de cada Estado atuar com prioridade em defesa dos direitos do idoso, assim como está fazendo o Ministério Público do Estado de Santa Catarina.

O Ministério Público desempenha um papel cada vez mais relevante na plena concretização dos direitos do idoso. Foi através da CRFB/88, que essa Instituição, bem como o direito do idoso, ganharam mais espaço e força no ordenamento jurídico brasileiro.

¹⁴ Sonia Maria Demeda (Coord.). Programa de Vistoria a Entidades Asilares. Florianópolis: MP-SC, 2003.

Dentre outras atribuições expressas no Estatuto do Idoso, foram destacadas: a determinação de Medida de Proteção, legitimação para a proposição de Ação Civil Pública, Fiscalização das Entidades e a celebração da Transação de Alimentos.

A Medida de Proteção, é um instrumento que permite ao Ministério Público dar agilidade aos casos que muitas vezes não podem esperar até a apreciação judicial. O Ministério Público possui legitimidade conferida pela CRFB/88 para propor Ação Civil Pública (Lei n.º 7.347/85), bem como praticar todos os atos necessários a garantia dos interesses difusos ou coletivos dos idosos. A Transação de Alimentos poderá ser referendada pelo Promotor de Justiça, a qual terá efeito de título executivo extrajudicial.

A Fiscalização dos estabelecimentos que abrigam os idosos em regime asilar, é uma das mais importantes atribuições do Ministério Público, já que deve ser observada a condição especial de vida o idoso como pessoa frágil.

Contudo, destaca-se que a maioria dos idosos ainda não descobriu que são os atores principais para a efetivação de seus direitos e para que isto aconteça é fundamental a conscientização tanto dos operadores jurídicos da sua importância, como também dos próprios idosos, os quais precisam conhecer seus direitos para exercê-los e reivindicá-los.

Referências Bibliográficas

ABREU FILHO, Hélio; SILVA, Franciny B. Abreu de Figueiredo E. Mecanismos de exigibilidade. In: ABREU FILHO, Hélio (Org.). *Estatuto do idoso comentários*. Florianópolis: [s.n.], 2004. p. 19-37.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: 1988 – texto constitucional de n. 1, de 1992, a 30, de 2000, e pelas Emendas Constitucionais de Revisão de n. 1 a 6, de 1994 – Brasília, DF: Senado, 2000.*

BRASIL. Lei n.º 8.842 de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www.mp.sc.gov.br/legisla/fed_leidec/lei_federal/1994/lf8842_94.htm>. Acesso em: 26 abr. 2004.

BRASIL. Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www.mp.sc.gov.br/legisla/fed_leidec/lei_federal/2003/lf10741.htm>. Acesso em: 26 abr. 2004.

FRANCO, Paulo Alves. *Estatuto do idoso anotado*. São Paulo: LED, 2004. 169 p.

MAZZILLI, Hugo Nigro. A pessoa idosa e o Ministério Público. Disponível em: <<http://www.femperj.org.br/artigos/prev/prev02.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2004.

PIARDI, Sonia Maria Demeda (Coord.). *Programa de vistoria a entidades asilares*. Florianópolis: MP-SC, 2003. 83 p.

SEGUIN, Elida. Proteção legal ao idoso. In: SEGUIN, Elida (Org.). *O direito do idoso*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999. p. 1-42.

O Lúdico Como Instrumento Cultural e Aproximação de Gerações



Resumo

Nesse trabalho foi investigado o relacionamento de avós e netos no cotidiano, as brincadeiras apreendidas nesse envolvimento e a função da educação entre as gerações. A educação entre as gerações ocorre de forma natural, pois o valor da educação está na transformação que pode promover. Na família ou não, esse comprometimento das várias faixas etárias, possibilita um rico acervo de conteúdos até então esquecidos com a correria do dia-dia. É retomada a questão lúdica na vida das crianças e sua importância para o futuro; enfatiza-se a importância da educação em todos os âmbitos da vida de uma pessoa: enquanto transmissão cultural obtida através das gerações e a educação como uma ampliação de visão do mundo; descreve-se o que é essa co-geração e como se desenvolve no dia-dia; apresenta-se como a relação avós-netos se processa na sociedade atual; há exemplos de algumas aprendizagens adquiridas nesse relacionamento e, enfim, aponta-se, ao longo do trabalho, a riqueza que é o encontro de gerações e o quanto se engrandecem com a troca de vivências.

Palavras chaves: co-educação entre gerações, educação informal, criança, idosos.

Abstract

The relationship between grandparents and grandchildren in their daily life, the plays apprehended in this interaction and the role of education between generations was studied in this work. Education between generations happens in a natural way, because the value of education lies in the transformation it can promote. This commitment between different age groups, inside or outside the family, makes possible a rich repertory of contents that had been forgotten until now because of our busy routine. The matter of children behavior in play and its importance for their future is taken up; the importance education is emphasized in all fields in life, as cultural transmission through generations and as an enlargement of the world view; co-generation and how it develops day by day is described; the way the relationship between grandparents and grandchildren occurs in present day society is presented; there are examples of some learnings acquired in this relationship and, finally, throughout this piece, the richness of the meeting of different generations and the way them both enrich themselves with the exchange of their experiences is pointed out.

Keywords: coeducation between generations, informal education, child, elderly.

ALESSANDRA VELLOSA DE AGUIAR

Pedagoga habilitada em Orientação Educacional e Administração Escolar. Pós graduada em Docência da Educação Infantil pela UNESP. Instrutora de Atividades do Programa SESC Curumim do SESC SP.

De acordo com Marcellino (1997, p.28), “o lúdico e definido não em si mesmo, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (brinquedo, festa, jogo, brincadeira), mas como um componente da cultura historicamente situada”. A cultura aqui citada baseada no autor, representa o fazer, ser, interagir assim demonstrando o modo de vida social. Como é processada a produção da cultura e não apenas voltada para o produto em si. A criança não deve ser isolada num mundo só seu, mas ser considerada como integrante da sociedade. A cultura destacada aqui como uma técnica da produção, ou seja, como a criança acaba encaminhando e construindo o seu acervo cultural.

Café (2001, p.31), relata que “a idéia de lúdico como coisa não séria vai aos poucos ganhando força e sendo direcionado à faixa etária infantil, por esta se caracterizar pela improdutividade”.

A sociedade destina o lúdico como uma atividade para a infância ou idosos, porque são seres humanos improdutivos perante o mercado de trabalho. Com relação à criança, é a impossibilidade de viver o presente visando a preparação para o futuro e impossibilitando a perspectiva de criação, transformação. E enquanto ao idoso já viveu tudo e agora só resta a velhice.

Sua única aspiração possível é tornar-se adulta. Todos os esforços, até mesmo no que diz respeito aos conteúdos que poderiam ser vivenciados ludicamente, como a prática esportiva, por exemplo, são dirigidos a preparar o terreno para o futuro “produto final”, a ser exibido no mercado profissional, ou nas gôndolas do supermercado de personalidades. (MARCELLINO, 1997, p.60).

Segundo Marcellino (1997) o caminho para um mundo transformador tem de passar pelo mundo interior. O vivenciar o lúdico para a criança é proporcionar a alegria, o prazer, não é isolá-la só no seu mundo, mas possibilitar sua inserção na sociedade. Mas a civilização de consumo deseja uma criança passiva que não se preocupe em criar e sim em aceitar as situações prontas sem questionamentos. Sem a possibilidade de criação ocorre a anulação da referência cultural da criança.

Marcellino (1997, p. 58) afirma que: “O entendimento da criança como participante da dinâmica da sociedade é importante, inclusive, para a caracterização do lúdico”. Todo esse processo dificulta a construção do lúdico como instrumento cultural. A criança e sua cultura precisam ser levadas em conta no processo de aprendizagem. A herança cultural precisa ser transmitida para a continuidade.

O componente lúdico é considerado enquanto processo, “com as trocas culturais há um enriquecimento da cultura de toda uma sociedade” (MARCELLINO, 1997, p. 59). Para que essas trocas se processem é preciso proporcionar a criança tempo e espaço para criar, fantasiar e construir seu mundo simbólico.

Para Café (2001, p. 35): “A complexidade das culturas trouxe o esfacelamento desse homem e de sua obra, dividindo a sua vida em fazer de um lado, pensar de outro, e estabelecendo um momento marcado para ser feliz, separou ainda a alegria vivida do agir e do pensar”. O homem para a sociedade faz e pensa separadamente



e a felicidade somente aparece num momento apropriado. Constituindo assim um homem que divide sua vida em sentir e agir, pois a razão e a emoção vivem constantemente separadas.

Marcellino (1997) considera que há uma restrição entre tempo e espaço, possibilitando assim o reducionismo da cultura infantil. A criança preenche todo seu tempo com atividades (computação, judô, natação, etc) e não possui espaço para produzir ou criar sua própria cultura.

O tempo e o espaço desempenham papéis fundamentais para a construção lúdica, pois é através do brincar que a criança estabelece uma “base sólida da criatividade”. Se não há tempo suficiente para brincar, como edificar sua cultura? Com tantos afazeres, ocorre uma anulação na vida da criança, na questão lúdica. As brincadeiras se transferem para segundo plano, sem muita importância.

Com a falta de criação, ocorre a ausência de um referencial cultural, a produção cultural da criança é trocada por uma produção cultural para a criança, pois incorporam o mundo dos adultos deixando de lado seus desejos e suas vontades. Ocorre a negação da cultura infantil no processo educativo, porque não há criação e nem participação cultural, no sentido de transmissão cultural. A sociedade consumista deseja obter uma criança “acomodada”.

Assim Marcellino (1997) conclui que esse massacre da cultura da infância resulta na falta excessiva da criação, da imaginação, do sonho. A criança é obrigada a renunciar o presente e se preparar para o futuro.

Qual a necessidade da cultura lúdica frente a essas questões, responde Marcellino (1997, p. 72):

O primeiro e fundamental aspecto sobre a importância é que o brinqueado, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade. Mas deve-se considerar também que, através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de produtividade social.

Com o lúdico presente na vida da criança, há um desenvolvimento da criticidade e da criatividade, para adquirir tais elementos tão essenciais à vida, basta somente permitir que o processo cultural seja valorizado.

A escola é uma grande contribuinte para resgatar o lúdico, de acordo com o referido autor Marcellino (1997, p.78), é necessário que saiba quem se está educando, não existe uma criança, mas várias com repertórios variados, vivências e para tanto é essencial compreendê-la na sua concretude. Cada criança que inicia na escola advém de mundos diferentes, quanto ao acervo da ludicidade. Esse aspecto tem suma importância, pois com tal concepção é possível compreendê-la na sua maneira de ser. Enfim, este trabalho acredita, assim como o referencial que fundamenta que a criança e sua cultura precisam ser levadas em conta no processo de aprendizagem, quando sua cultura não é considerada devido à falta de espaço e oportunidade, a mesma deixa de expressar-se enquanto produtora e criadora de sua própria história.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO

A educação é algo que não pode acontecer isolada, ela representa, “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”(BRANDÃO,1994, p.10).

Não existe uma forma exclusiva de educar, pois todos os dias em todos os momentos misturam a vida com a educação. O ato de educar acontece em momentos diversos da vida, sem ter uma pessoa responsável.

De acordo com Brandão (1994) a própria educação ajuda a justificar, a encobrir e a aconselhar de geração em geração a necessidade da existência de sua ordem. Também atua como participante da execução da produção de crenças e idéias.

Na educação o aprender-ensinar-aprender está presente em todas as gerações, pois há uma transmissão cultural dos mais velhos sobre os mais novos e vice-versa.

No próprio universo do animal, ocorre à vivência de situações para que os filhotes aprendam através do exemplo. E entre os seres humanos o processo é semelhante, onde a criança vê, imita e aprende com a observação do adulto.

[...] no interior de todos os contextos sociais coletivos de formação do adulto, o processo de aquisição pessoal de saber-crença-e-hábito de uma cultura, que funciona sobre educandos como uma situação pedagógica total, pode ser chamado (com algum susto) de endoculturação. (BRANDÃO, 1994, p.23).

A endoculturação citada por Brandão significa aprender de forma proposital, abrangendo o corpo à mente e o afeto. Essa relação sempre acontece quando existe um relacionamento pessoal e o intento de “ensinar-aprender”. A educação é transmitida através das relações interpessoais diretas, com as ações familiares, escolares e comunitárias. Tudo se processa com as trocas sociais, mas jamais os indivíduos se desenvolvem e aprendem sem estimativa. Brandão relata que: “... nunca as pessoas crescem a esmo e aprendem ao acaso”.(BRANDÃO, 1994, p.23)

A idéia de que todo o conhecimento se passa pela educação acontece com as trocas interpessoais. Os gregos tinham como um de seus ideais na educação, de acordo com Brandão (1994, p. 44):

reproduzir uma ordem social idealmente concebida como perfeita e necessária, através da transmissão, de geração a geração, das crenças, dos valores e habilidades que tornaram um homem tão mais perfeito quanto mais preparado para viver a cidade a que servia.

Os interesses da educação relatados no trecho acima descrevem o quanto à sociedade e os grupos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos, visam modos próprios de educar.

Entretanto Freire (1987, p. 79) descreve que a essência da educação é o diálogo:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.

Assim a educação é uma arma, na qual as pessoas possam ampliar seus conhecimentos, aprendendo e ensinando diariamente. O objetivo da educação segundo Freire (1987, p.85) “é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada e não conquistar o povo”.

O ato de educar busca muito mais do que transmitir conhecimentos, e sim ampliar horizontes, relatar experiências de vidas e sempre considerar o processo pelo qual o sujeito está inserido (história de vida). Enfim, “Não há diálogo, porém, se não um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”.(FREIRE, 1987, p. 79)

”...a transmissão de ensinamentos a partir do vivido fica mais imediatamente clara quando se fala de uma contribuição das gerações mais velhas para as mais novas. Desenvolvemos oportunidades de co-educação em todos os momentos de nossa vida, ela ocorre não somente na relação de velhos para com novos, mas também de geração entre a mesma geração.”



A CO-EDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES

Todo relacionamento interpessoal envolve uma co-educação segundo Ferrigno (2003, p. 177):

[...] no cotidiano das relações interpessoais de todas as pessoas há sempre presente a oportunidade de uma co-educação...a transmissão de ensinamentos a partir do vivido fica mais imediatamente clara quando se fala de uma contribuição das gerações mais velhas para as mais novas. Desenvolvemos oportunidades de co-educação em todos os momentos de nossa vida, ela ocorre não somente na relação de velhos para com novos, mas também de geração entre a mesma geração.

Oliveira (1999, p.26) define co-educação como:

[...] é algo que se constrói na história como fazer-se, ou seja, supõe gerações em movimento...No fazer-se, ao contrário, a geração além de ser vista como depositária de uma época, e portanto banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço.

Esse caminhar está se desenvolvendo e a cada instante descobrem o quanto à outra geração renova e vice-versa. Ambas possuem perspectiva para se enriquecerem mutuamente.

A cultura transmitida nessas gerações de acordo como Ferrigno (2003, p. 14) é adquirida “de igual para igual”, como algo vinculado ao dia-dia. O ponto principal desse relacionamento está na “igualdade de direitos e o respeito às diferenças”. A aprendizagem ocorre quando ambas as partes aprendem e mudam a partir “da experiência do outro”. Nesse caso há um engrandecimento entre as gerações.

Reboul (1980, p. 45-6) apud Ferrigno (2003, p. 146) relata: “Não temos o direito de ensinar senão quando corremos o risco de ser ensinado, de ser vencido pela verdade do outro”. Nessa co-educação de gerações o outro traz consigo conhecimentos que são repartidos (transmitidos) de modo a enobrecer a vivência (nem impondo e nem obrigando) do outro.

Outra palavra chave dessa co-educação das gerações é o “saber ouvir”, tudo acontece de maneira recíproca (o pensar no outro) e assim formando um elo muito forte. Baseado em Oliveira (1999, p. 23): “Saber ouvir é, então, premissa para saber também depois contar. Esta simultaneidade surpreende e comove os mais velhos, selando uma união tão profunda que dificilmente poderá um dia se dissolver”. Com o escutar, as pessoas que trazem experiências de vidas ou até mesmo um “caso”, permite a aproximação das gerações e o respeito para com quem relata.

Há uma união entre essas gerações (crianças e velhos) que até então foram consideradas improdutíveis para a sociedade. Essa construção social das gerações se processa de acordo com Ferrigno baseado em uma mesma delimitação de espaço



entre as pessoas, ou seja, estar fixado num mesmo processo histórico. A escolha não foi consciente e sim absorvida com a localização do mesmo ambiente. Devido à imposição social, ou seja, o mercado exige que os pais trabalhem o dia todo e os avós são “os escolhidos” para cuidar dos netos.

Essa renovação de gerações se processa na vida da criança e do velho como uma conquista. A construção da cultura é embasada por acontecimentos diários, há uma aprendizagem mútua através do afeto e da conversa. Há uma renovação constante entre essas gerações (avós e netos), pois não existe uma simples aceitação do legado e sim uma troca permanente.

O dia-dia facilita essa convivência harmoniosa, por que a socialização acontece de modo recíproco, a todo o momento cria e recria novos aspectos dos sujeitos. Esses avós mesmo sem possuir conhecimentos teóricos, mas com muito conhecimento de vida, propagam de uma forma bem clara e gostosa como conservar as aprendizagens adquiridas com o decorrer dos anos. Dessa maneira estão prorrogando a permanência da transmissão de conteúdos de uma geração a outra.

Para Ferrigno (2003, p. 43): “a construção social das gerações, se concretiza através do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada geração, em diferentes etapas das histórias”. O momento histórico interfere também na construção da co-educação entre gerações, pois os mesmos estão vivendo num contexto repleto de acontecimentos que mudam a todo instante. O mesmo autor também acredita que a co-educação se fortalece, quanto mais houver uma

vivência entre as gerações, com trocas de aprendizagens e fortes vínculos afetivos nos fatos. O afeto é um grande agente de transformação, nesse novo relacionamento, pois percebem o quanto possui laços em comum.

Desse modo, os avós tratam as crianças como seres produtores, pertencentes à sociedade e que precisam se apropriar dos acontecimentos presentes e ser considerada como parte integrante do seu meio social. A criança é vista como um ser que tem sentidos voltados para a assimilação do mundo.

Todo esse processo de co-geração se desenvolve com a interação dos avós e netos no dia-dia e vão se modificando, um grande passo para esse relacionamento é a percepção de que ambos são autores de uma vida comum. A cultura acaba sendo construída em conjunto, ou seja, “se constrói fazendo”. Como já dizia Paulo Freire (1987, p. 52) “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Segundo Ferrigno (2003, p.151) existem algumas palavras que possuem suma importância no que diz respeito à interação social das gerações como: “diálogo, igualitarismo, autoridade, autoritarismo”. Porque as gerações são constantemente organizadas, desorganizadas e reorganizadas, essas diversas maneiras entre as gerações obrigam mudanças de comportamentos.

A co-educação de gerações supõe da parte dos que estão envolvidos, uma predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos imprime na formação de cada qual. Aquiescer a um tal convite é muito mais que tolerância; implica o trabalho de convergir em busca de relações igualitárias, acatando(e não abolindo) as diferenças, pois, é por meio delas que se renovam as possibilidades de modificação recíproca dos participantes.

(OLIVEIRA, 1999, p. 277).

Por fim é através da observação de outra geração que se percebe o quanto existe para mudar e caminhar sempre almejando novas possibilidades.

AS TROCAS DE EXPERIÊNCIA NA RELAÇÃO DE AVÓS E NETOS

Os velhos e as crianças até então foram considerados, não reconhecidos pela sociedade vigente. Ambos excluídos do presente, um porque já viveu (velho) e outro porque ainda não é nada para a sociedade (criança). De acordo com Oliveira (1999, p. 31):

[...] pergunta-se à criança o que ela vai ser quando crescer, um tempo verbal futuro. Indaga-se do idoso o que fez na vida ativa, o que foi quando em atividade, deslocando o verbo para o passado. Até mesmo gramaticalmente, vivemos, distraídos, a suprimir o tempo e a vida das pessoas.

Porém agora irão se unir para caminharem juntos nessa nova co-geração, onde terão espaços amplos para representarem a beleza que carregam consigo. São sujeitos desiguais que visam direitos iguais e reconhecimento pelo seu espaço.

Nesse habitar em comum do novo tempo, surge a co-educação de gerações, muitos acontecimentos se estabelecem com o convívio de diversas gerações que trazem histórias e vivências bem isoladas. Oliveira (1999, p.40) destaca: “Velhos e crianças, avós e netos, ocupam assim posições diferentes no cenário vivido, o que não os impede de tentar construir um relacionamento pautado em notas igualitárias”. Quando se fala de tratar de igual para igual, acrescenta-se o social. Os acontecimentos possuem uma prática educativa de muito peso e cabe aos avós se empenharem para modificar efetivamente o cotidiano.

Como se trata de um caminhar, de algo que está se desdobrando, são gerações que se mudam; além de que, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra recebe e fica inerte. Cabe a cada um discernir e indagar os fatos apresentados. “Engana-se quem supõe a criança presa a uma relação subordinada. Ela é ouvinte atento que nunca se cansa de pedir bis. Está sempre disposta a saborear de novo o prazer de ouvir narrativas” (OLIVEIRA, 1999, p.22).

Outro ponto que merece destaque é o passado, para Oliveira (1999, p. 37): “É muito importante ter o passado incorporado ao presente dos sujeitos, pois só assim um dia poderão vicejar possibilidades de inovação consciente no futuro”. Pois nenhuma pessoa vive sem seu passado, através dele o homem oferece a sua geração o aprofundamento de sua história. A memória familiar dos avós para Barros (1987, p. 74) reflete na “reconstituição de sua infância”:

Muitas vezes o tema da infância desponta como uma forma de explicação para atitudes e sentimentos experimentados como avós, em meio a um relato em que o presente está constantemente referido a um passado, relatado linearmente, mas pinçado aos poucos num processo de associações entre hoje e ontem, seja este ontem distante ou não.

Quando se retoma ao passado, permite que se reconstitua as histórias de vidas. Fazendo uma retrospectiva de seu trajeto e apresentar de onde vem a herança cultural possuída. Basicamente, é através das conversas que se exprime à co-educação entre as gerações, isto é, a transmissão dos fatos ocorridos. Oliveira (1999, p. 39) escreve que as conversas podem aparecer de uma forma descontraída, na relação avó-neto. Ele entrevistou cinco avós e oito netos e relata que:

Avós e netos, reunidos no dia-dia, têm diante de si muitas barreiras a atravessar. Nas que conheci, porém, o afeto e a conversa prevalecem, reduzindo o espaço para rancores e desmandos. Sinal de que as diferenças se resolvam sem que uma dominação se exerça, de modo a subjugar um ao outro.

Cabe a geração mais velha, de acordo com vários autores, ser “agentes de preservação da memória cultural”. A transmissão da memória de acordo com Bosi, E. (1979, p.32) citada por Ferrigno (2003, p. 181):

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias.

A riqueza da transmissão cultural se obtém a partir do ato de conviver e desfrutar amplamente da volta ao passado, com conversas revivendo fatos, lembrando acontecimentos que carregamos para o resto da vida sem mesmos termos conhecidos.

Mas, é importante atentar para a seguinte advertência: “A simples coexistência não garante a co-educação” (Ferrigno, 2003, p. 131). É preciso existir vínculos afetivos nesse relacionamento, assim haverá um processo co-educativo adequado. A transmissão de costumes (valores) se dá na repetição de atos e atitudes. Assim a família se renova através de várias gerações. O importante dessa transmissão de bens simbólicos e que os netos se tornam um meio pelo qual ocorra a “preservação dos valores familiares”.

Ferrigno (2003, p. 182-183) cita Margaret Mead (1971), que através de observações de culturas primitivas e de culturas desenvolvidas pôde classifica-las de acordo com o modo de transmissão de conhecimentos:

nas culturas pós-figurativas os velhos ensinam as gerações mais novas; nas culturas co-figurativas ocorre a co-educação entre os contemporâneos, ou seja, há uma aprendizagem interna a cada segmento etário, de modo que as crianças aprendem com outras crianças, o mesmo ocorrendo com os grupos de adolescentes, adultos jovens e adultos idosos; nas culturas pré-figurativas os jovens passam ensinamentos aos mais velhos.

A VIVÊNCIA DE AVÓS E NETOS

Para Andrade, (1980, p. 97-98):

[...] o passado de cada um de nós é tão cheio de detalhes, que seria impossível evocá-lo de modo perfeito. Para lembrar”, cortamos “as cenas e as sensações que nos interessam reviver, selecionamos momentos, destacamo-los do conjunto que integravam. Para lembrar, “costuramos” esses momentos uns nos outros, dando-lhes nova sequência e, portanto, novo sentido.



Como relata o autor a memória é a chave de entrada para o passado, podendo trabalhar baseada em interesses momentâneos. A ação de cortar desempenhada pela memória, significa retirar do passado aquilo que interessa conservar. Já a ação de costurar visa religar em nova disposição as lembranças recortadas.

A memória é uma costureira interesseira: quase sempre trabalha de acordo com suas próprias conveniências. Isso significa que, quanto mais nos entregamos à lembrança de um fato, mais podemos estar a adulterá-lo. A memória convocada insistentemente vai, a cada vez, apagando alguns elementos e acrescentando outros. Temos a ilusão de que nossas lembranças vão ficando cada vez mais nítidas, quando na verdade elas se mostram mais construídas, ou seja, falsificadas em relação ao que de fato se passou. Em suma: o exercício da memória fala mais das nossas necessidades presentes do que da verdade do passado. Sabe-se que as pessoas muito idosas costumam lembrar-se melhor de fatos longínquos que de fatos recentes. Passam a contar com grande riqueza de detalhes casos antigos, que nunca haviam antes revelado a ninguém – talvez nem mesmo a si mesmas. Esquecido ao longo da vida, episódios da infância e da adolescência retomam de repente, vivos e nítido: é como se o esquecimento profundo tivesse essas lembranças do ‘corte e costura’ da memória muito exercitada. (ANDRADE, 1980, p.98).

Oliveira (1999, p. 278) escreve sobre memória na relação avó e neto:

A memória-lembrança e a memória-fantasia podem articular-se e ajudar o entendimento da interferência mútua entre os sujeitos. E, realizando-se a co-educação entre eles, é sinal de que avós e netos, quaisquer que tenham sido os problemas que os aproximaram, não só conseguiram contornar momentos dramáticos como construíram juntos um novo entrar na vida, marcado por mudanças recíprocas e solidárias.

A memória é uma das grandes aliadas na construção da co-geração de avós e netos. De acordo com Barros (1987, p. 76-77): “... há uma preocupação em manter a identidade através de sua memória, é importante que as mudanças não o desintegram ...”. Destaca-se aqui o poder da memória na transmissão cultural na formação do indivíduo.

Para Oliveira (1999) em sua pesquisa realizada com cinco avós e oito netos, a conversa se torna o eixo principal da co-educação de gerações. Nela os entrevistados descrevem o dia-dia com os netos e vice-versa, assim relembando suas infâncias. Através da mesma detectou-se algumas heranças culturais deixadas por essa relação.

O primeiro avô entrevistado, fala de suas brincadeiras enquanto criança, na beira do rio, com cavalos. Do trabalho em excesso que era obrigado a realizar e das brutalidades cometidas. Ao se direcionar, sobre as atitudes da neta, comenta que acaba encobrindo algumas coisas que a neta faz para não apanhar da mãe. Quanto

aos conselhos procura educa-la para os estudos e praticar alguns trabalhos domésticos. A neta diz que o avô brinca de empurra-la no balanço.

A segunda avó, diz que quando criança somente trabalhava, ao comentar sobre brincadeiras disse que quando os netos eram pequenos ela brincava dava risada e cantava. Mas atualmente como a família foi acabando, perdeu a alegria da vida. Também confeccionava brinquedos de madeira, pano e papel. Quanto aos conselhos, não pegar nada dos outros, estudar bastante e não acompanhar os outros. Diz que é preciso dar educação e colocar no caminho certo, se for preciso dar umas boas chineladas.

A terceira avó, não brincava quando criança porque não dava tempo. Conta histórias de livros e também o que fazia quando criança, os netos adoram escutar. Seus ensinamentos se espelham nos mais velhos, com tarefas domésticas e os aconselha para andar sozinho sempre. O neto a ensinou a ter mais paciência. Castigava os filhos já os netos não.

A quarta avó ressalta a tristeza de não poder dar uma vida melhor para os netos. Conta histórias de antigamente, como eram as coisas. Ensina o respeito ao próximo, rezar e fica feliz por cuidar deles. Já os netos corrigem e ensinam a avó.

A quinta avó participa das brincadeiras com o neto, confecciona boneca, canoas, barco e canta cantigas de roda da sua época. Seu ensinamento é que a vida tem que ser de carinho e de amor, respeitar as pessoas e saber perdoar.

Com esses relatos Oliveira (1999, p. 272) vivencia a cultura do cotidiano com a participação de avós e netos. Os conflitos aparecidos não são suficientes para separar esse relacionamento tão rico.

[...] o conflito vivido no interior das famílias, em função do gesto de descompromisso dos filhos com a criação dos netos, ganha formas menos pontiagudas, uma vez que emana dos próprios avós a receptividade em assumir esta tarefa.

A relação avós e netos se processam com “atitudes de doação ao outro”, são pessoas que possuem um coração que divide espaço com a necessidade do outro. São indivíduos indiferentes frente à sociedade mercadológica, que nos constrói como seres rudes. Vivem com hábitos diferentes do pré-estabelecido. Outra herança adquirida pelos netos é de que os estudos trás consigo uma maneira de trabalhar; não apenas nas letras, mas também com qualquer serviço extra (doméstico). Realizar essa tarefa, às vezes, é difícil pelo fato de ter que deixar as brincadeiras de lado, para executar o trabalho. Com o hábito de desenvolver tal “servicinho”, os netos vão adquirindo atos de responsabilidades, frente aos acontecimentos do dia-dia. Ocorre uma aprendizagem na utilização consciente e cuidadosa dos objetos e assim como conserva-los em uma certa ordem.

Outra questão é o estudo. Segundo Oliveira (1999, p.275), “... as lutas dos avós é que os netos não sejam iguais (no sentido de pessoas não escolarizadas) a eles”. Todas essas idéias surgem a partir das histórias de vida relatadas pelas avós.



O trabalho caseiro se torna uma brincadeira para as crianças descreve Oliveira(1999, p. 292):

Nenhum dos netos com quem falei deixa de fazê-los: preparar o leite, limpar o quarto, lavar o banheiro, limpar móveis, lavar a casa, lavar louças, ir caçar os brinquedos (depois de terminado o divertimento), passar cera, enxugar louça, guardar os trens, varrer a casa, passar enceradeira, ir buscar mantimentos nos mercadinhos, varrer a frente e o quintal, arrumar as camas, lavar, estender, recolher, dobrar e guardar as roupas, recolher o lixo e fazer o jogo do bicho – eis uma lista incompleta, dessas atividades que mais parecem brincadeiras.

Os netos realizam os trabalhos de maneira alegre, enfrentam as dificuldades de executar tal serviço que não lhe agradam e sempre de forma contente.

Outra descrição de suma importância, apresentada nas falas dos entrevistados, foi a contação de histórias que aproximou e trouxe novos conhecimentos. As histórias contadas fazem parte da retomada ao passado dos avós, revivendo assuntos ou fatos que jamais serão esquecidos. Por sua vez, as crianças contam acontecimentos presentes e colocam os avós em contato com a “cultura letrada”, ou seja, corrigem a fala e inserem o contato com a escrita.

Os conselhos fazem parte também da rica herança herdada pelos avós, olhar uma criança significa, antes de tudo, tomar conta, cuidar, medir, avaliar, curar, zelar pela cura, criar, observar, vigiar, dar-se conta, perceber, espiar discretamente, pensar, imaginar e, portanto não significando algo imposto e sim introduzido em várias vivências do cotidiano.

As mudanças na maneira de tratar os netos foram adquiridas com a flexibilidade que os avós hoje possuem em lidar com acontecimentos novos. As crianças ajudam nessa transformação, através do tratamento carinhoso e com a atenção que tem para com seus avós.

A confecção de brinquedos e desempenhada pelos avós como uma descontração do dia-dia tão conturbado. Os brinquedos feitos pelos avós e também os netos acabaram confeccionando bonecas, vestidos de boneca, gatinhos de pano, pipas com papel de jornal, dobradura de barquinho, balões e canoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de co-educação entre as gerações, e como conciliar diferentes pessoas num determinado contexto. A princípio parece algo conflitante, mas se as gerações buscarem juntas uma troca de vivências, com respeito mútuo e companheirismo, o processo acontece de forma prazerosa.

As gerações, especificamente velhos e crianças almejam alcançar seu espaço, que até então foi retirado, pela imposição da sociedade. Os velhos porque já tiveram seu espaço para construir sua história e agora só resta deixar o tempo passar. Enquanto que a criança ainda pouco representa a para a sociedade, a única preocupação e com o seu futuro, ou seja, quando crescer. Essa retomada ao espaço perdido pode ser adquirida e conquistada através da convivência harmoniosa entre as gerações.

Com o presente trabalho pude detectar que a relação avó – neto, ocorre com o aprender-ensinar-aprender, de ambas as partes. Não são apenas os avós que ensinam, mas as crianças também. Essa troca tem um valor enorme, para enriquecer esse relacionamento.

A co-educação é construída em parceria, ou seja, é um caminhar lado a lado para a solidificação do processo intergeracional. Todo conhecimento partilhado é tido como um crescimento para as gerações. A igualdade, o respeito à diferença e o escutar são características marcantes dessa co-educação.

O convívio diário facilita e auxilia a conservação desse legado de conteúdos de uma geração a outra. O afeto é a mola propulsora, para que esse processo tenha sucesso. Tanto os avós como os netos se apresentam como seres produtores de sua história, e que consideram muito a participação do outro no seu percurso de vida. Enfim, as relações intergeracionais servem para comprovar a riqueza que existe entre os seres humanos na convivência pacífica e harmoniosa das relações. Que somente a partilha de objetivos comuns entre as gerações, podem modificar o mundo.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar Boitempo III*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade e afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 32.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros Passos, 20).
- COMÊNIO, J.A. *Didáctica magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, 1985.
- CAFÉ, Ângela Barcellos. O direito à cultura do lúdico. *Revista do Centro de Estudos de Lazer*. v.4, n.1, p. 31-45, 2001.
- FERRIGNO, José Carlos. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis, RJ : Vozes; São Paulo: SESC, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997 (Corpo e Motricidade).
- MEAD, Margaret. *Cultura e compromisso: estúdio sobre la ruptura generacional*. Buenos Aires: Granica Editor, 1971.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 1999.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- REBOUL, Olivier. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1980.



Entrevista



Anselmo Duarte

O encontro com o cineasta Anselmo Duarte nos possibilitou tocar a única Palma de Ouro conquistada pelo cinema brasileiro. Ainda que a identificação de galã recebida ao longo da sua carreira o incomodasse, adquirindo muito mais um sentido de discriminação do que elogio, é inegável que a sua postura e elegância nos remetem à essa imagem. Anselmo nos recebeu em sua casa em São Paulo, onde mora atualmente, rodeado pelo filho e pelos netos, os quais, como todos que desfrutam da sua convivência, compartilham do seu senso de humor e de sua lucidez. Nessa descontraída conversa pudemos conhecer a trajetória do menino que era “molhador de tela” do cinema da cidade de Salto (SP) até sua consagração como diretor premiado em Cannes. Anselmo aos 85 anos, nos mostra que é uma pessoa feliz e sobre isso declara:

“Eu tenho a impressão de que a alegria de viver dá saúde. Eu sou uma pessoa que tem muita alegria de viver. Para mim, ter criado os meus filhos é uma alegria é uma graça. Eu tenho certeza de que meus filhos gostam muito de mim porque me acham muito engraçado e ninguém tem raiva de uma pessoa alegre, feliz.” (A.D)



REVISTA: *Fale um pouco da sua infância.*

ANSELMO: Eu nasci na cidade de Salto, São Paulo e, como todo menino do Interior, ambicionava ser alguma coisa, mas era muito difícil porque a cidade não oferecia oportunidades aos jovens, principalmente aos jovens de família pobre, sem recursos. Tinham que trabalhar naqueles empregos que a cidade oferecia. Em Salto havia duas fábricas de tecidos, a Brasital e a Têxtil, e o resto só trabalhos domésticos. Eu era de uma família pobre, mamãe era costureira e criava oito filhos, ela perdeu o marido com oito filhos e foi uma heroína, uma mulher maravilhosa, uma grande mãe, uma grande mulher. Então foi isso. Uma cidade sem oportunidades, sem perspectiva nenhuma. Eu nem pensava no futuro, vivia brincando, era muito feliz quando jovem, como toda criança do Interior. Eu tenho a impressão de que todo menino do Interior tem sempre uma infância melhor do que a criança da Capital, o menino da Capital é muito preso, não pode sair à rua. Criança do Interior é criada com muita liberdade, na rua, nos campos, vai buscar frutas, vai ver uma porção de coisas que tem a natureza.

REVISTA: *E sua mocidade como foi?*

ANSELMO: De Salto já vim direto para São Paulo. Com 18 anos de idade vim trabalhar e estudar em São Paulo. Esse foi meu início, fui estudar economia, não podia fazer um curso superior, o máximo seria esse. Eu trabalhava em escritório, então fazia um curso de economia e me diplomei como perito contador que naquele tempo chamava-se guarda-livros. Nunca pensei em vida artística, meu negócio era contabilidade.

REVISTA: *Como teve início a carreira artística?*

ANSELMO: Num determinado dia passou uma pessoa na rua, chamava-se Alípio Ramos, era um homem de cinema, produtor de documentários e fazia jornal. O Alípio Ramos e o Eurides Ramos faziam os jornais. Sabe como é o jornal noticioso? Ele estava querendo deixar de fazer jornal, porque quando falavam em Alípio Ramos diziam: “Ele faz jornaleco!”. Ele queria ser produtor de filmes, com enredo e essa coisa toda, queria ter nome de produtor de filme, não de produtor de jornal. Então ele me viu na rua e eu gostava de me vestir bem, não era artista, mas gostava de me vestir bem. Eu tinha muita namorada, boa-pinta, então tinha que ter a roupa de acordo com a cara. Ele me viu na rua, me achou com cara de artista e viu o início da carreira dele como produtor de filmes, ele me achou assim com um tipo de ator americano, sei lá, e veio falar comigo. Falou se eu queria fazer um filme. Então, encurtando a conversa, eu passei a ser o primeiro ator do primeiro filme que ele produziu, ele me escolheu para ser o ator do filme dele. Eu fiquei contente, porque ele era uma pessoa honesta, tinha possibilidades, tinha dinheiro e era bem conceituado no ambiente cinematográfico. Escolheu a mim que tinha predicados para o cinema, tinha nascido para aquilo, mas ninguém sabia.

REVISTA: *Há tempos o senhor já sentia inclinação para as artes?*

ANSELMO: Desde menino gostava de representar em casa. Ele escolheu certinho. Depois ele se orgulhava, porque eu me tornei o mais importante ator do cinema brasileiro. Diziam que eu era o galã, o mais bonito, o mais isso, o mais aquilo, depois comecei a fazer drama, dirigi e passei a ser uma pessoa importante dentro da história do cinema brasileiro. O Alípio

Ramos se orgulhava de ter me descoberto. Essa foi a história do meu início, do porquê comecei em cinema, porque gostava, porque queria e me adaptei bem.

REVISTA: *E como foi o desenvolvimento de sua carreira?*

ANSELMO: Tudo que eu fiz deu certo, tive muita sorte. Os filmes meus fizeram muito sucesso popular. Mas, falavam: “É porque ele é bonito e o filme dele é musical”. Depois fiz um drama e ganhei o prêmio em Cannes. Fechei a boca de todo mundo, Cannes não dá prêmio para qualquer um. Por quê? Porque eu fui concorrer com famosos, lá não concorri com meus colegas que competiam comigo aqui na cidade, lá fui competir com ingleses, americanos, franceses, etc. Eu dizia na época: “Em vez de ficarem me atacando, vocês deviam se orgulhar do Brasil”. Foi muito difícil para mim competir com aqueles países. Eu saí daqui para competir com os Estados Unidos, com a Inglaterra, com a França. Competi com Buñel, Fellini, De Sica. Eu sou brasileiro, me orgulho de ser brasileiro. Compreende? Eu sou assim, continuo assim e estou aqui ainda falando assim. São poucos os que podem fazê-lo neste país carente de bons exemplos.

REVISTA: *Até porque a competência, nesse episódio, foi além de sua beleza.*

ANSELMO: É lógico. Eu até detestava esse negócio de beleza. Sabe por que? Porque sempre justificavam meu sucesso por minha aparência física. Os homens invejosos falavam que galã era efeminado. Então quando falavam “ele é lindo”, eu dizia: “Que lindo o que?” Eu não gostava desse negócio de lindo, de bonito, com medo que achassem que eu fosse efeminado. Eu era briguento.

REVISTA: *Briguento?*

ANSELMO: Era bravo. Então foi difícil no início. Sempre quando o ator era feio era o grande ator. Um dia eu perguntei: “Por que todo vilão feio é grande ator?” O cara falou assim: “Anselmo, porque todo homem é contra o galã”. Sabe quem é a favor do galã? A mulher”. Quando as mulheres são a favor de um homem, os homens ficam contra, todo homem não gosta de galã. Se começar a elogiar muito o galã, eles falam: “Ah, mas ele é meio efeminado”.

“... Eu até detestava esse negócio de beleza. Sabe por que? Porque sempre justificavam meu sucesso por minha aparência física. Os homens invejosos falavam que galã era efeminado..”





REVISTA: *O senhor molhava tela de cinema lá em Salto quando criança? Conte essa história.*

ANSELMO: Tinha que molhar a tela porque ela esquentava, pois o projetor ficava muito próximo dela. Uma vez deve ter pegado fogo, não sei eles falavam... Mas, eu não trabalhava dentro do cinema. Eu ia lá para poder assistir o filme, como iam outros meninos da cidade. Havia um emprego que era o de “molhador de tela”. No tempo do cinema mudo, o projetor de filme ficava atrás da tela. Pouca gente sabe disso. Por que ficava atrás da tela? O filme já vinha preparado para projetar próximo da tela. Daí vinha aquela fama de que cinema fazia mal à vista, os pais diziam assim: “Não vá ao cinema que faz mal à vista”. O letreiro vinha ao contrário também, vinha preparado para esse fim. Sabe porque ficava atrás da tela? Porque não tinham ainda inventado uma lente que se chama teleobjetiva, que é de grande alcance, como é hoje, o projetor fica atrás do público e passa por cima da cabeça a grande distância. Não tinha essa lente ainda, a projeção saía e já tinha que encontrar a tela, era uma lente de pouco alcance.

REVISTA: *Que idade o senhor tinha?*

ANSELMO: Comecei com 14 anos. Com 14 anos eu já era “molhador de tela”. Para isso duas qualidades eram necessárias: primeiro gostar muito de cinema, porque se trabalhava de graça, só em troca de ver o filme. E depois tinha que ter um stoloc, que é uma seringa como essa de injeção, que os meninos faziam na rua para brincar. A gente fazia de um gomo de taquara, aquelas taquaras grossas. A gente pegava um gomo grande, fazia um furo na frente, um furo atrás, botava um pauzinho com um courinho, fazia uma seringa, puxava a água e espirrava a água. Todo menino tinha aquela seringa, nós chamávamos de estoloc, não sei por que. Então eles chamavam as crianças para ver o filme e para molhar a tela. Ia toda aquela garotada com aqueles aparelhos na mão e eu era um deles. Todo mundo tinha aquilo porque era com aquilo que a gente entrava no cinema. A garotada gritava: “olha o meu, olha o meu”, e eles escolhiam quatro ou cinco. Eu comecei a ver cinema indo molhar tela para poder assistir os filmes.

REVISTA: *Como foi essa trajetória de “molhador de tela” para a direção de cinema?*

ANSELMO: Ah, tanta coisa aconteceu. Comecei a trabalhar em cinema por causa da roupa também, eu me vestia bem.

REVISTA: *Não foi também porque o senhor falava um pouco de italiano e em Salto isso foi importante?*

ANSELMO: Sim, eu falava italiano. Sou filho de portugueses, mas em Salto todo mundo falava italiano porque a colônia é muito grande e as melhores escolas que tinha em Salto eram escolas italianas. Escola de desenho, escola disso, escola daquilo, era tudo de italiano. Então você aprendia a falar italiano e tinha escola de italiano também. Se quisesse estudar um idioma de graça, era italiano. Eu falo italiano até hoje, embora seja filho de portugueses. Minha mãe era costureira, uma



pessoa famosa na cidade, modista, era quem ditava a moda na cidade, uma pessoa importante. Todos achavam minha mãe muito importante, era a única que tinha os figurinos em casa, figurinos franceses que ela encomendava. Tinha uma pessoa lá em Salto que vendia bilhete de loteria e ela dizia: “Quando o senhor mandar vir bilhete de loteria de São Paulo, manda vir figurinos também”.

REVISTA: *Qual foi o seu primeiro filme?*

ANSELMO: “Querida Suzana” foi o primeiro filme. Fiz o papel principal e a produção foi de Abílio Pereira de Almeida, Alípio Ramos e Luiz Severiano Ribeiro Jr., o exibidor.

REVISTA: *E sobre a Palma de Ouro em Cannes com O Pagador de Promessa? Eu queria que o senhor contasse como é que foi. O senhor já freqüentava Cannes, não é?*

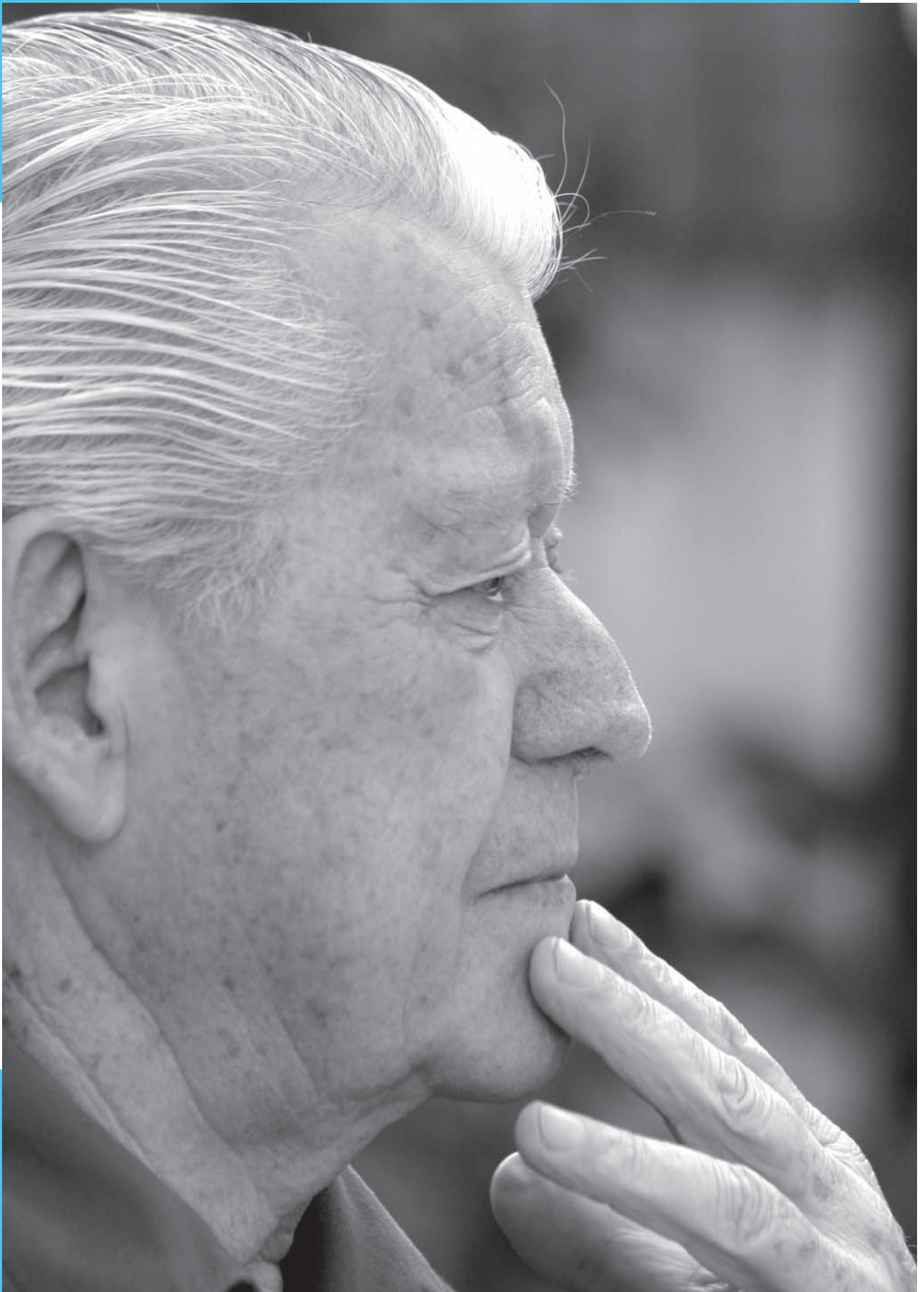
ANSELMO: Sim, a companhia cinematográfica Vera Cruz estava com muita fama porque estava fazendo filme de padrão internacional. Certa ocasião ela inscreveu dois filmes, um foi o “Caiçara, em que eu não trabalhei e o outro em que fui ator, o “Tico-Tico no Fubá”. Por isso fui Cannes pela primeira vez.

REVISTA: *O senhor contracenou com Tônia Carreiro, não é?*

ANSELMO: Com Tônia Carreiro e muitas outras atrizes famosas. Eu fui convidado para o festival porque era ator do filme, eram dois filmes que representavam o Brasil. Não ganhamos nada, mas o único elogio que fizeram ao filme foi à beleza da Tônia Carreiro. Ela abafou lá, acharam ela a atriz mais linda do festival. Ela era muito bonita mesmo, então fez muito sucesso lá, não como artista, mas por sua beleza. Diziam que o meu papel no filme não exigiu uma grande interpretação. Um ledor engano dos críticos: fazer o papel de um homem do Interior, de um caipira, é muito mais difícil do que fazer o papel de um vilão cheio de gritos e tal. Isso é fácil, gritar, xingar, bater. Agora, ser humano, ser gente, falar como gente, falar com humanidade é muito difícil. Primeiro precisa ter qualidades humanas para saber o que é falar com humanidade. Segundo, ter educação. Aqueles que falam suavemente, que falam das coisas humanas, esses são os grandes artistas. O cara que vem gritando, que xinga e que bate, é fanfarrão, é um papel fácil de fazer. Impressiona o público. Mas eu sempre fui um ator de interpretações humanas, de pessoas do Interior, de pessoas humildes. Nunca fiz papel de vilão. Até chegou um tempo em que eu estava louco para fazer papel de vilão. E fiz: foi um filme que fez sucesso também, foi o filme mais fácil que eu fiz, porque o vilão só critica e a coisa mais fácil que tem no mundo é criticar.

REVISTA: *Os nossos atores hoje estão mais próximos de fazer um bom papel de vilão ou ainda não?*

ANSELMO: Eu acho que os artistas brasileiros evoluíram muito, porque foram criadas escolas dramáticas no Brasil que não existiam naquele tempo. Hoje temos bons professores, escola de teatro, escola de cinema, no Rio, em São Paulo, até em Campinas, cidade do Interior, já tem. Antigamente não tinha escola, nem de cinema e nem de teatro. Aprendia-se fazendo.





REVISTA: *Sobre a Palma de Ouro em Cannes, o senhor venceu, bateu o Antonioni, o Fellini, etc.*

ANSELMO: Cannes não é só Antonioni e Fellini. Em Cannes, todos os anos tem os melhores diretores de cinema do mundo, porque é o mais importante festival. É o mais importante, o mais famoso, o filme que vence em Cannes vende para o mundo inteiro. Então, todos querem vencer em Cannes. Um filme que ganha a Palma de Ouro passa a valer muito.

REVISTA: *E o Fellini foi cumprimentá-lo?*

ANSELMO: Sim, me cumprimentou. Havia muitos diretores famosos por lá, os melhores do mundo. Eles cumprimentam mesmo, são pessoas educadas. Podem não estar de acordo com a vitória, porque eu ganhei a Palma de Ouro e lá eles não dão duas, só uma. Mas cumprimentam o vencedor.

REVISTA: *O Brasil reconheceu a conquista desse prêmio, único na América do Sul?*

ANSELMO: O Brasil reconheceu através das pessoas que sabem reconhecer e as pessoas que não sabem, a gente perdoa. Não sabem nem o que é Cannes, então a gente tem que perdoar. O que você vai falar? Agora, para as pessoas que sabem você não precisa falar, a pessoa logo chega e diz assim: “Anselmo, nós ficamos orgulhosos quando você venceu o Festival de Cannes. Não somos mais campeões do mundo com os pés, agora somos campeões do mundo com a cabeça. Muito obrigado pelo o que você fez pelo Brasil”. São as pessoas esclarecidas, educadas, que sabem o que é Cannes. Então você não precisa falar, eu só agradeço. Quem frequenta Cannes sabe o que os países fazem para vencer lá. Quem inscreve os filmes em Cannes são os países, porque têm muita despesa, têm que dar coquetéis, têm que dar reuniões, têm que chamar a imprensa, custa muito caro inscrever um filme em Cannes. Então os países que têm posses todo ano estão lá com todo o poderio. Nós aqui no Brasil, quando fui pedir dinheiro para viajar, para passagem e não sei o que, disseram assim: “Além de ser artista, de namorar as mulheres, ainda quer que a gente pague passagem para ele?”. Esse é o Brasil. O que vou fazer? Então, fui com meu dinheiro representa-lo e venci.

REVISTA: *Foi uma grande surpresa para todo o meio cinematográfico?*

ANSELMO: Ninguém esperava nada do Brasil. Eu não inventei coisa nenhuma, apenas fiz o que ninguém tinha feito, fiz um filme humano e filmei a verdade de um país. Era um filme com bastante humanidade, com bastante realismo, não era um filme pleno de técnica, era um filme bastante humano.

REVISTA: *O pessoal do Cinema Novo o criticou muito, não é? Por que isso aconteceu como o senhor encara essas críticas?*

ANSELMO: Tudo vem da nossa formação social. O pessoal do Cinema Novo, de um modo geral, eram jovens que tinham feito faculdade, tinham cultura, etc. e não faziam sucesso com cinema, estavam querendo inovar e não acertaram. Eu só fiz



cinema e todo filme meu era sucesso, era sucesso de público, era sucesso de crítica. Então começaram a me criticar, a dizer que era um filme de ignorante, filme primário, começaram a menosprezar, diminuir. Demorou muito tempo para passarem a respeitar e a entender que cinema não é questão de colorido, que cinema é uma questão de inteligência e uma questão de mostrar a realidade através de uma das mais importantes artes que temos no mundo. Mas, é uma arte muito difícil. Eu sempre fui cineasta, nasci cineasta, desde menino já fazia cinema, desde garoto sempre gostei de cinema e sempre estudei cinema, sempre fui ver cinema.

REVISTA: *O senhor acha que o cinema brasileiro hoje já tem um outro espaço, há menos no preconceito em relação ao seu valor?*

ANSELMO: Ah, sim, ganhamos já muitos prêmios internacionais e hoje há mais recursos do que nós tínhamos naquela época e as escolas de cinema, academias de cinema, são mais bem preparadas. Está bem melhor o cinema brasileiro.

REVISTA: *Numa sociedade que valoriza a beleza física como é que o senhor pensa a questão da passagem do tempo, a chegada do envelhecimento? Como o senhor reflete sobre isso?*

ANSELMO: É uma coisa triste. É uma coisa triste porque você sabe que vai acabar, que o negócio vai terminar com o tempo, com o envelhecimento. Então você tem que esperar. São raros, mas tem alguns que mesmo com o envelhecimento continuam sendo bons atores. Diversos atores brasileiros continuam sendo reconhecidos bons atores mesmo com o envelhecimento.

REVISTA: *Muitas pessoas interioranas vieram a São Paulo e formaram a indústria cinematográfica brasileira, como o senhor, como Moacir Fenelon, não é?*

ANSELMO: É verdade, porque cinema você não podia fazer no Interior, então todo cineasta do Interior sonhava vir para São Paulo, porque em São Paulo estavam instalados os estúdios de cinema, os produtores de filmes. Na minha cidade não tinha ninguém que fizesse cinema, só eu falava em cinema lá. Todo mundo que eu conheço em cinema veio do Interior.

REVISTA: *E o que o senhor tem a dizer aos jovens do Interior que sonham em fazer cinema?*

ANSELMO: Que hoje não precisam sonhar com São Paulo como eu sonhava, porque ele pode no Interior fazer filmes e coisas originais que não tem na cidade de São Paulo e só ele é capaz de fazer lá. A câmera, aqui em São Paulo eles alugam ou compram. O técnico vai para lá. Diria que não pensem que têm que vir a São Paulo, podem fazer cinema no Interior e devem fazê-lo porque o Interior tem muita originalidade e outros problemas para serem discutidos, para serem esclarecidos.

REVISTA: *A arte sempre esteve acima da política na sua vida?*

ANSELMO: Sempre esteve acima da política. Sabe o que é pior que a política? A



inveja. Porque a arte proporciona uma vida maravilhosa para o artista, dá nome, dá prestígio e provoca muita inveja. As pessoas, às vezes, querem ser artistas não para representar uma peça, mas para ter nome, para ser famoso, para chegar em casa e falar: “Mãe, seu filho está trabalhando no cinema, seu filho fez um filme”!

REVISTA: *O senhor foi casado com a Ilka Soares.*

ANSELMO: Eu fui casado com ela, tive filhos com ela. Ilka Soares era a mulher mais bonita do Brasil.

REVISTA: *O senhor casou quantas vezes?*

ANSELMO: Com a Ilka casei duas vezes. Eu estou falando uma coisa impossível e você está aceitando!

REVISTA: *Casou duas vezes com a mesma pessoa!?*

ANSELMO: Casei duas vezes. Casei, me separei dela e depois de um ano casei com ela outra vez. Eu a amava, mulher maravilhosa, muito feminina, gostava muito da Ilka, muito feminina. É o que eu gosto na mulher, gosto de mulher feminina, meiga.

REVISTA: *Recentemente o senhor esteve em Cannes, eles fizeram uma homenagem a todos os diretores vencedores.*

ANSELMO: Sim, fizeram. Fomos convidados para a comemoração dos 50 anos do Festival de Cannes, estavam lá só os vencedores da Palma de Ouro. Cada um estava com a “palminha” na mão.

REVISTA: *Quais são seus projetos?*

ANSELMO: Projetos? Não tenho, tudo o que eu queria já consegui.

REVISTA: *Um sonho, um plano, o próximo filme?*

ANSELMO: O próximo filme? Não, não estou pensando, é muito trabalhoso, muito trabalhoso. Não pretendo fazer mais nada assim, a não ser que apareça uma idéia boa. Um filme só pode ser feito, só deve ser feito quando você tem uma boa idéia. Fazer um filme só para dizer que dirigiu um filme é jogar dinheiro fora. Se tiver uma boa idéia, uma boa história, valerá a pena fazer um filme.

REVISTA: *Esta revista é dirigida ao público interessado nas questões do envelhecimento, nas questões da vida. A gente sempre pede para o entrevistado que ele nos diga alguma coisa que acha importante deixar como uma mensagem para as pessoas que estão envelhecendo. O senhor tem algum recado para os velhos desse país?*

ANSELMO: Eu dou o seguinte recado: algumas pessoas aqui no Brasil têm o hábito de ser superior não sendo superior e sim diminuindo aquele que é realmente superior. No dia em que perderem esse hábito de diminuir as pessoas que fizeram alguma

coisa e merecem respeito e consideração. Tais pessoas devem ser enaltecidas, admiradas, citadas aos seus filhos como exemplo. É preciso que o brasileiro tenha orgulho de ser brasileiro e para ter orgulho de ser brasileiro ele deve começar a ter orgulho de brasileiros que merecem ser admirados.

REVISTA: *Como você está vivendo o seu envelhecimento?*

ANSELMO: Às vezes você se assusta quando está passando num lugar e olha para o espelho, você vê um indivíduo com o cabelo todo branco e descobre que é você. Quando você não está se olhando, está se sentindo ainda jovem. Eu estou com 85 anos, mas não falo como um homem de 85 anos, não tenho a voz de um homem de 85 anos, não ando como um homem de 85 anos, as coisas que eu faço não são de alguém com 85 anos, são de pessoas de 20, 30 anos. É uma coisa curiosa. Do que eu estava falando mesmo? Ah, outro dia olhei no espelho e levei um susto. Se eu estou falando com uma moça, me vejo jovem, como quando tinha 30 anos. Eu não me vejo velho. Olhei no espelho e me vi com a cabeça branca, levei um susto. Falei para ele: “Poxa, eu estou com a cabeça branca”. (risos) Estava branquinha, eu nem sabia que estava com a cabeça assim. É uma coisa curiosa essa.

REVISTA: *Você faz regime alimentar?*

ANSELMO: Nada. Nunca fiz nem para engordar, nem para emagrecer. Como tudo que eu tenho vontade de comer. Fumava que era uma barbaridade. Meu apelido era “o boêmio”. Eu tinha muitos amigos no Rio de Janeiro, na Fiorentina, no bairro do Leme. Eu era o último a sair do restaurante. Enquanto tivesse alguém para conversar, lá estava eu conversando. Ia todo mundo embora, chegava a sair o sol e a gente estava lá. Eu era o último a sair, então me chamavam de o boêmio Anselmo. Sabe quem é que me apelidou? Ah, o Bororó, compositor de “A cor do pecado” e Jorge Dória.

REVISTA: *O senhor costuma fazer exames de saúde?*

ANSELMO: Recentemente fiz mais de 20 exames de saúde, exame de sangue, exame disso, exame daquilo, até de Aids. Todos os exames, sem exceção, deram negativos, ou seja, tenho a saúde absolutamente perfeita. A pressão está melhor que a de um jovem: 13 x 8.

REVISTA: *Como é possível que um indivíduo boêmio, que nunca fez regime, que nunca se cuidou, chegar aos 85 anos com essa saúde?*

ANSELMO: Eu tenho a impressão de que é alegria de viver que dá saúde. Eu sou uma pessoa que tem muita alegria de viver. Eu tenho muita alegria em conversar, em

“Eu não me vejo velho. Olhei no espelho e me vi com a cabeça branca, levei um susto. Falei para ele: “Poxa, eu estou com a cabeça branca”. (risos) Estava branquinha, eu nem sabia que estava com a cabeça assim. É uma coisa curiosa, essa?”



conhecer pessoas, se a pessoa quiser conversar comigo, fico à disposição. Eu sou um homem muito feliz, é por isso, eu sou muito feliz. Detesto infelicidade. Tem pessoas que chegam e dizem assim: “Imagine você que lá em casa essa semana aconteceu isso e isso”. Tem gente que adora essas notícias e dizem: “Você não imagina, na minha casa foi pior”. Ele tem uma pior ainda: “Na minha casa, a minha sogra caiu e quebrou tudo”. Eu não tenho desse negócio. Eu sou uma pessoa feliz. Dizem que filhos dão muito trabalho, que é muito chato criar filhos. Para mim é uma alegria, é uma graça. Meus filhos gostam muito de mim. É audacioso falar uma coisa dessas, até dizem: “Você tem coragem de falar que seus filhos gostam de você? Você pode cair do cavalo, pode ser que não gostem”. Eu tenho certeza. Por que tenho certeza? Porque me acham muito engraçado e ninguém tem raiva de uma pessoa alegre, feliz. Meus filhos me acham muito engraçado, eu não sou daqueles que dizem “siga meu exemplo”. Não, eu não quero que sigam meu exemplo, quero que sejam melhores do que eu. E podem ser. O mundo está provando que os filhos são sempre melhores do que os pais, estão sempre melhorando. No meu caso está um pouco difícil, eu fui bom demais, (risos) mas isso já está passando. Mas eu não deixo. Quando começam a progredir muito, eu baixo o nível (risos). Mas meus filhos são muito inteligentes, todos eles.

REVISTA: *Quantos filhos o senhor tem?*

ANSELMO: Eu tenho quatro filhos. São todos bem resolvidos, todos são importantes, todos têm boa cabeça, inteligentes. Puxaram o pai, obrigado (risos). Das mães eles puxaram o que tem de melhor a mulher, que não é a inteligência, puxaram a beleza das mulheres.

REVISTA: *De que modo o senhor ocupa o seu dia?*

ANSELMO: Ontem disse a meu filho: “Veja lá, não vá cancelar a entrevista”. Estou sempre em atividade. Todos dias a primeira coisa que eu pergunto quando saio da minha suíte é sobre a programação do dia. A agenda do dia. Mas faço uma triagem, porque tem gente que vem só ocupar o tempo, faz entrevista sem repercussão nenhuma como aluno de faculdade de comunicação. Sou muito interessado em tudo, preciso manter-me em atividade, senão eu morro. Quando chega cinco e meia, seis horas da tarde, meu lado boêmio vem à tona e pergunto: “Onde é que nós vamos jantar?”. Na verdade, é mais para conversar que para jantar.

REVISTA: *E como está a sua boêmia atualmente. Como é a sua vida de boêmio hoje?*

ANSELMO: A gente ainda sai muito para “jantar” e às vezes o papo do “jantar” vai até de madrugada. Continuo firme, penso...

REVISTA: *Queremos lhe agradecer muito por essa tarde tão divertida.*

ANSELMO: Obrigado a vocês do SESC. Continuo à disposição.



Conselho Regional do SESC de São Paulo
2004-2010

Presidente

Abram Szajman

Efetivos

Carlos Eduardo Gabas
Cícero Bueno Brandão Júnior
Eduardo Vampré do Nascimento
Eládio Arroyo Martins
Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
Ivo Dall'acqua Júnior
José Maria de Faria
José Maria Saes Rosa
José Santino de Lira Filho
Luciano Figliolia
Manuel Henrique Farias Ramos
Orlando Rodrigues
Paulo Fernandes Lucânia
Valdir Aparecido dos Santos
Walace Garroux Sampaio

Suplentes

Amadeu Castanheira
Ariovaldo Maniezo
Arnaldo José Pieralini
Benedito Toso de Arruda
Carlos Alberto D'ambrósio
Dan Guinsburg
Jair Toledo
João Herrera Martins
Jorge Sarhan Salomão
Mariza Medeiros Scaranci
Paulo João de Oliveira Alonso
Paulo Roberto Gullo
Rafik Hussein Saab

**Representantes do Conselho
Regional Junto ao Conselho Nacional**

Efetivos

Abram Szajman
Euclides Carli
Raul Cocito

Suplentes

Aldo Minchillo
Costabile Matarazzo Junior
Ozias Bueno

Diretor do Departamento Regional

Danilo Santos de Miranda

SESC SP

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 30 unidades, disseminadas pela Capital e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia, turismo social e cinema.

SESC SP
SÃO PAULO - BRASIL
www.sescsp.org.br

ISSN 1676-0336

